

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ARTES

**A Congada e a câmera: ação afro-descendente e  
representação midiática**

Lílian Sagio Cezar

**Campinas, SP  
2005**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ARTES  
Mestrado em Multimeios

**A CONGADA E A CÂMERA: AÇÃO AFRO-DESCENDENTE E  
REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA**

LILIAN SAGIO CEZAR

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Multimeios sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Haydée Dourado de Faria Cardoso.

CAMPINAS – 2005

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

C339c Cezar, Lilian Sagio.  
A Congada e a câmera: ação afro-descendente e representação  
midiática / Lílian Sagio Cezar – Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientadores: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Haydée Dourado de Faria Cardoso.  
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Artes.

1. Congada. 2. Antropologia. 3. Fotografia. 3. Televisão.  
4. Jornal. I. Cardoso, Haydée Dourado de Faria. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em ingles: “Congada and the camera: african-descending action and media’s  
representation.”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Congada. Anthropology. Photography.  
Television. Newspaper.

Titulação: Mestre em Multimeios.

Banca examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Haydée Dourado de Faria Cardoso.

Prof. Dr. Fernando Cury de Tacca.

Prof. Dr. José Gatti.

Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto (suplente).

Prof. Dr. Adilson Ruiz (suplente).

Data da Defesa: 08-08-2005

Programa de Pós-Graduação: Multimeios.

*Á memória de meus avós.*

*Ás Rainhas Conga e Reis Congo, de  
hoje e sempre.*

## Agradecimentos

Aos meus pais, José Ronaldo Cezar e Terezinha Maria Sagio Cezar, ao meu irmão Emiliano Sagio Cezar e demais familiares pelo amor, incentivo e apoio em todos os momentos.

À Leonídia de Castro Ságio (*in memória*), Sônia Maria Sagio Donabella, Vanessa Sagio Donabella e Fabiano Meneguel Ságio por gentilmente me abrigarem em suas casas durante o período de pesquisa de campo.

Aos congadeiros e moçambiqueiros de São Sebastião do Paraíso, em especial, Genuita Pereira de Paula, a quem eu carinhosamente chamo de dona Geni e toda a sua família, pela confiança e apoio.

Aos congadeiros do terno Xambá, em especial, dona Maria Xambá e capitão Gorvalho por gentilmente terem me recebido nos mais diversos momentos da pesquisa de campo.

Aos membros da Comissão Organizadora da Congada e Prefeitura Municipal de São Sebastião do Paraíso por permitirem o meu acesso nos desfiles da Festa da Congada.

Aos amigos do Departamento de Múltiplos Meios que tanto me ajudaram: Vanda, Leodete, Élcio, Beto, Celso, Paulo Dantas, Daniel, Genésio, Liliane.

À Patrícia Rodolpho, Eduardo Covas, Francisco Santiago Junior, Marcos Correa e Lúcio Camargo pela amizade e companheirismo nesta caminhada intelectual.

Aos professores Fernando de Tacca, Iara Lis, Hélio Sôlha, Adilson Ruiz, Paulo Martins, Armando Valente, Milton Guran, mais que mestres, amigos!

À Professora Haydée Dourado de Faria Cardoso, cujos ensinamentos vão além do certame acadêmico, são para toda a vida!

Ao Jorge Hernandez Fernandez, meu mais profundo agradecimento por ser meu grande cúmplice em mais esta empreitada!

## **Resumo**

A Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, MG, é uma Festa secular de origem afro-descendente, realizada, por meio da confluência de interesses múltiplos articulados entre os produtores da Festa, denominados congadeiros e moçambiqueiros, os representantes da Prefeitura, Igreja, comerciantes e fazendeiros, e mais recentemente as empresas de mídia, presentes no âmbito local. Esse texto apresenta a análise dos produtos midiáticos que representam esta Festa em relação às especificidades e “tradições” circunscritas à Congada. Para tanto, primeiramente procedeu-se pesquisa antropológica junto ao grupo de realizadores desta Festa. Em seguida foram selecionadas e analisadas matérias jornalísticas publicadas em jornais de circulação local e programas televisivos que permitiram verificar formas deliberadas de negociação entabuladas entre congadeiros e moçambiqueiros e os produtores midiáticos visando à conquista da legitimidade e respeito para com esta Festa em sua especificidade.

## Abstract

The Party of Congada of São Sebastião do Paraíso, MG, is a secular Party of afro-descendant origin, carried through, by means of the confluence of multiple interests articulated between the producers of the Party, called *congadeiros* and *moçambiqueiros*, the representatives of the City hall, Church, traders and farmers, and more recently the companies of *media*, in the local scope. This text presents the analysis of the *media* products that represent this Party in relation to the circumscribed “traditions” of the Congada. For in such a way, first anthropological research in to the group from producers of this Party was preceded. After that they had been selected and analyzed journalistic substances published in periodicals of local circulation and televising programs that had allowed verifying deliberate forms of negotiation between *congadeiros* and *moçambiqueiros* and the *media* producers aiming at the conquest of the legitimacy and respect with this Party.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	19
Correntes Teóricas .....	21
Quadro Metodológico .....	26
Porque construir uma descrição Etno-Foto-Gráfica? .....	29
Também sobre a fotografia .....	30
<b>Capítulo I – A Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso em sua especificidade</b> .....	33
Escravidão, Confrarias, Reis e Rainhas: breve panorama histórico da realização das Festas de Congada no Brasil .....	34
Descrição Etno-Foto-Gráfica da Festa de Congada .....	40
<b>Capítulo II - Análise das imagens veiculadas na imprensa local que representam a Congada</b> .....	69
O jornal Folha da Manhã .....	70
A Gazeta do Sudoeste .....	72
O Jornal do Sudoeste .....	85
<b>Capítulo III - A Festa da Congada e as tevês locais: articulações entre congadeiros, moçambiqueiros e mídia</b> .....	94
Tevês locais, Prefeitura Municipal e a Festa de Congada .....	99
Breve histórico das tevês locais de São Sebastião do Paraíso .....	101
Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2002 .....	105
Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2003 .....	109
Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2004 .....	119
Mesa Redonda .....	122
Série de Reportagens sobre as Congadas .....	125
Apuração do Desfiles – Congadas 2004 .....	140
Comparação entre as imagens representando os desfiles da Festa de Congada .....	143
<b>Conclusões - Proposta para uma compreensão aprofundada acerca da composição de imagens que representem a Congada de São Sebastião do Paraíso</b> .....	157
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	166
<b>Anexo I</b>	

## Índice de Esquemas e Imagens

### Fotografias

Foto 01 – Bandeira .....	48
Foto 02- Subida das Bandeiras .....	49
Foto 3 – Pedido de Proteção e Bênçãos .....	50
Foto 04 – Arrumação dos santos .....	52
Foto 05 –Diamante .....	63
Foto 06- Xambá .....	65

### Esquemas

Esquema I – Rito da Meia Lua .....	58
Esquema II - Visualização esquemática de um terno de moçambique (modelo adotado Terno Diamante) .....	62
Esquema III -Visualização esquemática de um terno de congo (adotado como modelo o terno de congo Xambá) .....	64

### Imagens

Imagem 1 – Matéria publicada no Jornal A Folha da Manhã com o título “Paraíso inicia Festa das Congadas”, dia 25 de dezembro de 2002, página 4 .....	70
Imagem 2- Matéria “Falta pouco para a Festa” publicada no jornal A Gazeta do Sudoeste dia 24 de dezembro de 2003, página 5 .....	73
Imagem 3 – Detalhe: fotografia da matéria “Falta pouco para a Festa” publicada no dia 24 de dezembro de 2003, página 5. ....	76
Imagem 4- Matéria “Congadas 2003” publicada no dia 31 de dezembro de 2003, primeira página .....	78
Imagem 5 – Matéria publicada no Jornal do Sudoeste de 02 de janeiro de 2005, intitulada “Um devoto da cor”, página 4 e 5 .....	85

### Tabelas

Tabela I – Comparação das transmissões da Festa da Congada realizadas pela TV Paraíso em 2002 e TV Sudoeste em 2003 e 2004 .....	143
--	-----

## Introdução

A pesquisa aqui apresentada está escorada em reflexão crítica sobre imagem, memória coletiva e dinâmica social, abordando teorias que discutem o papel da *mídia* diante da tendência à homogeneização global, as repercussões dos produtos *mediáticos* junto a processos identitários locais tendo como foco relações entre os produtores da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, e a mídia local.

Interessa-nos verificar qual a dimensão das relações de negociação, em suas diversas instâncias, estabelecidas entre os congadeiros e moçambiqueiros, e os produtores de bens culturais da mídia. Para tanto, baseamo-nos nas pesquisas de Soares (2000) que indicam que tais Festas constituem-se como a face mais pública de agremiações de leigos escravos – e mais recentemente descendentes de escravos entre outras pessoas – geralmente organizadas junto à Igreja Católica e/ ou ao setor de turismo, que mantém sob a forma de “folclore ou tradições populares, um espaço desconhecido de articulação de poder” (Soares, 2000, p. 193).

Partimos da hipótese central de que a Festa de Congada também se constitui enquanto um meio de expressão de conflitos sociais decorrentes das disparidades sociais entre escravos e seus descendentes e a elite constituída pelas oligarquias, Igreja, e o Estado durante todo o período colonial e regencial.

As conseqüências das desigualdades sociais, econômicas, políticas, religiosas advindas da escravidão ainda não foram completamente superadas e permeiam as atuais articulações estabelecidas entre comunidades produtoras dessa cultura popular de extração afro-brasileira e os demais grupos de interesse: Estado, Igreja, empresários e fazendeiros locais, e mais recentemente a mídia. Conflitos esses que exprimem a aquisição de recursos econômicos, desigualdade de poder e disputa pelo uso do espaço público pelos diversos grupos e agentes.

A compreensão das relações de poder estabelecidas ao longo do tempo entre os diversos agentes e grupos envolvidos no processo de constituição e manutenção dessa Festa nos permitiram perceber a ocorrência ou não de modificações atribuídas à recente utilização de imagens representando a Congada na mídia. Pergunta-se, qual o possível impacto dessas imagens no processo de manutenção de tradições e recriação de padrões culturais caros à memória coletiva?

Questiono também: 1) se o tipo de divulgação ou repercussão *mediática* atualmente realizada em torno da Festa cumpre fins mercadológicos e visam agregar possíveis símbolos positivos ao município, ao concurso e à própria mídia local, numa tentativa de atrair turistas e investimentos para a cidade nesse período do ano e 2) se existem características fundamentais e específicas à Congada que permitam a manutenção e reelaboração “da tradição” sem deixar de cumprir as exigências externas ao grupo?

Algumas questões nortearam a pesquisa e análises dos resultados obtidos. A circulação de imagens fixas e em movimento estaria influenciando na realização das Congadas e na preservação da memória? De que modo? Teriam os congadeiros e moçambiqueiros estabelecido formas específicas de tratativa em relação aos representantes da *mídia*? Com que finalidade?

Para responder a essas questões se faz necessária a compreensão das relações e articulações estabelecidas ao longo do tempo entre os diversos agentes e grupos, em especial os congadeiros e os representantes da mídia locais, envolvidos no processo de constituição e manutenção dessa Festa. O desenvolvimento de tal reflexão visa permitir perceber a ocorrência ou não de modificações atribuídas à recente utilização de imagens representando a Congada na *mídia*.

Por *mídia*<sup>1</sup> compreendo, como quer Downing (2002), processos comunicacionais realizados por meio de um complexo intrincado de interesses, demandas e respostas conflituosas formadas por forças díspares que envolvem negociações com os sujeitos representados e os públicos destinatários.

Canclini (1997) destaca que alguns teóricos passaram a perceber profundas modificações nas características referentes à configuração do espaço público. De maneira geral, diz esse autor, a noção de espaço público passou a ser deslocada em direção ao espaço *mediático*. Dentre os fatores que acarretaram tal reconfiguração encontra-se a ação dos meios de comunicação por meio da atuação das grandes empresas desse setor.

---

<sup>1</sup> Medium, ii, substantivo, 2.<sup>a</sup> declinação, neutro, significando meio, centro. No plural médium fica media, no nominativo (caso sujeito) acusativo (objetivo direto) e vocativo. Como a derivação do português em sua maioria provém do acusativo latino – é o caso lexogênico – media provém desse acusativo plural neutro. Também o dicionário Gaffiot – Latin Français (1934) – registra o adjetivo de primeira classe medius, a, um, com o mesmo significado. A. Gellius, gramático latino do segundo século d.C. usou media (que agora se pronuncia mídia para acompanhar a pronúncia inglesa), no sentido de termos ambíguos, media vocábula.

A Congada é uma Festa que tradicionalmente adquiriu legitimidade para utilizar o espaço público com a realização efetiva de manifestações culturais de tradição africana que envolve ritos referenciados a um mito fundador e ordenador da Festa. Investigo em diversos momentos da pesquisa se existe a preocupação, por parte dos congadeiros e moçambiqueiros, da utilização não somente do espaço público, mas também do espaço *mediático*.

Questiono quais tipos de representação é realizado pela mídia sobre a Congada de São Sebastião do Paraíso, MG, e quais os efeitos dessa representação no próprio grupo produtor da Festa, a partir da opinião e atitudes advindas dos congadeiros e moçambiqueiros.

A cultura, enquanto produto veiculado por empresas midiáticas, tornou-se “um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar” (Canclini, 1997, p. 17).

Vislumbro a necessidade de discutir a articulação estabelecida entre os meios de comunicação e o grupo de congadeiros uma vez que a maneira de leitura e utilização dessa cultura *mediática* é certamente influenciada pelos valores culturais desse grupo, que no caso estudado são elementos resguardados secularmente por meio de segredos, também chamados de “fundamentos”<sup>2</sup>, diretamente vinculados à “tradição” da Congada.

Essas são problemáticas que a pesquisa visa discutir. Para tanto, utilizamos um quadro teórico composto de contribuições de alguns pensadores das áreas de comunicação, antropologia e sociologia, que apresentamos a seguir.

### ***Correntes Teóricas***

Para dar conta do objeto dessa pesquisa se fez necessário entender as peculiaridades da linguagem visual visando analisar o efeito das imagens sobre a vida social do grupo pesquisado, bem como refletir sobre o lugar ocupado pelas fotografias, pelas transmissões

---

<sup>2</sup>“Segredo” entre os congadeiros e moçambiqueiros de São Sabastião do Paraíso tem o mesmo sentido que Cardoso (1982) verificou para “fundamentos” nos rituais afro-brasileiros de extração banto: noções do sagrado que o “iniciado” é obrigado a cumprir e não divulgar. Estas informações ficam na esfera do recórdito, do secreto, na intimidade do núcleo do grupo. Estes segredos também são chamados de “tradição” e constituem o sistema simbólico ordenador da Congada.

televisivas, pelas matérias de jornal e vídeos nos sistemas simbólicos, tendo para com tais objetos as mesmas preocupações teóricas e metodológicas presentes nos estudos das representações sociais.

Correntes teóricas polemizam concepções como indústria cultural, cultura de massa e sistemas simbólicos e têm sido amplamente utilizadas para a análise de imagens sejam estas veiculadas pelos jornais, revistas, tevê, enfim, pela mídia em geral.

Os primeiros estudos sobre comunicação foram realizados por correntes teóricas distintas. Desenvolvida nos Estados Unidos, a teoria hipodérmica tinha seu foco centrado na relação emissor – mensagem – receptor, buscando compreender a partir da matriz behaviorista (ação – reação) os efeitos da mensagem sobre o receptor. Esta corrente elaborou as primeiras teorias sobre as propagandas e seus efeitos, partindo da premissa de uma teoria da sociedade de massa.

O termo cultura de massa é criticado pelos frankfurtianos como uma ideologia que quer fazer crer existência de uma cultura inerente e espontânea às massas (Cohn, 1973). E são os teóricos da Escola de Frankfurt que se opõem à teoria hipodérmica constituindo assim outra vertente dos estudos sobre comunicação. Para tais teóricos, o fenômeno massa é produzido socialmente, ou seja, não se trata de uma comunidade originalmente próxima ao indivíduo, mas somente se aglutina enquanto massa através do aproveitamento de fatores racionais-psicológicos; ela dá aos homens a noção de proximidade e vinculação. Precisamente, enquanto produz tal ilusão, contudo ela pressupõe a atomização, alienação e impotência do indivíduo isolado.

A análise crítica elaborada por meio desta “escola” parte do pressuposto da existência de uma indústria cultural, ou seja, uma indústria capitalista voltada para a produção de bens culturais transformados em mercadoria, baseada na divisão do trabalho e na racionalidade da produção visando o lucro.

A indústria cultural tem seus produtos adaptados ao consumo das massas, como também consegue determinar o próprio consumo através de um “emissor ativo, senhor dos sentidos, e um receptor passivo, incapaz de um conhecimento objetivo e crítico da realidade. A indústria cultural totalitária transformaria tudo em mercadoria, esvaziando o valor de uso de qualquer bem, no sentido capitalista, onde então as coisas passariam a valer no mercado tão-somente pelo seu valor de troca” (Leal, 1986, 288).

Os trabalhos realizados desde então se desenvolviam seguindo tais concepções notadamente ainda segregadas nestes dois pólos brevemente apresentados. O conceito de recepção, presente em ambas as correntes teóricas, apresenta-se de acordo com a formulação clássica de comunicação proposta por Aristóteles. Segundo este paradigma a comunicação é descrita como processo ou ato por meio dos quais mensagens são transmitidas desde uma fonte até seus receptores. Este processo envolve canais transportadores de sinais por meio dos quais ocorre o intercâmbio de símbolos cujos códigos são compartilhados tanto por quem emite como por quem recebe os mesmos.

Está implícita neste modelo paradigmático a intenção manifesta de que processos comunicacionais visem afetar o comportamento do receptor, podendo assim interferir sobre seu modo de sentir, agir e pensar. Entretanto, a unidirecionalidade descrita neste processo é percebida como não condizente com experiências das mais diversas, sobre as quais pesquisadores vêm cada vez mais se debruçando.

Em outra vertente de pensamento Bourdieu (1989) realizou seus estudos sobre os sistemas simbólicos, ou seja, instrumentos do conhecimento do mundo e da comunicação. Os sistemas simbólicos podem ser definidos como instrumentos estruturados e estruturantes que também cumpririam função política de instrumento de dominação de uma classe sobre a outra, nesse caso, violência simbólica. Nessa concepção, a cultura que une por ser um intermediário de comunicação é também a cultura que segrega através de instrumentos e elaborações de distinção.

Esse processo de competição entre as diversas culturas é que legitima a distinção e define as distâncias das demais culturas em relação à cultura dominante hegemônica, sendo essa última, no caso estudado - a sociedade francesa altamente estratificada - sempre o padrão burguês. O conceito massa não é privilegiado, uma vez que Bourdieu (1986) considera as relações de conflito de classe como fator constituinte e determinante das sociedades modernas.

No plano mais holístico, diz Mauro Marcondes Filho, ocorre comunicação não somente quando se operam processos por meio dos quais se impõem concepções de mundo a partir de um enunciador para um receptor, mediada pelo uso de tecnologias da informação, mas, principalmente, “quando eu consigo fazer com que o outro atinja a mesma faixa de frequência de meu pensamento, entre em minhas idéias, as sinta como eu. Mas isso jamais se realiza de modo imediato. Por isso o processo comunicativo deve ter condições de maturação, é um

trabalho que supõe certo caminhar juntos, na constância, na insistência; um trabalho continuado e intencional em transmitir ao outro, de fazê-lo sentir em nós” (2004, p. 100).

A expansão do conceito aristotélico de comunicação somada à crise da modernidade ocidental, onde são operadas transformações nas relações entre modernismo cultural, tradição e modernização sócio-econômica<sup>3</sup> exigem a conseqüente relativização de teorias sobre o tema.

Além disso, pensar os processos comunicacionais na América Latina requer do pesquisador uma acuidade no que se refere à contextualização dos eventos estudados e dos conceitos utilizados para empreender tais análises.

Facilmente se pode constatar que elementos e características atribuídos à pós-modernidade são hegemônicos nas artes, arquitetura e filosofia mundial, porém, o mesmo não ocorre na política e economia, em especial na América Latina, onde os objetivos modernizadores constituem planos de campanha eleitorais e estratégias de governos.

Com base nessa constatação, Canclini desenvolve a seguinte concepção de pós-modernidade: “concebemos a pós-modernidade não como uma etapa ou tendência que substitua o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se. A relativização pós-moderna de todo o fundamentalismo ou evolucionismo facilita revisar a separação entre o culto, o popular e o massivo, sobre o qual ainda simula assentar-se a modernidade, elaborar um pensamento mais aberto para abarcar as interações e integrações entre os níveis, gêneros e formas de sensibilidade coletiva” (2003, p. 28).

Nesse sentido, os processos de comunicação não podem ser pensados enquanto ação de microsistemas isolados e puros, enraizados em territórios determinados. Mediante a globalização da economia e a concomitante mundialização da cultura, os processos comunicacionais carecem ser pensados a partir da observação dos movimentos potencializadores de diferenciação entre grupos sociais, quando estes se esforçam para expor as especificidades de sua cultura e, por conseguinte afirmar sua identidade em relação às outras demais.

---

<sup>3</sup> Modernidade é vista aqui como etapa histórica, modernização como processo sócio-econômico que tende a construir a modernidade e modernismo como projeto cultural que renova práticas simbólicas adotando caráter experimental e crítico (Canclini, 2003, p. 23).

Assim, podem-se considerar comunicação os processos sociais multiformes que englobam inúmeras práticas sociais simbólicas, inclusive as ditas populares, nas quais diversos grupos identitários se esforçam para se fazer ouvir e, portanto, se fazer reconhecer enquanto interlocutores desta prática.

Aqui compreendemos cultura como o conceito que “denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”(Geertz, 1989, p. 103).

Os processos de diálogos, mesmo que envolvendo certos conflitos e disputas, permitem que distintas culturas sobrevivam expressando as inerentes características comunicativas das mesmas. Esse processo de comunicação entre culturas, ainda que diverso e ambíguo, comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos.

Tais processos comunicacionais, segundo Martín-Barbero (2004), ocorrem centrados em lugares, ou seja, territórios, pontos de acesso e transmissão vinculados ao uso de tecnologias da comunicação que permitem a ativação e transformação do sentido do comunicar; resultante da fragmentação e desterritorialização produzida pela globalização que leva à hibridização das culturas.

Por outro lado, ainda segundo esse autor, o lugar no território também designa o local onde “se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana” (Martín-Barbero, 2004, p.58,59), e porque não mencionar, da capacidade de auto-gerir a própria memória, construindo relatos e imagens para expressar identidades.

Os contornos particulares da Festa de Congada e das respectivas transmissões televisivas exigiram o desenvolvimento crítico do embate teórico a respeito da mídia. O interesse aqui não está centrado simplesmente na análise de cada foto, vídeo ou transmissão separadamente, mas em tentar identificar na produção e circulação imagética os diversos olhares que podem estar ali contidos e que acabam por influenciar e compor a memória coletiva, através de diálogos e interações que permitem a manutenção, transformação e recriação da Congada enquanto prática concomitantemente cultural, religiosa e identitária.

A metodologia aqui utilizada fora escorada por um quadro teórico interdisciplinar que forneceu as devidas ferramentas e delimitações necessárias para a plena realização dessa pesquisa. No plano das Ciências Sociais citamo-nos a partir das contribuições de Halbwachs (1990) que conceituou memória coletiva, Bourdieu (1986) e suas discussões sobre sistemas simbólicos, Stuart Hall (2000) e suas contribuições sobre identidade, Downing (2001) e Canclini (1995) por meio das discussões sobre os meios de comunicação, Vilém Flusser (2002) e sua noção de imagem técnica.

Grande atenção foi dada também à literatura acadêmica referente às contribuições afro-descendentes para a cultura brasileira. Incluímos nesse conjunto Roger Bastide (1960), Julita Scarano (1975), Haydée Dourado de Faria Cardoso (1982; 1990), entre outros.

### ***Quadro Metodológico***

O leitor pode estar se perguntando: “porque a autora não se propôs a utilizar o conceito de folclore ou cultura popular para definir a Congada, o que poderia possibilitar um mínimo entendimento sobre o assunto para, a partir disso se dedicar mais às análises dos programas e matérias veiculados pela *mídia* local sobre a Festa”?

Este caminho, aparentemente mais rápido e fácil, talvez possibilitasse a análise dos produtos midiáticos que dão visibilidade à Congada no nível local a partir de comparações com outras transmissões ou coberturas jornalísticas como, por exemplo, as realizadas anualmente pela Rede Globo de Televisão por ocasião do Carnaval carioca ou paulista.

Este seria um estudo bastante revelador que poderia contribuir inclusive para a análise das relações da qualidade do formato adotado na produção de imagens destes eventos, das pautas e questões abordadas durante as entrevistas realizadas pelos jornalistas, entre outros, e fica a sugestão e incentivo para a realização deste tipo de estudos em comunicação.

Porém, o escopo deste trabalho investigativo tem por base a compreensão e análise das relações entre os agentes produtores da Festa, as características dos eventos circunscritos à Congada e sua representação nos produtos midiáticos.

Busquei na metodologia antropológica a possibilidade de me aproximar e, deste modo apreender diretamente com congadeiros e moçambiqueiros alguns dos diversos significados

desta Festa, como preconiza Lopes (2001), visando assim melhor contruir um quadro metodológico na área de comunicação por meio de procedimentos comuns a outras disciplinas.

A pesquisa social empírica propriamente dita foi iniciada por meio da realização de investigação exploratória que me permitiu entrar em contato com o grupo de congadeiros de São Sebastião do Paraíso, em especial, os do terno de congo Xambá. Desde então venho buscando, por meio de observação participante, me aproximar do grupo seja nos momentos específicos à Festa ou ainda em momentos restritos a ordem privada, por convite de alguns núcleos familiares.

No Capítulo I, por meio de relatos e entrevistas semi-estruturadas, primeiramente descrevo etnograficamente a realização da Festa em seus diversos rituais. A partir desses dados e dos relatos sobre o mito fundador da Congada procedo a análise visando compreender o processo pelo qual os congadeiros adquirirem legitimidade para realizarem seus rituais seja dentro da Igreja Católica ou em espaço público durante os dias da Festa da Congada.

A realização dessa pesquisa contou também com a utilização da fotografia como instrumento de pesquisa nas Ciências Sociais Aplicadas. Fotografei eventos públicos e particulares aos quais tive acesso. Essas fotografias foram utilizadas em momentos complementares da pesquisa constituindo-se o fio unificador que permitiu o desenvolvimento da pesquisa de campo realizada junto aos congadeiros e moçambiqueiros.

A fotografia também me permitiu abrir espaços de visibilidade de representação da Congada no corpo do texto, permitindo a integração entre linguagens distintas, mas que podem ser complementares: a escrita linear e a imagem mágica<sup>4</sup>. Todas as fotografias que integram este texto foram realizadas pela autora.

A contextualização dos eventos ocorridos no município por ocasião da Festa em relação ao panorama histórico referente à Congada no Brasil permite perceber o quanto tais acontecimentos de ordem local encontram similitudes em outras épocas e regiões do país. Concomitantemente, as características específicas da Congada de São Sebastião do Paraíso, dentre elas o fato dessa Festa ter se tornado nas últimas décadas um dos principais eventos do município nos permitiu focar a investigação na ação da *mídia* local em relação à Festa.

---

<sup>4</sup> Por magia compreendemos a “existência no espaço-tempo do eterno retorno” (Flusser; 2002, p. 78).

Deste modo constatei que as relações articuladas entre os produtores da Festa, os representantes da Prefeitura, Igreja, e mais recentemente da *mídia* local integram a realização da Congada por meio da confluência de interesses múltiplos, aparentemente díspares.

Após a análise e compreensão do modo como tais relações tem sido articuladas ao longo do período estudado, parti para a recolha e análise de matérias sobre a Congada em jornais impressos locais. De maneira minuciosa procuro verificar como as imagens fixas que representam a Festa de Congada são produzidas, quais seus sentidos no contexto da matéria e de que maneira representam a Festa.

A falta de arquivo nos jornais impressos e emissoras televisivas locais, não me permitiu realizar um corte temporal superior a três anos – 2002, 2003 e 2004. Venho acompanhando a realização das Congadas de São Sebastião do Paraíso desde 2001, o que me permitiu acumular materiais veiculados na mídia nesses três últimos anos.

No Capítulo II analiso também a produção de imagens em movimento, em especial as realizadas pelas tevês locais, TV Sudoeste e TV Paraíso, ambas filiadas à Rede Minas de TV. Para a pesquisa com essas imagens gravei em VHS as transmissões ao vivo da Festa de Congada e os programas sobre a Festa veiculados nestas tevês locais.

A análise das imagens em movimento é realizada a partir da decupagem e transcrição de alguns programas veiculados. Convidei algumas pessoas de famílias congadeiras, atualmente envolvidas com a organização e realização da Festa para assistirem junto comigo os programas veiculados na tevê local sobre a Congada. Assim pude observar a maneira como os congadeiros se relacionavam com suas próprias imagens representadas na tevê.

De posse dessa gama de informações passo a discutir o processo de representação da Congada na mídia local e se tais representações teriam o poder de exercer algum tipo de influência na realização da Festa da Congada. Essa pergunta foi respondida por meio da realização teórica de um esboço do conteúdo de instrumentos de conhecimento e de comunicação – sistema simbólico (Bourdieu; 1986) – compartilhado pelos próprios congadeiros de forma orientadora e identitária pertencente ao próprio grupo.

### ***Porque construir uma descrição Etno-Foto-Gráfica?***

A observação participante tornou-se a técnica de pesquisa seminal da antropologia. A descrição etnográfica se constitui passo posterior à observação e é um empreendimento cognitivo que visa registrar os eventos e processos ocorridos com uma determinada população específica num determinado período de tempo e, concomitantemente, realizar o primeiro esforço de abstração do pesquisador.

A abstração se dá no sentido de que o pesquisador, que observou um processo qualquer com determinadas pessoas, num período e local específicos, se esforce para num segundo momento abstrair as dimensões vividas de espaço e tempo presentes no mundo visível, para codificar em escrita linear os acontecimentos, tornando-os compreensíveis para aqueles que comungam da compreensão deste código escrito.

Por mais que a abstração se efetue, o pesquisador se reporta a um recorte espaço-temporal específico que imprime suas marcas no estudo e que impõe limites para a compreensão de uma determinada forma de organização. Tais limites impõem-se uma vez que os processos são dinâmicos e estão sujeitos a modificações e influências das mais diversas.

É implícito ao texto etnográfico a intenção do autor, por mais que a antropologia tenha desenvolvido técnicas de pesquisa que visem minimizar as conseqüências da parcialidade do pesquisador frente ao seu objeto.

A realização e utilização da fotografia nas descrições etnográficas tende a ser problematizada negativamente por diversos pesquisadores. O caráter simbólico dessas imagens, a materialização de uma forma de olhar parcial e particular do pesquisador, a escolha e conseqüente valorização de determinados aspectos em detrimento de outros são algumas das problemáticas questionáveis sobre a utilização da fotografia como instrumento de pesquisa.

O fato da fotografia se constituir em apreensão e materialização de uma cena em estado de “coisa” que traz em si a representação de um determinado aspecto, de um evento passado, não é em si algo contraditório com a antropologia.

A descrição da cena representada numa foto constitui um primeiro esforço em busca de uma interpretação da imagem. Com a descrição, a imagem técnica - tão mágica por conter em si o tempo do eterno retorno caracterizado pelo vaguear do olho por sobre a superfície da foto -

passa a ter sua representação codificada linearmente pela escrita. Isso faz com que a interpretação da imagem seja balizada pela escrita e pelo sentido por esta fixado. As informações extraídas da imagem por meio da descrição constituem matéria-prima para um outro tipo de descrição: a descrição etnográfica.

É permitido ao pesquisador utilizar as anotações por ele feitas em caderno de campo para compor as etnografias. Por que não seria permitido ao pesquisador realizar e utilizar fotografias para este fim comum?

O mesmo olhar instrumentalizado para proceder a observação participante e compor o caderno de campo pode também ser aquele que faz *fotografias eficientes* (Guran, 2002) para representar o objeto de estudo em questão.

A construção de conhecimento por meio de técnicas vinculadas ao método antropológico será tanto mais rica quanto maior a capacidade desenvolvida pelo pesquisador para lidar com diferentes formas de linguagens. Nesse texto destacamos a linguagem fotográfica como técnica capaz de contribuir para a aquisição e veiculação de conhecimentos em ciências sociais.

### ***Também sobre a fotografia***

A imagem fotográfica constitui um signo, uma vez que signo é todo objeto, forma ou fenômeno que represente algo distinto de si mesmo. Este signo geralmente se manifesta como traço do real, isto é, um índice. E também constitui-se em representação por semelhança ou analogia com o referente, nesse caso funcionando como um ícone. Concomitantemente, a fotografia representa ainda uma convenção social instituída em relação àquilo que a imagem designa, isto é, seu contexto.

A fotografia pode ser considerada como uma emanção do real passado por meio de imagem sem código, ainda que evidentemente, códigos venham a infletir em sua leitura (Barthes, 1984). Podemos ainda afirmar que o artefato fotografia tende a permanecer invisível, pois o que este dá a ver é o referente da foto em detrimento à materialidade da imagem em si. Para o autor, referente é tudo aquilo que é representado na fotografia.

Tratando-se de teoria, é justamente essa materialidade do suporte fotográfico (filme negativo e ampliação em papel ou outro suporte) uma das suas principais características. Desse

modo, aparelhos fotográficos permitem a apreensão de uma cena - recorte do mundo visível - por meio de um suporte material.

Flusser (2002) define a imagem realizada por meio de aparelhos (fotografia, cinema, vídeo) como imagem técnica. Aparentemente, ainda segundo esse autor, o significado da fotografia imprime-se de forma automática sobre sua superfície, como se o mundo representado na imagem resultante não fosse um símbolo, mas apenas a “causa” da foto. Porém, quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceptual, que é o seu verdadeiro universo de significado.

Todas as imagens são simbólicas e por isso precisam ser decifradas por aquele que deseja captar seu significado. Nas imagens tradicionais, como as pinturas, o agente humano elabora símbolos em sua mente e os transfere para superfície da imagem através de sua mão. Tais imagens são mediações entre o homem e o mundo. Já nas imagens técnicas, o aparelho<sup>5</sup> fotográfico é o resultado da cultura escrita, o que faz com que as fotografias estejam situadas no âmbito da consciência histórica. Essa característica, segundo Guran, coloca a fotografia como uma “espécie de ponte entre dois mundos” (2002, p. 16).

Para Flusser (2002), o aparelho e o agente humano formam o complexo “aparelho-operador”, que parece não alterar ou influenciar o elo entre imagem e significado. O complexo “aparelho-operador” é demasiadamente complicado, o que impossibilita o total desvendamento do processo codificador que se passa dentro da caixa-preta.

Ainda assim, podemos apreender o significado das imagens uma vez que “o aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-las em imagens (...) Fotografias são imagens dos conceitos, são conceitos transcodificados em cenas” (Flusser, 2002, p. 32).

Assimilando as preocupações sobre o complexo “aparelho-operador” compreendemos que o processo de formação da imagem fotográfica é composto por determinantes tecnológicas inerentes ao instrumento óptico, mecânico e químico do aparelho e do próprio processo fotográfico e, ao mesmo tempo, determinado pelo poder de escolha do fotógrafo.

A realização de imagens fotográficas é a concretização das escolhas e representações de determinados aspectos de evento passado. O simples fato de haver uma escolha, ou seja, uma

---

<sup>5</sup> Brinquedos, segundo Flusser (2002) simulam um dado tipo de pensamento.

seleção realizada no espaço e no tempo por meio do recorte fotográfico, atribui valor à cena fotografada.

Por ironia, a fotografia, em um primeiro momento, fotografa o notável para surpreender; e por inversão, decreta notável aquilo que foi fotografado. Isto se estende da fotografia para outras formas de representação do mundo visível por meio da imagem técnica.

Tais características da fotografia influenciam as suas utilizações nas mais diversas áreas do saber. O pesquisador que escolher dela fazer uso precisa conhecer as especificidades do instrumento fotográfico a fim de melhor proceder à sua investigação, explorando as potencialidades desse instrumento, minimizando as conseqüências negativas de sua utilização.

Para esse trabalho, algumas fotografias que realizei foram selecionadas para compor o discurso etnográfico tratando especificamente de momentos específicos da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso. Tais imagens fazem parte do trabalho de registro fotográfico por mim elaborado no período de 07 a 31 de dezembro de 2003<sup>6</sup>.

A utilização de filme colorido visou registrar também as cores escolhidas para a confecção das roupas, chapéus e adornos utilizados nos mais diversos momentos da Festa. Percebeu-se durante a observação participante que tais ornamentos estão relacionados à constituição de identidade dos grupos, merecendo assim atenção especial na composição das fotos.

No Capítulo III procedo à seleção e análise de matérias que representem as Congadas por meio de texto escrito e fotografias, publicadas em jornais locais. O trabalho de contextualização e descrição pormenorizada das fotografias em relação aos textos que acompanham as matérias permite compreender os sentidos e usos das fotos que representam congadeiros e moçambiqueiros quando estas são veiculadas na mídia.

Um quadro geral de discussão é elaborado e apresentado nas Considerações Finais. Procuo discutir a influência de imagens, fixas no caso dos jornais, em movimento, no caso das reportagens televisivas, sobre o grupo de congadeiros e moçambiqueiros e retomo as diversas instâncias de negociação entre estes e a mídia.

---

<sup>6</sup> As fotos foram feitas por meio de câmera Pentax K1000, lente 50mm, flash. O filme utilizado na realização dessas fotografias foi o Fugi Superia ASA200.

## Capítulo I

### A Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso em sua especificidade

O texto aqui apresentado tem dois objetivos distintos e complementares: o primeiro é traçar um breve panorama histórico da realização da Congada no Brasil; o segundo é realizar relato etnográfico de momentos específicos da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.

Este relato destina-se a uma contextualização para que se possa compreender em que terreno se articulam as relações entre os populares produtores da Festa de Congada<sup>7</sup> e a mídia. Para tanto se descreve o ritual de Subida das Bandeiras, a preparação e realização da Procissão que inicia a Festa no dia 26 de dezembro, descrição dos desfiles dos ternos de congo e moçambique entre os dias 26 e 30 de dezembro em estrutura montada pela Prefeitura na praça da Matriz da cidade, procissão final realizada no dia 30 de dezembro e o ritual de 31 de dezembro denominado Descida das Bandeiras.

Para a realização dessa contextualização histórica procedeu-se minuciosa pesquisa bibliográfica junto aos mais diversos autores que trataram do assunto, dando-se ênfase especial aos trabalhos de Julita Scarano (1976) *Devoção e Escravidão*; Introdução ao estudo do Congado, realizado por pesquisadores da Universidade Católica de Minas Gerais; às pesquisas de Haydée Dourado de Faria Cardoso em *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a Congada de Ilhabela* (1982) e *O gesto, o canto, o riso: história viva na memória* (1990); a Mariza de Carvalho Soares (2000) em seu *Devotos da cor, Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*; ao trabalho de Antônia Aparecida Quintão (2002), *Lá vem o meu parente, as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (século XVIII)* entre outros.

O segundo objetivo aqui proposto, de realizar relato etnográfico sobre a Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, é elaborado privilegiando-se método antropológico, dando-se ênfase à técnica de observação participante, por meio da qual busquei me aproximar

---

<sup>7</sup> Em São Sebastião do Paraíso a Festa de Congada é composta por cortejos e desfiles de ternos de congos e moçambiques, conforme descrevo e analiso na “Descrição etno-foto-gráfica da Festa de Congada”

do grupo de congadeiros e moçambiqueiros da cidade, seja nos momentos específicos da Festa ou ainda em momentos restritos à ordem privada, junto a alguns núcleos familiares.

Por meio de entrevistas informais ou semi-estruturadas realizadas junto aos integrantes dos ternos de congo e moçambique e do texto do “Regulamento da Congada Paraisense” obtive subsídios que possibilitaram a execução de descrição da Festa e de seus diversos rituais constituintes.

Fotografei eventos públicos e particulares vinculados à Congada, aos quais tive acesso. Essas fotografias são utilizadas na pesquisa constituindo-se em fio condutor unificador que permitiu a compreensão da pesquisa de campo junto aos congadeiros, uma vez que foram parcialmente mostradas e discutidas com os congadeiros.

A fotografia também permitiu que espaços de visibilidade fossem abertos possibilitando a representação da Congada no corpo do texto, por meio da integração entre linguagens distintas e complementares: a escrita linear e a imagem mágica<sup>8</sup>.

### ***Escravidão, Confrarias, Reis e Rainhas: breve panorama histórico da realização das Festas de Congada no Brasil.***

Organizada a partir dos grupos ou ternos, guardas ou batalhões de congo, a Festa de Congada possui algumas características peculiares: cada terno é composto por pessoas reunidas ao redor de princípios simbólicos ditos religiosos, que partilham fé, padrões culturais, relatos históricos e “tradições” relacionadas à África (Cardoso, 1990).

Nina Rodrigues (1935), Mário de Andrade (1959), Edson Carneiro (1981), entre outros, atribuem às Congadas a herança de costumes e tradições pertencentes aos negros *bantus* (ou bantos), trasladados ao Brasil por meio da escravidão.

O nome bantu foi dado por Bleck em 1862 a um corpo de aproximadamente 2000 línguas da África estudadas, onde a palavra designando gente era muNTU – pl. baNTU; tal “plano cultural” ocupou, bem antes da criação do primeiro e segundo Reino do Kongo, toda a parte Central da África, inclusive a abrangida por ambos os reinos.

---

<sup>8</sup> Por magia compreendemos a “existência no espaço-tempo do eterno retorno” (Flusser; 2002, p. 78).

Sua origem e expansão, levando à ocupação de um terço do continente, é ainda assunto de controvérsias entre estudiosos de diferentes campos da pesquisa científica, cada um dos quais enfatiza a presença de fatores como “o advento das plantas alimentícias malásias (banana, taro, inhame), o estoque linguístico, o conhecimento metalúrgico, as técnicas agrícolas e a criação de gado como elementos confirmadores” (Mukuna, sem data, p. 26).

Soares (2000) em seus estudos analisa os *Estatutos da Congregação dos pretos minas maki no Rio de Janeiro (1786)* entre outros, e encontra documentada a realização de Festas dessa irmandade por ocasião da entronação simbólica de reis e rainhas dessa nação. Os minas maki são provenientes do antigo Daomé, hoje Benin, localizado na região denominada Sudanesa<sup>9</sup>.

A escravidão no Brasil vigorou durante aproximadamente quatro séculos, atraindo inúmeras levas de navios negreiros até seus portos para a concretização do trato. Independentemente da etnia de procedência, é sabido que o transporte da civilização africana de um lado para o outro do oceano destruiu as organizações das sociedades negras de forma proposital para eliminar as resistências à escravidão.

Negros de diversos grupos étnicos, de lugares longínquos e por vezes inimigos se viram juntos numa mesma senzala, convivendo e elaborando estratégias de resistência, tendo que reconstruir suas crenças e religiosidade no exílio, a partir da reinterpretação de costumes africanos, na maioria das vezes sendo cerceados pelas normas da sociedade luso-brasileira.

Memória de negros mina maki, ou da “nação” Cabundá, ou da etnia Cassange ou outros, nos primeiros tempos da Colônia e do Império ainda se mantêm como ritual e lembrança identitariamente divididos em etnias. Com o tempo essas memórias e padrões culturais vão se amalgamar e a maioria dos rituais passam a ser organizados como “memória de negros”, “lembranças de África”, “coisas de nossos antepassados” sem diferenciação da etnia de origem.

O inimigo comum passou a ser o branco e seus costumes, e as estratégias de sobrevivência e resistência foram muitas, do suicídio e revoltas à dissimulação de submissão, troca de benefícios e “favores”, a sedução, etc..

---

<sup>9</sup> Pode-se dividir os povos africanos escravizados e trazidos para o Brasil em duas grandes categorias segundo sua procedência: negros sudaneses – vindos da zona do Níger e da África Ocidental – e os negros bantos, originários do sul da África – Angola, Moçambique, Congo, etc., porém em muitos casos a classificação em banto e sudaneses se deu não em relação à nação de origem mas sim ao porto de embarque para o Brasil (Carneiro, 1991).

O processo utilizado por Portugal para a captura e translação de escravos africanos nos parece relevante para o desvendamento do contexto da construção, elaboração e reelaboração de práticas culturais, religiosas, hoje ditas afro-brasileiras. Grande parte das sociedades africanas negras eram organizadas e mantidas a partir de hierarquias de fato, cujo poder era exercido a partir de líderes escolhidos.

A estratégia de domínio usada por Portugal em algumas regiões se valeu principalmente do comércio e não da colonização direta como aconteceu no Brasil e em outras regiões da Índia, etc., o que permitiu a manutenção de reinados autônomos na África, como o caso do Reino do Congo no século XV.

A captura e escravidão em massa de africanos fora iniciada no século XV, sendo a África em geral considerada como região de caça de escravos por vários países. A atividade de trato de escravos usualmente adotada pelos portugueses, segundo Boxer (1973), previa que os pombeiros ou agenciadores de escravos fossem para o interior da África e por ali ficassem por um ou dois anos para posteriormente mandarem para a costa ou trazerem consigo, filas de quinhentos ou seiscentos escravos.

Durante a caminhada do interior rumo à praia muitas dessas pessoas escravizadas morriam devido às dificuldades do caminho e à alimentação escassa. Ao chegarem na praia, tais escravos eram abrigados em barracões e recebiam atenção alimentar e cuidados em relação a ferimentos e enfermidades. Os mercadores cuidavam assim para que os escravos engordassem e se curassem antes do embarque rumo à América. Na praia, o tempo de espera para o embarque dependia de diversos fatores como o retorno de embarcações, o estado físico e a idade do escravo, etc., estimando-se em um a dois anos e meio.

Segundo Mukuna, “levando-se em consideração o tempo total que os escravos passaram juntos antes de serem selecionados pelos mercadores e embarcados em contingentes, pode-se acreditar que o fator tempo foi favorável para permitir um estoque cultural entre os escravos. Apesar de contingentes separados, os escravos comprados do mesmo mercado africano tiveram tempo de participar de um novo estilo de vida, depois do estoque cultural entre eles. Por outras palavras, pelo fato dos escravos virem do mesmo mercado africano, há uma grande possibilidade de que tivessem certos elementos em comum” (s. data, p.142).

Maurice Halbwachs (1990) definiu *memória coletiva* como o processo de construção simbólica, encarnado em um grupo, que escolhe certos elementos do passado para construir

uma narrativa a partir do presente, estabelecendo vínculos entre os pertencentes ao grupo e reproduzindo tradição. A memória coletiva está sempre encarnada num grupo que pode ser efêmero ou estruturado, sendo o vínculo entre os integrantes do grupo fundamental para sua existência e manutenção.

Esse conceito foi amplamente utilizado no estudo das religiões afro-brasileiras, na tentativa de se comparar os mitos, tradições e religiões africanas aos afro-brasileiros e suas diferenças em relação aos primeiros: “(...) a memória coletiva é um conjunto de imagens mentais ligadas, de um lado, a mecanismos motores, os ritos, se bem que os ultrapassando, e de outro, as estruturas morfológicas e sociais. Ora, isso determina que as imagens sejam lembradas cada vez que a comunidade africana reunida encontra sua estrutura e retoma, em ligação com as intercomunicações dos papéis, os mecanismos motores ancestrais. Lugar, sociedade, gestos e memória constituem uma só” (Bastide; 1960, 344).

O negro aportado no Brasil, ainda segundo Bastide, inseriu-se em duas estruturas sociais distintas: a sua confraria religiosa e a comunidade global multirracial. A confraria se organiza e mantém a memória coletiva, sendo que “o que se perdeu da passagem de um grupo social a outro são as representações coletivas características das estruturas sociais arcaicas, ou seja, tudo o que não tem mais sentido no mundo ocidental” (1978, p. 157).

As irmandades religiosas tiveram assim papel fundamental enquanto instrumento de um tipo de institucionalização e organização de uma parte significativa quantitativamente da população daquele momento: a dos escravos<sup>10</sup>. Segundo Scarano, “ser membro de uma confraria ou nela colocar um seu escravo era economicamente vantajoso. Mesmo que o total despendido fosse maior, não seria pago todo de uma vez e também, durante a vida e depois da morte, a pessoa gozava de consideração por ter participado de um grupo bem conceituado” (1975, 54).

Soares reafirma a importância das irmandades principalmente para escravos como “uma das formas de escapar ao controle do senhor em alguma esfera de sua vida cotidiana. No universo escravista, as esferas de liberdade podem estar na escolha dos parceiros conjugais, na frequência aos batuques, em ir e vir pela cidade e na possibilidade de filiar-se e frequentar uma irmandade. As irmandades são uma das poucas vias sociais de acesso à experiência da

---

<sup>10</sup> Segundo Alencastro (2000, p. 69), no Brasil de 1451 a 1870 desembarcaram aproximadamente 4 milhões de escravos trazidos de África. Esse número não contempla os escravos aqui nascidos.

liberdade, ao reconhecimento social e à possibilidade de formas de autogestão, dentro do universo escravista” (2000, p. 166).

Vinculadas à tradição medieval das confrarias, em geral, as irmandades no Brasil davam maior peso às categorias raciais e sociais pouco se integrando em qualquer finalidade profissional. Em menor número, existira também na Colônia corporações de ofício, que assim como as Irmandades se faziam representar pelos estandartes e bandeiras cada qual com sua insígnia.

As irmandades eram associações religiosas que, com exceção das Misericórdias, promoviam o benefício dos próprios membros tentando desenvolver a vida social e religiosa de seus associados, zelando para que os enterros dos mesmos fossem dignos, que os velhos doentes fossem cuidados, e as missas de defuntos fossem todas cumpridas conforme o costume da época.

Todas as irmandades e confrarias religiosas desse período tinham por obrigação, segundo imposição Real, serem regidas por um Compromisso, lei que estabelece os estatutos da organização e deve ser conhecida e obedecida por todos os membros que, antes de serem aceitos, devem prestar juramento de obediência ao mesmo.

Compunha a hierarquia das irmandades uma Mesa cujos membros deviam ser eleitos pelos irmãos para, através de votos, decidirem casos importantes para a organização. Geralmente participavam da Mesa o (s) Juiz (es), Procurador (es) com a incumbência de saber da vida particular de cada irmão e proporcionar ajuda quando necessário observando também o cumprimento de suas obrigações, Escrivão e Tesoureiro que deveriam saber ler e escrever, e outros membros.

Nas irmandades de negros há ainda os cargos simbólicos de Reis e Rainhas, extremamente honrosos e mantenedores de tradições vindas de África, uma vez que esta realeza assumia importante significado simbólico nos eventos realizados pela confraria, servindo por vezes de negociadores e representantes dos irmãos escravos diante de outros membros da localidade e de gestores de espaço para outras articulações.

Certos elementos presentes ainda hoje nos rituais recorrentes nas Festas de Congadas fazem referência a costumes e usos de reis africanos. Exemplo disso são as embaixadas. As embaixadas foram em África um eficiente e pomposo meio de enviar mensagens, presentes, solicitações e tratados aos soberanos de outras terras, usadas por diversas dinastias negras.

Em meados do século XVI, D. Manuel rei de Portugal travou em Lisboa uma embaixada do Congo em trânsito para Roma, onde deveria encontrar o papa (Alencastro, 2000, 72). Em 1643, uma embaixada também foi enviada pelo Manicongo, Rei do Congo, a Maurício de Nassau a fim de resolver guerras em África envolvendo holandeses e portugueses mercadores de escravos ( Barléu, 1974). Outra embaixada africana, enviada pelo reinado de Daomé, aportou na Bahia de 1750 para tratar de acontecimentos ocorridos em Salvador (Lara In Jancsó & Kantor, 2001).

No Brasil, africanos de diferentes etnias recriam o costume histórico em seu continente de parlamentar para resolver questões representando as embaixadas nas danças das Congadas, sob o título de Embaixadas. Aqui, se desenvolvem como um teatro popular que reconta a história do próprio grupo dos dançantes.

Nas chamadas Festas de Congada apresentam-se, em todo o Brasil, diferentes grupos de danças dramáticas como reisados, caiapós, moçambiques, marujos, entre outros. Segundo Cardoso, (1990, p.112) “no Brasil os negros organizam as danças dramáticas a partir dos simbólicos cortejos dos Reis de Congo, e durante séculos por meio delas vão preservar a memória coletiva de guerras e vicências que constituíram a história de seus ancestrais, sua própria história”.

Percebemos diante desses indícios que a Festa de Congada pode ser considerada uma “tradição inventada”, ou seja, um conjunto de práticas que podem ser de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado (Hobsbawm e Ranger, 1997).

A construção de tradições e religiões afro-brasileiras foi explicada a partir da conservação de fragmentos de lembranças mantidas e recriadas por meio da memória coletiva de diferentes grupos de escravos e descendentes (Bastide, 1971). O fenômeno de conservação das lembranças é principalmente explicado pela organização específica do grupo, sendo três as esferas atuantes: a da seita, a do espaço sagrado e a do segredo.

Em geral, os rituais são ações motoras intimamente ligadas a mitos<sup>11</sup>. O ritual pode ser considerado em si um meio, um suporte, através do qual a memória coletiva se expressa e se reproduz socialmente utilizando-se de estratégias diversas como o emprego simultâneo de

---

<sup>11</sup> Trataremos especificamente dos mitos da Congada mais adiante.

diferentes linguagens, por vezes não verbais, como gestos, dança, sons, ritmos, cores, elementos plásticos, entre outros.

Se considerarmos que os rituais desenvolvidos durante a Festa da Congada pertencem à categoria dos processos ligados à comunicação, compreenderemos que estão presentes num mesmo ritual as atividades de codificação e enunciação que tendem a possibilitar infinitos modos de leitura e que esses são circunscritos por relações sociais objetivas que envolvem tensões e forças estabelecidas entre grupos e agentes relacionados a processos históricos específicos, como argumentarei nos próximos capítulos.

### *Descrição Etno-Foto-Gráfica da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso*

Não nos foi possível precisar o momento de início da comemoração das Congadas em São Sebastião do Paraíso. No entanto sabemos que o desenvolvimento da cidade está registrado por escrito a partir 1821, servindo de ponto de pouso para tropeiros que seguiam viagem entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Naquele momento, o povoado estava sob administração da vila de São Carlos de Jacuí, que se estabeleceu desde a época colonial a partir da prospecção e exploração de jazidas de ouro. Por sua vez, Jacuí estava subordinado à Comarca do Rio das Mortes da Província das Minas Gerais. Somente no dia primeiro de dezembro de 1873, por meio da lei 2.042 São Sebastião do Paraíso foi emancipado de Jacuí.

Calafiori (1996) afirma que a Congada está presente desde as primeiras habitações ali realizadas. Num primeiro momento a Congada pode ser considerada Festa de homens “pretos”<sup>12</sup> e foi consequência da introdução de escravos na mineração, agricultura e pecuária do sul mineiro.

Hoje a Festa está inserida no ciclo de Festas do Natal que é iniciado em dezembro com a própria Congada, passando pelas comemorações do Natal e é finalizado no dia 06 de janeiro com a Festa dos Doces que marca o fim da Folia de Reis. Para este estudo nos ateremos

---

<sup>12</sup> No século XVIII, segundo Quintão (2002, p. 15) os confrades de irmandades se referiam a si próprios como “irmandades de homens pretos”, “irmandades de homens crioulos”.

especificamente às articulações entre a mídia e congadeiros e moçambiqueiros por ocasião da realização da Festa de Congada no município.

São Sebastião do Paraíso possui hoje aproximadamente 60 mil habitantes. As atividades econômicas desenvolvidas no município foram amplamente diversificadas. A agricultura tem no café tipo exportação a principal fonte de geração de renda e emprego do município. A pecuária de leite e corte também se constitui grande responsável pelo desenvolvimento econômico regional. Um pequeno pólo industrial vem sendo formado na cidade, reflexo do crescimento e ampliação da zona calçadista de Franca.

Apesar de todo o desenvolvimento econômico, existe, assim como em todo o Brasil, uma grande concentração de renda no município. E é justamente a população economicamente menos abastada desta cidade que anualmente organiza a Festa de Congada.

Historicamente, mesmo após a libertação dos escravos, as populações negras no país não tiveram acesso a condições e meios que lhes aproovessem possibilidades de uma maior mobilidade social dentro da estrutura capitalista de classes. Ainda assim, muitos destes grupos, como os de São Sebastião do Paraíso, mantiveram-se congregados a partir de irmandades negras vinculadas à Igreja Católica.

Se no período de escravidão tais irmandades representavam o único meio de acesso à experiência da liberdade, após a abolição essas mesmas irmandades foram importantes enquanto organizações capazes de fundar identidades e preservar memórias e tradições de uma população historicamente marginalizada.

Apesar de serem organizadas por tais irmandades, as Festas de Congada são também frutos de articulações, conflitos, contestações e reivindicações locais pelo uso do espaço físico, por meios pecuniários, pela viabilidade de oportunidade de discurso público que englobam os mantenedores da Festa enquanto grupo identitário específico, os fiéis em geral e autoridades eclesiásticas e temporais.

Anualmente, o dia oito de dezembro, é o dia em que a Igreja Católica homenageia Nossa Senhora do Carmo ou simplesmente Nossa Senhora. Esta data é considerada feriado em diversas cidades do Brasil. Em São Sebastião do Paraíso, essa é a data em que se dá início às festividades vinculadas à Festa da Congada, também chamada de Festa de Nossa Senhora do Rosário. Apesar da tradicional Festa de Congada deste município ter seu início no dia oito de dezembro, esta data não foi transformada em feriado na cidade.

A Festa de Congada deste município é realizada a partir de cortejos diurnos e desfiles noturnos de grupos identitários denominados ternos que podem ser de congo e de moçambique<sup>13</sup>. A realização dos cortejos e desfiles de ternos de congo e moçambique pelas ruas da cidade seguem ordens cerimoniais distintas sendo ambas regidas por um mito fundador que ordena e estabelece hierarquia à Festa de Congada.

Apesar de distintos, tanto os cortejos e desfiles dos ternos de congo quanto os de moçambique são realizados a partir de bailados coletivos seriados que obedecem um tema característico tradicional, com formato de obra musical constituída por meio de apresentação seriada sequencialmente ordenada, também conhecida por suite.

A origem e explicação para a realização da Congada neste município são atribuídas por seus realizadores a um passado mítico, o tempo dos “antigos”, quando ainda havia escravidão. Conta o mito que Nossa Senhora do Rosário estava sentada em uma gruta quando congadeiros foram até ela, cantando, dançando, batendo seus tambores para assim convidá-la para dançar com eles fora da gruta.

Nossa Senhora se alegrou, dançou com os congadeiros mas não saiu da gruta para acompanhá-los. Então chegaram os moçambiqueiros com seu tambor e os guizos amarrados nos pés. Nossa Senhora, vendo-os, dançou e então, ouvindo o toque do tambor, acompanhou-os. Antes disso outras pessoas já tinham ido até a santa, mas ninguém fora por ela acompanhado como os moçambiques<sup>14</sup>.

De posse desse conhecimento sobre o mito fundador da Congada do município podemos melhor compreender a sua organização e realização, bem como a maneira como certos elementos são acrescentados ou suprimidos da própria configuração desta, que é a maior Festa da região.

O mito fundador da Festa de Congada de Paraíso descortina elementos que estão na base de ser e estar no mundo específicos àqueles que pertencem ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros, podendo assim ser definido enquanto sistema simbólico (Bourdieu, 1986).

---

<sup>13</sup> O Moçambique também é manifestação cultural de origem afro-brasileira que tem ocorrência em diversas cidades brasileiras, em muitas delas, como em São Sebastião do Paraíso, enquanto parte integrante da Festa de Congada. Ver Introdução ao Estudo do Congado (1974).

<sup>14</sup> Versões semelhantes desse mito foram registradas por escrito a partir de diversas Congadas do Brasil. Ver Introdução ao Estudo do Congado organizado por pesquisadores da Universidade Católica de Minas Gerais (1974); Cardoso (1990). Brandão (1985) oferece uma outra interpretação para o relato mítico da Congada de Catalão, GO, tratada mais adiante.

Os sistemas de classificação, ou sistemas simbólicos são instrumentos estruturados<sup>15</sup> e estruturantes<sup>16</sup> de comunicação e de conhecimento sobre o mundo. O compartilhamento de um sistema simbólico pelos componentes da Congada<sup>17</sup> permitiu o estabelecimento de um sentido comum ao universo, gerando a compreensão e inteligibilidade das relações estabelecidas entre os seres.

Uma possível análise desse mito permite observar que: 1- tais agremiações (congada e moçambique) cultuam Nossa Senhora do Rosário; 2- Nossa Senhora do Rosário reconhece esse culto; 3- Nossa Senhora do Rosário acompanha os especiais dançantes, no caso o moçambique; 4- a presença da santa atribui caráter sagrado aos grupos por ela escolhidos e profano quando não há manifestação da santa.

Nas entrelinhas desse mito percebemos também a existência de um segredo relativo ao motivo pelo qual Nossa Senhora do Rosário escolheu os antigos dançantes para acompanhá-los, assim os consagrando, ou seja, fazendo com que seu poder simbólico seja reconhecido e legitimado.

Em São Sebastião do Paraíso os moçambiques são considerados “ternos santos”. O sagrado é atribuído a esses ternos por meio da designação mítica de *escolhidos* de Nossa Senhora do Rosário.

A aproximação dos ternos em relação às coisas próprias da Igreja Católica, no caso a presença e ação de Nossa Senhora do Rosário, pode ser considerada uma forma de realização e apropriação do sagrado<sup>18</sup> por parte da congregação leiga mantenedora da Festa.

O relato simbólico expresso pelo mito autoriza os ternos de moçambique a entrarem cantando e dançando dentro da Igreja Matriz, depois de cantarem para os Reis Congo e Rainhas Conga na porta dessa igreja, durante os dias da Festa da Congada.

A hierarquização estrutural dos ternos que compõem a Festa segue também os preceitos da “tradição” e do mito fundador da Congada. Os antigos moçambiqueiros e congadeiros,

---

<sup>15</sup> Segundo Bourdieu (1992), a análise estrutural permite isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica.

<sup>16</sup> Os diferentes universos simbólicos são instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, o que faz com que as formas de classificação dos objetos deixem de ser consideradas formas universais para se tornarem formas sociais onde o senso somente é alcançado por meio do consenso social.

<sup>17</sup> Tal compartilhamento se dá de maneira fragmentada e incompleta por conta dos segredos que compõem a “tradição”.

<sup>18</sup> As relações sociais estabelecidas entre os sujeitos pertencentes à mesma igreja baseiam-se na distinção entre aqueles que administram e lidam com símbolos ditos sagrados e os demais sujeitos que geralmente são excluídos destas funções. Esse tipo de organização social corresponde ao campo religioso (Bourdieu, 1996).

ancestrais já falecidos, são referenciados, respeitados e cultuados por todos os capitães dos ternos, Reis e Rainhas da Congada.

As novas gerações de congadeiros e moçambiqueiros cumprem obrigação de preservar sob a égide do segredo a “tradição” dos antigos, resguardando para si a posse e administração do sagrado por meio do desenvolvimento de poderes simbólicos.

A hierarquia de cada um dos ternos e os critérios para escolha de Reis, Rainhas e Princesas da Festa tende a valorizar o quanto cada um dos agentes está próximo dos ensinamentos e comportamentos dos antigos congadeiros e moçambiqueiros que são os verdadeiros possuidores do sagrado, por terem sido eles os “eleitos por Nossa Senhora”.

O desenvolvimento de tais poderes simbólicos pelos indivíduos pertencentes à Congada está vinculado aos conhecimentos proporcionados pelos segredos constituintes da “tradição” da Festa e que são revelados conforme o grau ocupado por cada participante na hierarquia constituinte do grupo.

Esse tipo de poder permite que seu detentor obtenha aquilo que poderia também ser obtido pelo exercício da força física ou econômica. A utilização de poder simbólico está segregada aos especialistas, hierarquicamente superiores, e insere-se no rol de elementos referidos à “tradição” e religiosidade constituinte do grupo.

As pessoas que ocupam a mais alta hierarquia dentro da Festa preparam, ao longo de sua própria vida, os futuros capitães, Reis e Rainhas Conga. Isto implica não somente a dedicação e participação dos membros do grupo durante os dias da realização da Festa, mas durante o ano todo.

O respeito e devoção aos antepassados, enquanto verdadeiros detentores do sagrado e intercessores nos ensinamentos e usos de poderes simbólicos, permite o elo entre o passado, presente e futuro do grupo garantindo sua reprodução e a conseqüente manutenção das tradições. Esse é um dos mecanismos sociais que vinculam a experiência pessoal dos agentes do presente à das gerações passadas de modo que, por meio desse vínculo, a hierarquização e reprodução do grupo sejam garantidas.

São seis os santos homenageados durante a Festa de Congada do município: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Domingos, Santa Catarina e São Jerônimo,

Constitui-se “obrigação”<sup>19</sup> dos ternos acompanhar em cortejo as Bandeiras dos seis Santos da Congada e a simbólica realeza até a praça da Matriz, local da realização do ritual de Subida das Bandeiras.

A Congada em São Sebastião do Paraíso possui dois Reis Congo Sebastião Eurípedes de Paschoa e Artulino Duarte, uma Rainha Perétua Antônia Maria de Jesus, uma Rainha Conga Genuita Pereira de Paula e duas Princesas Congo Maria Aparecida de Jesus Ivo e Rosa de Fátima Camargo Páschoa. Estes foram escolhidos pelos próprios congadeiros e moçambiqueiros para ocupar e exercer a realiza da Festa durante toda a sua vida ou até que, por meio de reunião, os congadeiros e moçambiqueiros decidam destituir o cargo de algum destes e, concomitantemente escolher uma outra pessoa para ocupar seu lugar.<sup>20</sup>

Por cortejo entendemos a organização ritualística assumida pelos ternos quando esses saem às ruas da cidade para cumprir, dançando e cantando, “obrigações” específicas ligadas à Congada: buscar e conduzir os simbólicos Reis, Rainhas, Princesas da Congada, as Bandeiras dos Seis Santos da Festa, “puxar” rainhas por promessa, desfilar para o público em infraestrutura montada pela Prefeitura.

Tal configuração segue a própria hierarquia ordenadora do terno, sendo o comando destinado ao capitão ou segundo capitão, independentemente de ser um terno de congo ou moçambique. A evolução das danças, músicas e melodias cantadas durante o cortejo varia conforme as especificidades inerentes aos rituais referidos como congos ou moçambiques.

Os cortejos dos ternos são sempre iniciados pela presença de um bandeireiro segurando em suas mãos a Bandeira cuja estampa é a imagem do Santo que “encabeça” aquele “batalhão”. Estas Bandeiras identificam e protegem os ternos de moçambique e congo e não devem ser confundidas com os estandartes dos Santos (também denominados Bandeiras) que serão suspensos em praça pública por meio do ritual de Subida das Bandeiras.

Os seis estandartes utilizados no ritual de Subida das Bandeiras foram feitos por integrantes da própria comunidade. Cada estandarte possui a estampa de um dos seis santos da Congada emoldurada em madeira. O uso cerimonial destes estandartes está restrito aos rituais de Subida e Descida das Bandeiras.

---

<sup>19</sup> Mantenho entre aspas, neste estudo, as expressões tais como os congadeiros e moçambiqueiros as utilizam.

<sup>20</sup> Segundo relatos colhidos junto aos congadeiros e moçambiqueiros, a escolhida para ser Rainha Conga deve possuir determinados conhecimentos específicos à “tradição”, o que, aparentemente não é obrigatório na escolha dos demais membros da realeza.

O objetivo da Subida das Bandeiras é fixar os estandartes estampados com as imagens dos santos homenageados durante a Festa em praça pública para que toda a cidade saiba da proximidade da Festa que será oficialmente iniciada no dia 26 de dezembro.

O ritual de Subida das Bandeiras<sup>21</sup> geralmente tem início previsto para as 14:00h do dia oito de dezembro, quando os ternos de congos e moçambiques seguem organizados em distintos cortejos pelas ruas do município até à praça da Matriz. Durante o percurso, cada terno, conforme a necessidade, realiza paradas em frente à casas para que as Bandeiras dos Santos da Congada, que ali foram guardadas durante o ano, sejam incorporadas ao cortejo. Tais Bandeiras constituem os seis estandartes que serão expostos em praça pública por meio do ritual de Subida das Bandeiras.

Ao se aproximar da praça da Matriz os ternos vão se posicionando de modo que os congos fiquem à frente de ternos de moçambique. A distância respeitada entre os ternos na formação de tais cortejos (onde um terno de congo se posiciona à frente de um terno de moçambique) é de aproximadamente 25 metros.

Apesar de tocarem instrumentos de percussão em ritmos diferentes, é uma obrigação cerimonial a organização do cortejo tendo à frente um terno de congo e posteriormente um terno de moçambique. Essa organização também é seguida em outros momentos, em especial nas procissões que ocorrem durante a Festa.

A explicação para esse modo de organização do cortejo se reporta ao mito fundador da Congada. Na versão mítica, Nossa Senhora do Rosário escolheu acompanhar os moçambiques ao invés dos congos para sair de uma gruta, isso fez com que os moçambiques sejam tidos como ternos “santos” em relação aos congos. Assim, segundo a “tradição”, um terno de congo deve sempre vir à frente do cortejo de moçambique como forma de proteger e abrir caminho para esse terno.

Os ternos de moçambique, por serem tidos como ternos “santos”, merecem escolta de uma guarda ou terno de congo. Porém, ainda segundo a tradição, é de responsabilidade dos moçambiques a escolta dos simbólicos Reis, Rainhas e Princesas da Congada.

As pessoas que por promessa se responsabilizaram por guardar uma das Bandeiras dos Santos da Congada têm por obrigação levar, acompanhada por cortejo de terno de congo ou

---

<sup>21</sup> Ritual realizado dia 07 de dezembro de 2003 para não coincidir com dia laborável.

moçambique, "sua" Bandeira à praça da Matriz para que esta seja suspensa no ritual de Subida das Bandeiras.

Assim, a Subida das Bandeiras retoma acontecimentos da finalização da Festa passada, especificamente a deliberação do Rei ou da Rainha que concedeu a responsabilidade pela guarda, eventual reparo e enfeite de cada Bandeira aos escolhidos da comunidade e o cortejo final realizado pelos ternos de congo e moçambique que conduziram essas Bandeiras até às casas dos escolhidos, no ano anterior. A continuidade desses acontecimentos ocorridos na Festa passada permite a continuação física e simbólica quase que ininterrupta da Festa que ficou como que suspensa durante todo o ano que passou.

A preparação para a Subida das Bandeiras envolve a retirada de seis mastros de ferro pintados de azul da Igreja Matriz, onde geralmente ficam guardados durante o ano. Cada mastro será afixado em um dos seis orifícios localizados à esquerda da Igreja Matriz do município. Após a chegada de todos os ternos ao local do ritual, os mastros são colocados de maneira inclinada para que cada Bandeira seja presa na sua extremidade superior.

Após o ritual o padre geralmente concede sua benção à Festa jogando água benta nas Bandeiras. Logo após, um a um os ternos vão se organizando em cortejos para reverenciar os Reis e Rainhas que se posicionam abaixo das Bandeiras.

Para finalizar o ritual, cada terno, um após o outro, passa a sua própria Bandeira<sup>22</sup> por debaixo das Seis Bandeiras levantadas. Durante este rito, o capitão de cada terno canta e reverenciam as Bandeiras levantadas e os Reis, Rainhas e Princesas (que se posicionaram abaixo das Seis Bandeiras) clamando por meio de músicas a proteção e benção para os dias da Festa de Congada. Ao finalizar a cantoria o capitão organiza a Meia Lua onde todos os integrantes do terno passam, organizados em cortejo, dançando e tocando por debaixo das Bandeiras levantadas. O ritual termina no horário da missa das 19:00 h na Matriz.

Cada terno, nos dias subseqüentes à Subida das Bandeiras, se dedica aos preparativos para a Festa que será iniciada no dia 26 de dezembro com uma grande procissão.

São intensos os dias que antecedem a Festa, pois é nesse momento em que a Prefeitura libera a verba para a confecção de roupas e ornamentos, que a equipe organizadora da Festa tem que mediar os conflitos e demandas vindas de cada terno e da própria equipe de organização.

---

<sup>22</sup> Cada terno possui uma Bandeira que identifica o terno e o santo de proteção do mesmo.



Fotografia: Lílian Sagio Ceza, 07/12/2003.

**Foto 01 – Bandeira**

*Pessoas escolhidas pelos simbólicos Reis e Rainhas da Festa, dentre as da comunidade para guardarem consigo Bandeiras dos Santos da Congada, no caso a Bandeira de Santa Catarina representada no centro da foto e a de São Jerônimo no canto direito da imagem. Por tradição, essas pessoas vão até a praça da Matriz para o ritual de Subida das Bandeiras seguindo o cortejo de ternos de congo e moçambique, sempre acompanhadas por uma pessoa de sua família que a escolta com sombrinha, em referência ao antigo costume africano de escoltar com o Pálio Real pessoas distintas, geralmente pertencentes à família real (Cardoso, 1990, p. 86). As pessoas da própria comunidade realizam promessa se dispoñdo a guardar uma dessas Bandeiras durante o ano, e solicitam ao Rei ou à Rainha a guarda deste artefato. É de responsabilidade dessas pessoas providenciar reparos necessários na Bandeira que esteja em sua posse e no dia do Ritual de Subida levar a mesma devidamente decorada.*



Fotografia: Lilian Sagio Cezar, 07/12/2003.

***Foto 02- Subida das Bandeiras***

*Após a Subida, as Seis Bandeiras ficam expostas na seguinte ordem: à esquerda da imagem visualizamos a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário, depois a de São Benedito, Santa Efigênia, São Domingos, Santa Catarina e por fim a de São Jerônimo. Esta é a mesma ordem em que os Santos são homenageados durante os dias de Festa.*



Fotografia: Lílian Sagio Cezar, 07/12/2003.

***Foto 3 – Pedido de Proteção e Bênçãos***

*Visualizamos na imagem o momento em que o terno de congo Angola (também chamado de Angolas ou Angolinhas) passa sua própria Bandeira por debaixo dos mastros (representados na foto) que fixam os estandartes em praça pública, ao lado da Igreja Matriz.*

Cada terno possui, além do capitão e vice-capitão, uma hierarquia paralela sob o comando de um presidente e vice-presidente, eleitos entre os seus integrantes. Geralmente são os presidentes dos ternos os reponsáveis pela representação do grupo junto à Prefeitura.

Todos os esforços dos presidentes, vices e seus ajudantes, voltam-se nestes dias que antecedem à Festa, para a administração dos recursos financeiros, confecção de roupas e ornamentos, adiantamento do preparo de almoços e jantares durante a realização da Festa e manutenção do barracão.

No dia 26 de dezembro, finalizam-se os preparativos para a realização da Congada. A Festa é iniciada geralmente às 15:00h, por meio da procissão que reúne todos os ternos de congo e moçambique à frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e segue em grande cortejo até a Igreja Matriz, num percurso de aproximadamente um quilômetro.

A organização desta procissão visa recuperar o costume e obrigação dos congadeiros e moçambiqueiros de conduzirem as imagens dos Santos da Congada até à Igreja da Matriz onde ficarão expostas em andores durante a Festa. Segundo relato de alguns congadeiros, a realização desta procissão foi quase totalmente abandonada durante o fim da década de 1990. A partir do ano de 2002 o costume de realizar tal procissão fora novamente incorporada aos rituais que compõem a Festa por iniciativa da Rainha Conga Genuita Pereira de Paula.

Os preparativos para tal procissão iniciaram-se logo pela manhã do dia 26 de dezembro de 2003, quando algumas mulheres, em geral congadeiras, organizadas também pela Rainha Conga, encontraram-se na Igreja de Nossa Senhora do Rosário para receber os andores cada um com seu respectivo Santo.

Em 2003 as imagens/ esculturas dos seis Santos da Congada não foram guardados na Igreja Matriz, como de costume. Cada terno assumiu a responsabilidade de guardar durante o ano uma das imagens e seu respectivo andor. Isso porque o antigo pároco da Igreja Matriz não quis que as imagens dos seis Santos da Congada fossem guardadas dentro daquela Igreja.

Assim, foi determinado pela Rainha e Comissão Organizadora da Congada que o terno que se responsabilizasse por uma das imagens deveria providenciar uma reforma no seu respectivo andor e trazer, no dia 26 de dezembro, tal conjunto já devidamente limpo e enfeitado para Igreja de Nossa Senhora do Rosário de onde sairia procissão.



Fotografia: Lílian Sagio Cezar, 26/12/2003.

**Foto 04- Arrumação dos santos**

*Maria Aparecida Gonçalves, integrante do terno de congo Angola e a Rainha Conga Genuita Pereira de Paula, também conhecida como Dona Geni, arrumam a Imagem de Nossa Senhora do Rosário com flores artificiais azuis e brancas, ramos de trigo. Uma rosa vermelha é colocada em meio às outras flores, junto à Santa. É colocada uma capa de cetim branco por sobre a Imagem de Nossa Senhora do Rosário. A capa é amarrada ao pescoço da Imagem e um par de fitas é colocado solto, estendido à frente do andor. Essas fitas serão importantes para o culto e homenagem aos santos na Igreja Matriz durante a Festa, pois os fiéis tocam e beijam cada fita.*

As mulheres da comunidade juntamente com a Rainha ficariam por conta de dar somente os últimos retoques nos andores. Porém, a maioria dos ternos, com exceção do terno de congo dos Angolas, trouxe o andor sem estar decorado, o que acarretou uma grande quantidade de trabalho em pouco tempo para a preparação das Imagens dos Santos para a procissão.

Em geral, os ternos aprontaram novos andores para os santos o que se fez necessário devido ao estado de conservação dos antigos que apresentavam risco de quebrar, podendo até mesmo danificar alguma das imagens. Para o preparo dos Santos foram utilizadas flores artificiais de cores sortidas, ramos de trigo, fitas de cetim, algumas flores naturais. Cada imagem recebeu uma capa especialmente confeccionada pela Rainha Conga para os dias da Festa. As capas apresentam dois pares de fitas de cetim presas uma a uma de cada lado, na borda superior da capa: um par delas é amarrado e fixa a própria capa ao santo; o outro par é estendido à frente do andor. Durante os dias da Festa, esse par que fica estendido à frente do andor é geralmente beijado pelos fiéis em sinal de respeito e devoção dos fiéis de toda a cidade.

Os terno de congo e moçambique partiram para a procissão de seus respectivos barracões ou da casa de seu capitão, já devidamente paramentados. Seguiram em cortejo, tocando seus instrumentos, até a frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Após a procissão o Rei de Congo, Sebastião Eurípides de Páschoa, a princesa Rosa de Fátima Camargo Páschoa, a Rainha Genuita Pereira de Paula e a Rainha Perpétua, Antônia Maria de Jesus ficam na Igreja da Matriz para receber as chamadas “rainhas” ou “reis” por promessa.

Quando termina a procissão, os ternos seguem direto em cortejo para algumas casas de fiéis que sairão de “rei” ou “rainha” para pagar votos a Nossa Senhora do Rosário, santa homenageada no dia 26 de dezembro. É costume entre os fiéis e componentes da comunidade a realização de promessas aos Santos da Congada.

Os “reis” e “rainhas” de promessa são todos os fiéis que pagam ritualisticamente a concretização de alguma graça ou milagre alcançado por meio da devoção aos Santos da Congada. Quando a graça é alcançada, o cumprimento da promessa se dá de maneira tradicional e performática: os agraciados ou agraciadas vestem coroa e capa e saem junto a um dos ternos da cidade sendo escoltados em cortejo até à Igreja da Matriz para receberem as

bençãos do Rei Congo e da Rainha Conga. Este ritual é denominado pelos congadeiros e moçambiqueiros de “puxar rainha”<sup>23</sup>.

Chegando à casa do rei ou rainha por promessa o terno canta em homenagem aos santos, ao dono da casa, e convida a “rainha” ou o “rei” (menos freqüente) para tomarem parte no cortejo que os conduzirá até à Matriz. Esse convite é somado ao especial toque do tambor composto de batidas seguidas e seqüenciais. Somente após a marcação do toque do tambor é que o fiel toma parte no cortejo. A grande maioria das promessas são feitas e pagas a São Benedito no dia 27 de dezembro. Nos outros dias os ternos quase não “puxam rainhas”.

Durante todas as tardes da Congada, de 26 a 31 de dezembro, a Igreja da Matriz permanece aberta à visitação geral. Os simbólicos Rei e Rainha da Congada se reúnem dentro da Matriz e aguardam a chegada dos “reis” e “rainhas” por promessa durante todas as tardes da Festa.

Cada um dos seis santos da Congada é homenageado em uma data específica da Festa, com exceção de Santa Catarina e São Jerônimo que são ambos homenageados no mesmo dia. Assim, a homenagem segue a ordem:

Dia 26 de dezembro, homenageia-se Nossa Senhora do Rosário;

Dia 27 de dezembro, homenageia-se São Benedito;

Dia 28 de dezembro, homenageia-se Santa Efigênia;

Dia 29, de dezembro homenageia-se São Domingos;

Dia 30 de dezembro, homenageiam-se Santa Catarina e São Jerônimo. A Prefeitura Municipal disponibiliza, desde a década de 1960, infra-estrutura geralmente montada ao longo da rua lateral à Praça da Matriz utilizada na apresentação dos ternos nos desfiles que acontecem nas noites da Festa.

A infra-estrutura disponibilizada constitui-se de arquibancadas montadas em um dos lados ao longo da rua lateral à Praça da Matriz. A calçada do outro lado da rua é isolada para que o público também possa ocupar aquele espaço e dali acompanhar as apresentações dos desfiles. Ao lado das arquibancadas são montados dois palanques reservados para receber os simbólicos Reis, Rainhas e Princesas da Festa, autoridades locais e seus familiares.

---

<sup>23</sup> Apesar de serem designados somente de “reis” e “rainhas”, os pagadores de promessa não confundidos com os simbólicos Rei Congo e Rainha Conga, apesar destes também serem corriqueiramente chamados pelos congadeiros e moçambiqueiros somente de “Rei” e “Rainha”. O que impede tal confusão é a contextualização das falas e a especificidade das obrigações atribuídas à realeza máxima da Congada, que ocupa o topo de sua hierarquia constituinte.

Ao longo de toda a rua são montados alto-falantes para que o som dos instrumentos e cantos seja amplificado, por meio sua de captação em microfones. Grande quantidade de refletores de luz é fixada em arcos montados ao longo de toda a rua que se transforma em grande “passarela” para receber os ternos nas noites dos desfiles.

Na década de 1970 a Prefeitura passou a organizar, por meio de concurso, a disputa para eleição dos melhores ternos de congo e de moçambique do município. O concurso passou assim a ser parte integrante dos desfiles dos ternos nas noites da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, embora seja muito raro nas milhares de apresentações de grupos de dançantes de congos registradas por todo o país ao longo de quatro séculos.

Anualmente são realizadas reuniões para se determinar quais os quesitos a serem julgados e pontuados durante a Festa. Também são decididos os nomes dos jurados que serão responsabilizados pelo julgamento de um dos quesitos nas noites de Festa.

Os jurados são, geralmente, pessoas de destaque do município, na maioria das vezes não pertencentes à comunidade dos congadeiros e moçambiqueiros e, portanto, desconhecedores da “tradição” específica da Congada. Os julgamentos realizados estão vinculados aos critérios estabelecidos, a cada ano, nas reuniões realizadas entre congadeiros e moçambiqueiros, Comissão Organizadora da Festa e, mais recentemente, membros da Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Em 2002, 2003 e 2004, período de realização desta pesquisa, os quesitos avaliados pelos jurados durante a realização dos desfiles dos ternos de congo e moçambique foram: “Ritmo e Instrumento”; “Dança e Evolução”; “Vestimenta e Alegoria”; “Respeito ao Folclore”, também chamado de “Religião e Respeito ao Folclore”.

Nos últimos anos, a presença cerimonial dos ternos nas tardes da Festa organizados em cortejo na frente da Igreja Matriz passou a contabilizar pontos para o concurso de desfiles dos ternos na Festa de Congada. Tal exigência vinculou o cumprimento de uma antiga tradição – a de “puxar rainhas” – a interesses ligados à competição para o concurso do melhor terno de congo e de moçambique. Segundo os organizadores da Festa, esta iniciativa tem por objetivo estimular que os ternos mantenham a “tradição” de ir em cortejo até a Igreja nas tardes da Congada, “puxando suas rainhas”, como acontecia no tempo dos antigos.

Esse costume assumiu postura conflituosa com os valores do trabalho e do capital disseminados atualmente pela sociedade de classes. Assim, cada vez mais se observa que são

adolescentes e jovens desempregados quem costumam sair em cortejo durante os dias da Festa, uma vez que não é possível àqueles que possuem empregos fixos manter tal “tradição”. Isso faz com que os cortejos que saem durante o dia tenham aproximadamente um terço (tamanho também estabelecido pela comissão que realiza o concurso) dos congadeiros que compõem cada terno nas noites dos desfiles.

Cada terno, ao chegar em cortejo na porta da igreja da Matriz “puxando as rainhas”, é aguardado pelos Rei, Rainhas e Princesas da Congada. Os capitães saúdam as majestades, homenageiam os santos da Congada, cantando suas próprias músicas. Por fim, os ternos de congo se despedem das majestades desfazendo o cortejo. Alguns de seus integrantes entram na Igreja e por ali permanecem alguns momentos.

Já os ternos de moçambique, após chegar na frente da Matriz e cantar para o Rei, Rainhas e para os santos na porta da Matriz, pedem licença e entram tocando, cantando e dançando dentro da Igreja. Geralmente vão até a Imagem de São Sebastião que está no altar principal. Ali cantam, tocam e dançam para o santo padroeiro da cidade. Depois, sempre tocando e dançando, o terno se dirige para as esculturas/ imagens dos Santos da Congada que estão localizados dentro da Igreja, nos respectivos andores enfeitados e posicionados no átrio ao lado do altar. Ali, os ternos de moçambique cantam e dançam para cada santo. Ao passar de uma imagem a outra, os moçambiqueiros pegam e beijam as fitas estendidas na frente de cada andor, fita esta que pertence à capa que foi especialmente colocada nas seis imagens dos Santos da Congada para a Festa.

Posteriormente o terno ainda em cortejo vai até à imagem do Santo daquele dia em específico. Esta imagem fica ao lado do local destinado aos simbólicos Reis e Rainhas. Estes passam as tardes sentados dentro da Matriz aguardando os ternos que chegam “puxando as rainhas de promessa”. Ao chegar à frente da imagem do Santo, homenageado naquele dia, os ternos de moçambique realizam uma cantoria especial. Em seguida, um a um, os moçambiqueiros pegam e beijam as fitas da capa daquele santo. Somente então o cortejo se desfaz e os integrantes dos ternos se retiram da Igreja. Esse rito se repete durante todas as cinco tardes da Festa dentro da Igreja da Matriz.

Antigamente, era obrigação dos ternos de congo e moçambique levar e trazer as “rainhas” até suas casas, porém este costume já não pode mais ser verificado durante os dias da Festa de Congada. Hoje os ternos se limitam à “puxar as rainhas”, isto é, trazê-las. Quando

nenhuma rainha procura o terno para cumprir promessa, o cortejo sai diretamente do barracão do grupo ou da casa do capitão seguindo até à Matriz onde além de cantar e dançar suas tradições, o capitão assina uma lista de presença disponibilizada pela organização do concurso.

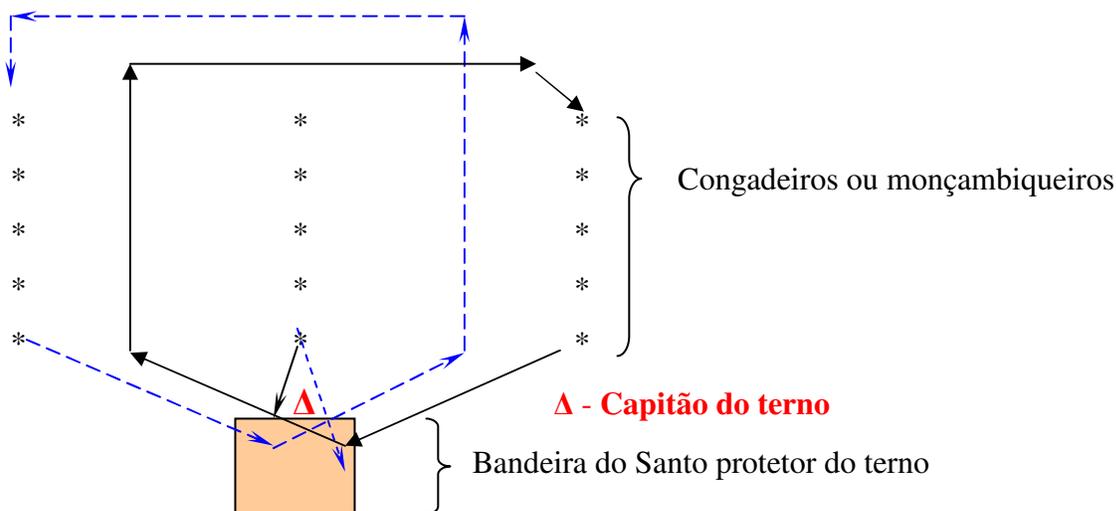
A noite vem chegando e os congadeiros e moçambiqueiros se aprontam para os desfiles. Nos barracões são servidos jantares para todos os integrantes dos ternos e familiares. Após o jantar, cada congadeiro ou moçambiqueiro termina de se arrumar dando os últimos acertos na roupa, recebendo uma última benção para antes do desfile.

Todos os ternos, sejam de moçambique ou de congo, antes de iniciar um cortejo, têm por tradição realizar o rito denominado Meia Lua. Durante este rito, os integrantes do terno entram em formação de cortejo atrás da Bandeira do Santo padroeiro, localizada à frente do pelotão. O capitão, que é quem tem o poder do canto e, algumas vezes, da proteção do terno, canta pedindo proteção enquanto os integrantes do terno dançam e tocam seus instrumentos.

Após finalizar o seu cantar, o capitão beija a Bandeira que está à sua frente, segurada por um porta-bandeira, e passa por debaixo desse estandarte. Os componentes do terno, seguindo uma das duas fileiras que formam o cortejo, vão um a um indo até a frente do terno para beijar e passar por debaixo da Bandeira, posteriormente dirigindo-se, ainda organizados em fila, para o local onde estavam posicionados até que o último congadeiro retorne ao seu lugar, finalizando assim o rito da Meia Lua. Tudo isso enquanto o cortejo se desloca dançando e tocando pelas ruas da cidade.

Este rito é importantíssimo para o terno, pois é por meio da “Meia Lua” que o terno será protegido e fechado contra qualquer adversidade física ou simbólica. Sempre que o terno, seja ele de congo ou moçambique, inicia um cortejo o capitão prontamente organiza e dá prosseguimento à Meia Lua. Este rito ainda é realizado sempre que algo negativo, que pode prejudicar o terno, é visto ou pressentido pelo capitão e também na entrada e despedida do terno no calçadão durante os desfiles.

### Esquema I - Rito da Meia Lua<sup>24</sup>



Cardoso (1982) em suas pesquisa realizadas em meados de 1970 observou que o ritual de Meia Lua feito pela Congada de Ilhabela (SP) também se constitui em pedido de licença aos ancestrais já falecidos para a realização da Festa e seus rituais, como é costume nas religiões de extração banto.

Após a Meia Lua, os ternos da cidade saem em cortejo pelas ruas tendo como destino a praça da Matriz. Ali chegando, a formação do cortejo é momentaneamente dispersa e os integrantes ficam aguardando o momento específico do terno entrar na avenida para seu desfile. Todos os ternos desfilam todas as cinco noites da Festa.

Tais desfiles são integralmente transmitidos pela tevê local, perfazendo aproximadamente seis horas ininterruptas de transmissão diária realizadas durante todas as noites da Festa desde 1989. Até 2002 tais transmissões eram realizadas pela TV Paraíso e em 2003 a nova tevê local, chamada TV Sudoeste<sup>25</sup> iniciou seus trabalhos por meio da transmissão dos desfiles dos ternos de congo e moçambique na Festa de Congada.

Tendo em vista o fato da Festa de Congada ser integralmente televisionada e transmitida ao vivo via tevê local para Paraíso e Região, a Comissão Organizadora da Congada determinou durações de tempos específicos para o desfile de cada terno de congo e moçambique.

<sup>24</sup> Existe ternos que organizam quatro filas de congadeiros e moçambiqueiros, ao invés de três. Para realizar a “Meia Lua”, os participantes destes ternos percorrem todaa extensão de sua fila em direção à fila seguinte, até retornar novamente à sua posição de partida.

Tal duração de tempo é especificada no “Regulamento da Congada Paraisense”, documento anualmente elaborado por órgãos ligados à Prefeitura Municipal, à Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro e Comissão Organizadora das Congadas.

Pelo documento de 2004 ficou especificado que o tempo de desfile dos ternos de moçambique classificados do primeiro ao terceiro lugar no desfile do ano anterior seria de 20 minutos para cumprir todo o percurso do desfile. Os demais ternos de moçambique teriam somente 15 minutos de desfile.

Os ternos de congo que foram classificados de primeiro a sexto lugar nos desfiles do ano anterior, possuem duração de desfilaram de 25 minutos e os demais dispõem de somente 15 minutos. O cumprimento de tal determinação é controlado pelo Diretor de Cronometragem, geralmente nomeado pela Comissão Organizadora. Os ternos que excederem o tempo do desfile serão penalizados com o desconto de um ponto a cada minuto avançado.

Em 2004, a presença dos simbólicos Reis, Rainhas e Princesas em missas celebradas às 19:00h, durante todos os dias da Festa, se tornou obrigatória conforme o “Regulamento das Congadas Paraisenses”. A presença dos ternos nessas missas também é exigida em pelo menos um dos dias da Festa e tudo isso contabiliza pontuação no concurso do melhor terno de congo e moçambique paraisenses.

Desde 2002, por iniciativa da Rainha Conga, as imagens/ esculturas dos seis Santos da Congada passaram a ficar expostas na avenida, cada qual no respectivo dia do santo homenageado, durante toda a realização do desfile. Para tanto a imagem/ esculturase do Santo homenageado naquela noite, é conduzido em pequena procissão que sai da Igreja da Matriz, contorna toda a Praça José Honório e entra pela avenida onde se realizam os desfiles.

Toda noite, a imagem/ escultura do Santo homenageado é conduzida em seu respectivo andor pelo terno de moçambique que irá iniciar a apresentação nos desfiles. À frente do cortejo segue os simbólicos Reis, Rainhas e Princesas Congo, o presidente e vice-presidente da Comissão Organizadora da Congada Paraisense, o Secretário da Cultura. Esse pequeno cortejo é saudado por fogos de artifício e, mais recentemente, badaladas dos sinos da Matriz.

A imagem do Santo homenageado permanece no palanque, no local destinado aos simbólicos Reis, Rainhas e Princesas da Congada, durante todo o desfile e ao final, o último

---

<sup>25</sup> Tanto a TV Paraíso (canal 10) quanto a TV Sudoeste (canal 31) são filiadas à Rede Minas de TV que compõe o quadro de tevês educativas do sistema público de televisão brasileira.

terno de congo que se apresenta é responsável por conduzir a mesma até a Igreja da Matriz onde o mesmo é guardado junto às outras imagens dos Santos da Congada.

Os ternos de moçambiques são seis: Zambê de Angola, Santos Dumont, União dos Filhos de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Artulino Duarte e Diamante. O esquema do desfile faz com que tais ternos desfilem um após o outro para que somente então incie-se os desfiles dos ternos de congo.

São nove os ternos de congo a desfilar: Caçulas de Paraíso, Xambá, Angola, Bela Vista, Canários Paraisenses, Ipiranga, União, Sabiá e Anjos de São Benedito. A ordem dos desfiles é decidida por sorteio sendo que na primeira noite o desfile dos moçambiques é aberto pelo terno vencedor do concurso do ano anterior, e o desfile dos congos também se inicia com o terno vencedor da competição passada. Na última noite, os desfiles são encerrados pelos mesmos vencedores do concurso do ano anterior.

Existem dois tipos de integrantes nos ternos de congo, aqueles pertencentes à “tradição” da Congada e que são os reais mantenedores, organizadores e, em alguns casos, protetores dos demais integrantes do terno e, aqueles que não pertencem ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros e somente participam dos desfiles dos ternos de congo por promessa ou diversão. A presença deste último tipo de integrante é relativamente bem vista pelos próprios congadeiros, pois garantem que os desfiles sejam grandes e vistosos na avenida, aumentando a possibilidade dos ternos melhorarem sua colocação no concurso o que conseqüentemente, no próximo ano, aumentará seu tempo de desfile e, por conseguinte sua representação na mídia.

O mesmo geralmente não ocorre com os ternos de moçambique uma vez que seus integrantes estão vinculados de maneira mais contundente à religiosidade e “tradição” afro-descendente da Festa de Congada, o que de certa maneira restringe o número de integrantes nestes ternos e exige destes uma intensa dedicação.

Os desfiles são o ponto alto da Congada para seus participantes e para o paraisense em geral. Porém, percebe-se que a organização da Festa não respeita a ordem “tradicional” dos cortejos pelas ruas da cidade. Segundo esta, é “obrigação” de um terno de congo sempre que encontrar um terno de moçambique, sair à frente deste para lhe abrir o caminho.

O fato dos seis ternos de moçambique iniciarem os desfiles de todas as noites de concurso, para então somente os ternos de congo desfilarem representa uma quebra em relação

à tradição, uma vez que a ordem dos cortejos está diretamente relacionada ao mito fundador da Festa.

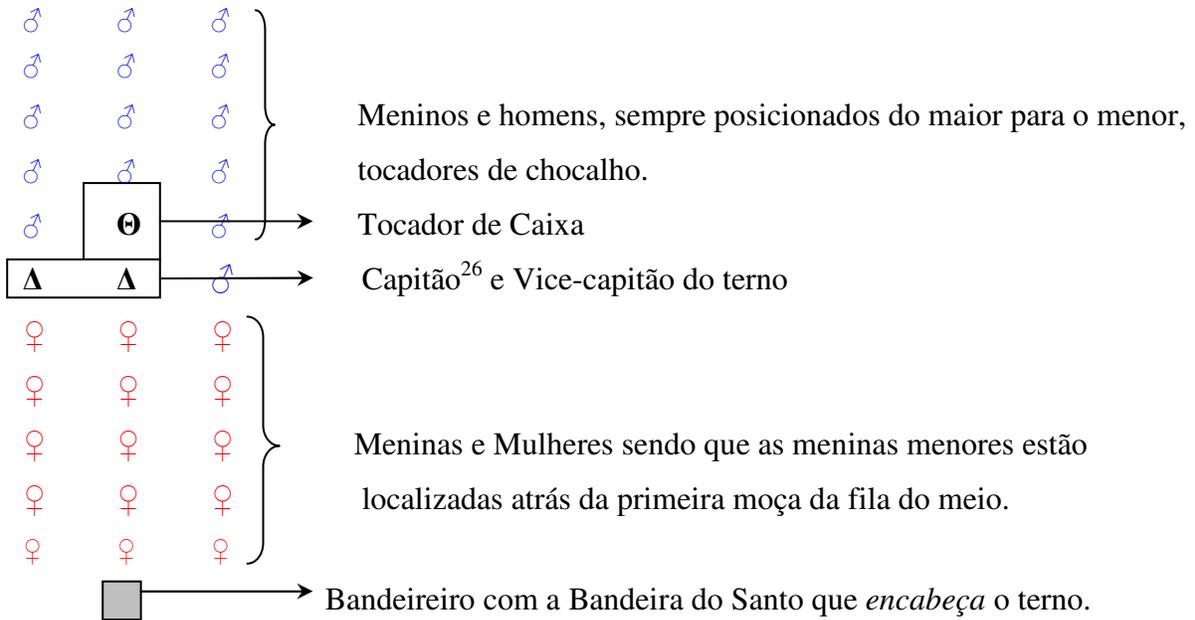
A justificativa para que tal modificação em relação à “tradição” da Festa ocorra está no fato dos desfiles dos ternos de congo serem classificados pelos organizadores como as “melhores” apresentações. Realizando os desfiles dos ternos de congo por último, os organizadores esperam atrair o público em geral fazendo com que este permaneça nas arquibancadas durante todas as apresentações, e mais recentemente, atraindo os telespectadores que acompanham as transmissões pela TV Paraíso e TV Sudoeste.

O cortejo de um terno de moçambique pode ser descrito de modo esquemático da seguinte maneira: o primeiro dançador de moçambique é aquele que abre o terno levando a bandeira do Santo protetor do terno. Além de carregar a Bandeira, esse moçambiqueiro ou moçambiqueira tem por obrigação acompanhar o bailado do terno por vezes movimentando a Bandeira de um lado para outro conforme orientação do capitão.

Posteriormente os moçambiqueiros se distribuem em três filas nas quais as meninas posicionam-se na frente, seguidas pelo capitão e vice-capitão do terno. Ao lado do capitão encontra-se um “respondedor” que é aquele que auxilia o capitão e o vice no momento do canto. Imediatamente atrás destes últimos, posicionado no centro do terno encontra-se o único moçambiqueiro que traz uma caixa (tambor). Os outros componentes ficam posicionados logo atrás do capitão, vice-capitão e “respondedor” e são homens ou meninos que tocam chocalhos.

Porém, no momento em que o capitão do terno de moçambique se prepara para cantar em meio aos desfiles, os integrantes do terno assumem outro posicionamento em frente ao palanque. As meninas se agrupam em duas rodas formadas ao lado do capitão, do vice-capitão e do tocador da caixa que passam a ocupar posição central de destaque. Às meninas são fornecidos microfones para que essas possam acompanhar o canto do capitão. O restante do terno mantém a posição inicialmente descrita.

**Esquema II - Visualização esquemática de um terno de moçambique (modelo adotado Terno Diamante)**



<sup>26</sup> Verificamos que em alguns ternos existe a figura marcante do protetor ritual, geralmente um benzedor, que sai ao lado ou atrás do capitão e é o responsável por “fechar” simbolicamente o terno. Em alguns ternos de congo, esta função é assumida pelo próprio capitão.



Fotografia: Lílian Sagio Cezar, 31/12/2003.

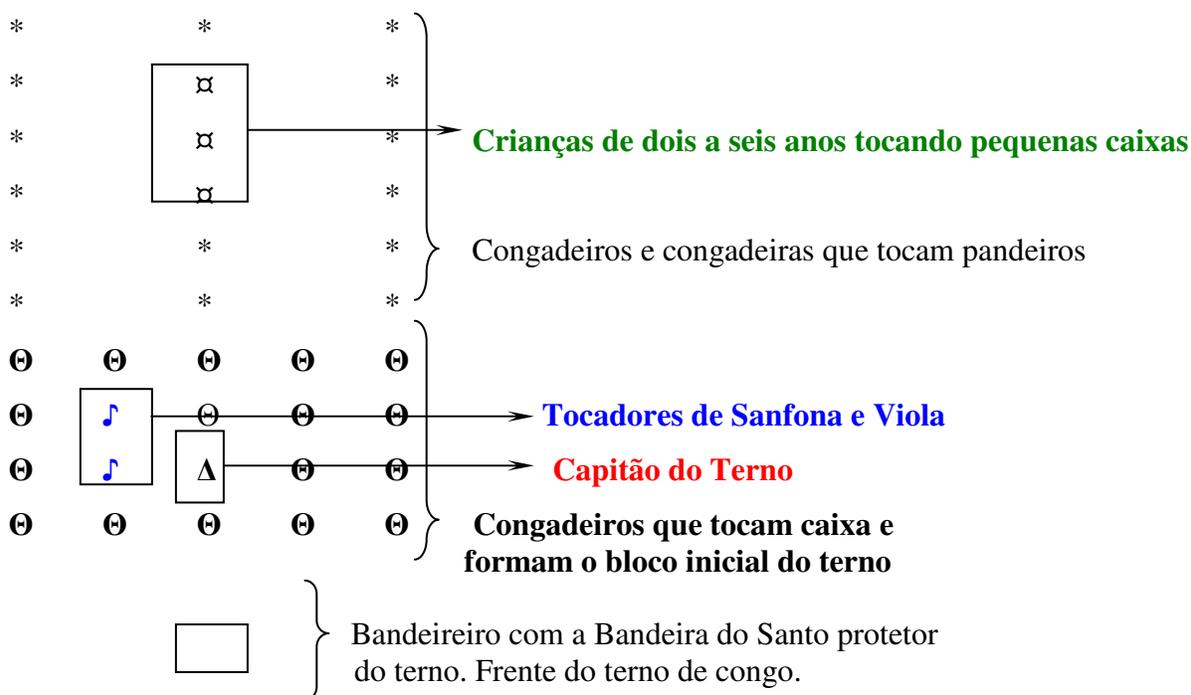
***Foto 05 –Diamante***

*Alguns ternos como o de moçambique Diamante, representado nesta fotografia, por devoção aos Santos e aos Reis e Rainhas “batem o joelho no chão” no momento em que se posicionam à frente dos palanques para o início de suas cantorias. Assim, o capitão comanda todos os integrantes de seu terno para que esses se ajoelhem, retirem a boina e respeitem esse momento considerado sagrado e de oração.*

Os nove ternos de congo do município desfilam após os ternos de Moçambique. Assim como estes últimos, o tamanho e organização interna desses ternos variam conforme as condições pecuniárias e decisões de seus capitães.

O cortejo de terno de Congo pode ser descrito esquematicamente do seguinte modo: o primeiro congadeiro de um terno é sempre aquele responsável por levar a Bandeira do Santo que “encabeça” ou protege o terno de congo. Geralmente os santos escolhidos pela maior parte dos moçambiques e congos do município são Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito. O terno é organizado de modo a formar um bloco inicial de congadeiros tocando e bailando com caixas (nome dado aos tambores dos ternos de congo). Esse bloco vem logo após a Bandeira do Santo protetor do terno. No centro desse bloco inicial encontra-se o capitão e o vice-capitão do terno e logo atrás deles os instrumentos de corda e sanfona. Atrás desse bloco inicial se formam duas ou três filas de congadeiros que geralmente dançam e tocam pandeiros. No centro e no final dessas duas filas se posicionam um ou dois congadeiros tocando tamborim.

**Esquema III - Visualização esquemática de um terno de congo (adotado como modelo o terno de congo Xambá)**





Fotografia: Lilian Sagio Cezar, 26/12/2003.

**Foto 06- Xambá**

*Visualizamos nesta imagem o momento em que o capitão do terno, no centro da foto, sai do meio do bloco inicial de congadeiros para assumir posição central de destaque diante do terno e dos ali presente. Esse momento se dá quando o terno chega à frente do palanque. O capitão do terno carrega consigo em uma das mãos um bastão onde está depositado o “segredo”. O significado do bastão é sagrado para a comunidade e a segurança do terno também está contida nele. Tanto os capitães dos ternos de congo como os de moçambique possuem seus respectivos bastões.*

A condição de primeiro e segundo capitão<sup>27</sup> é assumida por congadeiros ou moçambiqueiros que realizam o canto durante os cortejos e desfiles nas noites da Festa. Os capitães dos ternos mais “tradicionais” guardam para si o exercício da proteção dos integrantes do terno concomitante ao poder do canto e da fala durante os desfiles e cortejos.

A apresentação do canto é um momento do desfile na avenida muito valorizado e utilizado pelos congadeiros. Em geral os cantos são proferidos na seguinte ordem: primeiramente canta-se ao santo homenageado naquela noite de Festa, posteriormente aos simbólicos Reis, Rainhas e Princesas do Congado, e em seguida aos jurados da noite. Então o capitão passa a cantar para o presidente e vice-presidente da Festa, que são os representantes da sociedade civil convidados pela Prefeitura para mediar as relações entre os ternos e as instâncias da municipalidade.

Em seguida o capitão prossegue com as homenagens às pessoas que de alguma forma ajudaram o terno e para as equipes técnicas de tevê, rádio e jornal presentes. O fato de receber ou não essas homenagens demonstra o reconhecimento dos congadeiros e moçambiqueiros para com quem realmente ajudou à realização da Congada.

É durante o canto de agradecimento dos capitães que podemos perceber os conflitos entre os grupos que estão envolvidos direta ou indiretamente com a Festa. Geralmente esses são expressos de forma sutil sendo preponderante o poder do capitão de reconhecer e encaminhar tais conflitos. Esses versos são declamados de maneira improvisada no formato de “repentes” em praça pública (e mais recentemente via tevês locais) e sua compreensão depende do quanto cada um dos ouvintes (receptores) está envolvido com o dia a dia das Congadas.

Após as homenagens, os capitães de alguns dos maiores ternos passam a cantar a música-tema do terno naquele ano. Geralmente as canções são compostas por integrantes do próprio terno e reverenciam as “tradições” específicas dos mesmos, tratam da fé e religiosidade, homenageiam antepassados, fazem alerta sobre temas atuais como meio ambiente e violência. Os ternos menores ou aqueles que se auto-intitulam ligados à “tradição” não realizam tais composições, declamando na avenida as músicas secularmente cantadas desde os tempos de seus antepassados.

---

<sup>27</sup> Também encontrei a nomenclatura de capitão e vice-capitão.

Se o capitão julgar necessário e prudente, as reclamações e protestos contra intromissões realizadas por pessoas estranhas às comunidades também são realizadas em praça pública e, conseqüentemente, transmitidas ao vivo por meio da tevê.

A finalização da Festa de Congada acontece com a realização de dois rituais: uma pequena procissão conduzindo as imagens dos seis Santos da Congada pelo centro da cidade, em torno da Igreja da Matriz na tarde do dia 30 de dezembro anuncia que a última noite da Festa se aproxima; e finalmente o ritual da Descida das Bandeiras.

No dia 31 de dezembro de cada ano é realizado o ritual de Descida das Bandeiras, quando todos os ternos seguem em cortejo até a Matriz. Ali as Bandeiras são retiradas, ritualisticamente, de seus mastros e conduzidas até às casas das pessoas escolhidas pelos Reis e Rainhas. Os escolhidos guardarão consigo cada uma das Bandeiras dos seis Santos da Congada durante o ano que se inicia.

Após a Descida, cada estandarte é segurado pela pessoa escolhida para fazer a guarda daquela Bandeira. Então, assim como na Subida, na Descida das Bandeiras cada terno de congo ou moçambique realiza uma cantoria especial para os Reis e Rainhas da Festa e para os Santos da Congada.

Em seguida, cada integrante do terno aproxima-se das Bandeiras e beija sua figura. Todo esse ritual demora aproximadamente três horas. Após sua finalização, os ternos acompanham em cortejo as Bandeiras até a casa da pessoa escolhida pelo Rei ou Rainha para guardar aquele artefato cerimonial durante todo o ano que dentro em breve será iniciado. Assim foi finalizada a Festa de Congada de 2003.

Nesse mesmo momento, nos estúdios da TV Sudoeste (canal 31 – filiada à Rede Minas de TV), estava sendo realizada a apuração dos votos dos jurados sobre os desfiles dos ternos de congo e moçambique nas cinco noites da Festa. Quatro critérios de julgamentos são avaliados a cada noite da Festa: ritmo e instrumentos; dança e evolução; vestimenta e alegoria; música e respeito ao folclore. Cada um dos quatro jurados é responsabilizado por julgar um desses critérios durante uma das noites da Festa. Assim, ao todo a Festa conta com notas dadas por 20 jurados distintos.

Para evitar a possibilidade de empate entre os primeiros colocados do concurso, foi introduzida em 2003 a atribuição de notas fracionadas para cada um dos critérios julgados. Além disso, como já dito anteriormente, outros critérios influenciam na atribuição das notas,

como a presença às procissões e rituais de Subida e Descida das Bandeiras, entre outros. Em 2003 o terno de congo da União e o terno de moçambique Diamante foram julgados os melhores da Festa da Congada daquele ano.

## Capítulo II

### **Análise das imagens veiculadas na imprensa local que representam a Congada**

No primeiro capítulo elaborei um pequeno histórico das Festas de Congadas no Brasil, passando à descrição etno-foto-gráfica da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso e finalmente analisei aspectos importantes para a compreensão da realização da Festa no município, e de seus elementos “tradicionalistas”. Mencionei a composição de um sistema simbólico específico a esta Festa, que conforma o entendimento e visões de mundo dos congadeiros e moçambiqueiros ligados a esta “tradição”.

Apresento neste capítulo o estudo de matérias jornalísticas publicadas em jornais de grande circulação neste município que se utilizaram de imagens fotográficas para dar visibilidade a aspectos desta Festa de Congada. O objetivo da análise aqui apresentada é verificar como a fotografia vem sendo utilizada para representar esta Festa. Busco compreender se existem padrões de imagens recorrentes nas fotos publicadas e que tipo de diálogo é estabelecido entre o texto e a imagem nas matérias analisadas.

Para o estudo das fotografias de imprensa adotou-se a técnica de descrição pormenorizada da imagem e reconstituição textual do contexto do qual a imagem está impregnada (Joly, 1998). Todo esse esforço foi seguido do cotejar dos respectivos textos que acompanham tais imagens, formando assim matérias sobre a Festa de Congada do Município.

As matérias recolhidas para análise foram veiculadas nos Jornais A Gazeta do Sudoeste e Jornal do Sudoeste, ambos de São Sebastião do Paraíso e a Folha da Manhã de Passos, MG, e referem-se às Congadas de 2003 e 2004.

Para a compreensão do leitor apresento imagens “scaniadas” representando cada reportagem selecionada, seguida de sua respectiva descrição e análise. Estas são retomadas na composição das **Conclusões Finais** desta pesquisa.

O jornal Folha da Manhã, publicação de Passos, MG, (ano XXI, número 5920, diário de circulação regional) com sucursal em São Sebastião do Paraíso.

Essa publicação local trouxe no dia 25 de dezembro de 2003, na página 4 a matéria denominada “Paraíso inicia Festa das Congadas” e subtítulo “Evento tradicional reúne milhares de pessoas que se concentram na Praça Matriz para ver desfiles dos ternos de Congo e Moçambique”. Na metade superior da primeira página do jornal foi publicada uma nota cujo título é “Paraíso inicia congadas amanhã”, seguida de um pequeno texto resumindo a matéria contida na página 4 desse jornal. Após esse texto existe a indicação para a continuação da matéria na referida página.



*Imagem 1 – Matéria publicada no Jornal A Folha da Manhã com o título “Paraíso inicia Festa das Congadas”, dia 25 de dezembro de 2002, página 4.*

Localizada em página do lado superior esquerdo do jornal, essa matéria traz 4 colunas de texto onde se realizou a divulgação do início da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso. Traz também uma fotografia de dimensão 14,5 cm X 9,45 cm. X

Ao noticiar o início da Festa daquele município marcado para o dia 26 de dezembro, a matéria atribuiu a Congada aos escravos africanos ali introduzidos desde a fundação da cidade em 1821. O texto segue dando detalhes sobre a programação da Festa. Explica que de 14h até às 18h, os ternos percorrem as ruas buscando rainhas e reis por promessa para conduzi-los até à Igreja Matriz como cumprimento de promessas. Fornece também informações sobre a comissão responsável pela organização da Festa. E por fim divulga a ordem dos ternos de moçambique e congo que irão se apresentar no dia 26 de dezembro ao longo da Praça da Matriz, na estrutura disponibilizada pela Prefeitura.

A fotografia tem o caráter explícito de divulgação – a palavra divulgação fora publicada acima da foto – e traz a imagem em plano geral do desfile de um terno de congo, o qual não nos foi possível identificar, uma vez que não há nitidez suficiente para reconhecermos o capitão ou os integrantes que compõem a frente do terno. A imagem, por ter sido captada acima do nível da rua, possibilita a visualização do público sentado nas arquibancadas à direita da fotografia, do terno ao longo da estrutura disponibilizada para o desfile. Sua intenção é mostrar o quanto a Festa de Congada de Paraíso é grande para o padrão local, servindo como divulgação enquanto peça publicitária capaz de atrair público para as noites de desfile dos ternos.

Como foi publicada no dia 25 de dezembro, um dia antes do início dos desfiles, podemos afirmar que tal imagem pertence ao arquivo desse jornal e não nos é possível afirmar o ano de sua realização.

## *A Gazeta do Sudoeste*

O jornal A Gazeta do Sudoeste, publicação de São Sebastião do Paraíso tem edição regular e está em seu oitavo ano de existência perfazendo aproximadamente 500 publicações. Seu diretor de redação e dono do Jornal, Ricardo Oliveira é neto de congadeiros.

No presente, realizo a análise de duas matérias publicadas nesse jornal de circulação local (abrangendo os municípios de Itamogi, Jacuí, São Tomás de Aquino, Arceburgo, Monte Santo de Minas, além da própria São Sebastião do Paraíso) dando destaque especial às diferentes funções desempenhadas por fotografias nessas duas reportagens. Ambas as matérias tratam especificamente da Festa de Congada do município, e por isso se tornaram objetos de atenção e interesse dentro do contexto desta pesquisa.

Procuo discutir como esse veículo de comunicação representou em 2003 a Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso por meio de trabalho fotojornalístico e como tais reportagens trazem em si ações comunicativas que estão na base constituinte das relações sociais das quais a própria Festa é um dos frutos mais expressivo.

A primeira reportagem a ser analisada fora publicada no exemplar n.º 443, Ano VIII de 24 de dezembro de 2003, na página 5, ocupando ao todo 4 colunas da metade superior dessa página, localizada no lado direito do jornal. Ao lado da matéria encontra-se somente um anúncio publicitário de Boas Festas oferecido por uma drogaria da cidade. Essa matéria está localizada dentro do caderno “CIDADES<sup>28</sup>” que tem o subtítulo “CONGADAS 2003”. O título principal da reportagem é “Falta pouco para a Festa”, sendo que uma parte do texto que se refere à ação da Prefeitura para com a Festa está sob o subtítulo “Prefeitura repassa 45 mil a ternos”. A matéria traz ainda uma fotografia com dimensões 9,7X6,2cm cuja legenda é “Além do recurso financeiro, a prefeitura cedeu tecidos da vestimenta aos ternos”.

Para efeitos didáticos dividiremos a reportagem em A. texto localizado logo abaixo do título principal, referente aos preparativos gerais para a Festa; B. texto que se refere ao repasse de dinheiro pela prefeitura e; C. a fotografia. Procedemos a análise da matéria tendo em vista a compreensão da imagem selecionada para compor tal edição e a relação dessa com as fotografias que compõem a outra matéria que será posteriormente analisada.

O primeiro texto é uma apresentação sintética da Congada enquanto a “Festa mais tradicional da cidade”, informando a data, horário e local de alguns dos acontecimentos planejados: dia 26 “um cortejo com as imagens dos santos padroeiros abre os festejos a partir das 15h (...) a partir das 20h começam os desfiles que vão apontar os ternos campeões de 2003”.

Quarta-feira, 24 de dezembro de 2003

**CIDADES**  
CONGADAS 2003

A Gazeta do Sudoeste - 5

## Falta pouco para a festa

Os preparativos para a festa mais tradicional da cidade estão praticamente prontos para o desfile dos ternos na Praça Comendador José Honório, no Centro. A praça terá a presença do Rei e da Rainha Conga, dos ternos de Congo e Moçambique e seus respectivos capitães que vão desfilarem a beleza da congada paraisense. A expectativa é que centenas de pessoas, entre turistas de toda a região e paraisenses, lotem as arquibancadas montadas especialmente para o evento.

Na sexta-feira (26) um cortejo com as imagens dos santos padroeiros abre os festejos a partir das 15h, quando os ternos de Congo e Moçambique deverão buscar as imagens dos Santos de devoção na Igreja Nossa Senhora do Rosário e levá-las até a Igreja Matriz de São Sebastião.

Ainda no dia 26, a partir das 20h, começam os desfiles que vão apontar os ternos campeões de 2003. Os desfiles vão até o dia 30. No dia 31, ocorre a cerimônia de Descida das Bandeiras, às 15h, na Praça da Matriz. A apuração das notas dos desfiles será no mesmo dia, no salão da Câmara Municipal, às 16h.

A Congada de São Sebastião do Paraíso possui gional, com devoção aos santos e respeito ao folclore. Ponto alto das manifestações folclóricas no município, a Congada é um traço social visto como forma de resistência dos negros escravizados e exilados de sua terra, que procuravam preservar suas referências elegendo um rei e uma rainha do seu povo, em meio à repressão dos colonizadores. Manifestação popular, a Congada paraisense é uma festa de grande expressão e chega a atrair um público estimado de 7 mil pessoas por noite. Os reis Congo são Sebastião Eurípedes de Páschoa e Arturino Duarte. As rainhas Congo são Antônia Maria de Jesus e Genuífa Pereira de Paula. A princesa Congo é Maria Aparecida de Jesus Ivo. A comissão é composta do presidente Heraldo Bicego, do vice Sidney Félix de Pádua, do secretário Luiz Ferreira Calafiori e de mais doze membros.

Além do recurso financeiro, a prefeitura cedeu tecidos da vestimenta aos ternos

Congo repassou na semana passada R\$ 45.000,00 referente à verba de apoio aos ternos de Congo e Moçambique de São Sebastião do Paraíso. Além deste valor, foram entregues tecidos a cada terno para a confecção de suas vestimentas. O congadeiro e membro da diretoria do terno Ipiranga, João Baiano, disse que este é um dos maiores apoios recebidos pelos congadeiros nos últimos tempos. “Estamos bastante agradecidos à Administração municipal, com o valor de R\$ 1.800,00 para os menores e R\$ 3.000,00 para os maiores. De acordo com o número de componentes o valor do repasse municipal aumenta, já que a despesa é proporcionalmente maior. Neste repasse está assegurada também a alimentação para cada terno. “Fizemos questão de garantir este recurso pois entendemos que é de fundamental importância a manutenção de uma das maiores festas de nossa cidade e de Minas e é o que

A prefeita falou também do apoio que a Associação Paraisense de Defesa do Folclore e todos os integrantes da Comissão das Congadas têm emprestado à festa. “A Associação é uma legítima e importante entidade que devemos apoiar e respeitar, e com responsabilidade social e humana estamos garantindo investimentos como este da nossa congada”, comentou a prefeita.

Arquibancadas, sonorização, palanque e toda estrutura

**DROGARIA POPULAR**  
pensando em seu bem estar

Foi acreditando em um sonho, que nasceu a Droguaria Popular, um sonho onde todos têm uma enorme participação. E acreditando em sonhos, desejamos, que o de cada um se realize. Que este natal seja repleto de alegria. E que em 2004 todos os nossos sonhos se realizem e que continuemos parceiros nas lutas do dia-a-dia.

Imagem 2- Matéria “Falta pouco para a Festa” publicada no jornal A Gazeta do Sudoeste dia 24 de dezembro de 2003, página 5.

Interessante verificar a publicação da Câmara Municipal como o local inicialmente planejado para as apurações, que naquele ano, acabaram acontecendo nos estúdios da TV

<sup>28</sup> A formatação dos títulos das matérias editadas pelo jornal é integralmente respeitada aqui pela autora que somente transcreve os mesmos mantendo a formatação original utilizada pelo jornal na sua editoração.

Sudoeste. Com exceção desse fato, todos os outros informados pelo jornal aconteceram conforme o planejado pela Comissão Organizadora da Festa e divulgado anteriormente.

A reportagem também traz o nome dos principais participantes da Festa como os Reis de Congo Sebastião Eurípdes de Páschoa e Artulino Duarte, as Rainhas Conga Antônia Maria de Jesus e Genuíta Pereira de Paula e a Princesa Maria Aparecida de Jesus Ivo, ao lado dos organizadores oficialmente convidados pela prefeitura, o presidente da Comissão de Organização da Festa, Heraldo Bícego, o vice-presidente Sidney Félix de Pádua e o Secretário Municipal de Cultura Luiz Ferreira Calafiori.

O texto ainda explica sobre algumas das características peculiares da Festa:

“A Congada de São Sebastião do Paraíso possui características próprias, guardando seu caráter regional, com devoção aos santos e respeito ao folclore. Ponto alto das manifestações folclóricas no município, a Congada é um traço social visto como forma de resistência dos negros escravizados e exilados de sua terra, que procuravam preservar suas referências elegendo um rei e uma rainha do seu povo, em meio à repressão dos colonizadores. Manifestação popular, a Congada paraisense é uma Festa de grande expressão e chega a atrair um público estimado de 7 mil pessoas por noite.”

A segunda parte do texto trata especificamente dos recursos financeiros fornecidos pela Prefeitura, na semana anterior à publicação, para a realização da Festa. O valor do repasse divulgado pelo jornal é de 45mil reais, sendo dividido em R\$1800,00 para os ternos menores e R\$3000,00 para os maiores; dinheiro esse que a prefeita Marilda Melles diz em entrevista, ser suficiente para a alimentação dos integrantes dos ternos durante a Festa. É informado também que além de recursos financeiros, os ternos receberam ainda tecidos para a confecção das suas roupas. O texto termina comentando que arquibancadas, sonorização, palanques estarão sendo preparados, ainda naquela semana, para a Festa.

Apesar do texto ser formado por signos (unidades mínimas de comunicação) que, por meio de convenções preestabelecidas possuem um significante (palavra) e seu significado (conceito) correspondente, o contexto onde aconteceram os fatos relatados e informados por

meio dessa matéria, permite interpretações distintas para tal reportagem. As pessoas que não participam ativamente da Festa puderam visualizar no jornal uma oportunidade para obter informações sobre a mesma. Porém, as pessoas diretamente empenhadas na Festa e os leitores mais criteriosos perceberam que tanto os recursos financeiros como os tecidos foram obtidos pelos congadeiros em data muito próxima do início da Festa, o que dificultou tanto a confecção (das roupas devido a sobrecarga de trabalho às costureiras), como a compra dos adereços e adornos tão importantes e específicos à Congada. Outra informação relevante é a somatória de dinheiro repassado aos ternos: se se distribuísse igualmente R\$3000,00 para cada terno, que são 15 ao total (seis de moçambique e 9 de congo) a somatória de dinheiro diretamente destinado aos ternos seria correspondente aos R\$45000,00 divulgados, porém como foi inferido o critério, conforme divulgado na própria matéria, de repassar 3mil reais para os ternos grandes, que são aproximadamente 5 ternos de congo e dois de moçambique, e R\$1800,00 aos demais ternos, a somatória do dinheiro destinado a esses não é coincidente com o valor divulgado. As informações contidas na reportagem são vagas e não esclarecem tal situação.

A fotografia dessa matéria é de difícil análise, pois sua qualidade técnica está comprometida pela baixa luminosidade que não permite ao leitor precisar ao certo todos os seus referentes. Essa informação também é omitida na legenda que segue a fotografia e no corpo do texto da matéria. Ainda assim, essa fotografia fora editada e pertence à matéria “Falta pouco para a Festa”; quais seriam então as informações relevantes contidas nessa fotografia que levaram o editor a selecioná-la e não a outra foto como, por exemplo, as do próprio arquivo do jornal?



*Imagem 3 – Detalhe: fotografia da matéria “Falta pouco para a Festa” publicada no dia 24 de dezembro de 2003, página 5.*

Tendo sido posicionada de baixo para cima em relação à imagem mirrada, a câmera fotográfica apreendeu a representação imagética de dez homens posicionados uns ao lado dos outros, todos de pé com exceção do localizado no lado esquerdo da fotografia. Todos eles estão dentro de uma sala relativamente ampla, clara, quase sem mobília. A iluminação utilizada pelo fotógrafo não foi suficiente para dar à fotografia a nitidez necessária à imagem dos rostos de todos esses homens representados. A imagem resultante permite que se visualize não somente todos os dez referentes de corpo inteiro como também parte do chão e do alto da parede dessa sala.

Porém, alguns dos referentes podem ser identificados pela pesquisadora. A imagem do homem representado à esquerda da fotografia é de Zovan Bicego, pertencente à Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro. Ele traça camisa escura, calça clara e está sentado, com as mãos entrecruzadas e apoiadas sobre suas pernas. Ao seu lado encontra-se um rapaz trajando camisa xadrez e calça jeans. Imediatamente ao seu lado, o terceiro referente é um rapaz vestindo camisa clara, calça escura, chapéu, e segura em uma das mãos um longo tubo preto e um pedaço de tecido ou plástico branco. O quarto referente é o vice-presidente da

Comissão Organizadora da Congada Sydnei Félix de Pádua também conhecido como Sydnei da Farmácia; ele traça calça escura, camisa clara e traz em suas mãos, segurando à altura do peito, um pacote largo, embrulhado que parece ser uma fazenda de tecido.

A quinta pessoa representada na fotografia é Heraldo Bicego, o então presidente da Comissão Organizadora da Festa. Imediatamente ao seu lado, está o congadeiro do terno Xambá conhecido pelo apelido de “Quarenta”. Esse congadeiro é muito respeitado junto ao terno, participando ativamente de sua organização e dos dias de Festa. “Quarenta” tem em suas mãos um pacote de cor clara.

Ao seu lado estão posicionados mais três congadeiros, ambos vestindo calça escura e camisa clara. Seus rostos não estão visíveis o que impossibilita a identificação dos mesmos por meio da imagem. Assim sendo resta a pergunta: mas o que o fotógrafo nos dá a ver com essa imagem?

Para direcionar o olhar do receptor, nessa fotografia é introduzido o recurso de legenda. Esse direcionamento do olhar do receptor por meio do texto pode tanto auxiliá-lo na compreensão da imagem quanto fornecer elementos que distanciem ou modifiquem o significado de um documento fotográfico. Como exemplo desse último caso podemos citar a análise realizada por Jesiel de Paula (1998) a partir das fotografias veiculadas na imprensa sobre a Revolução de 1932, que utiliza o texto de legenda como “modificador” da foto.

Diz a legenda: “Além do recurso financeiro, a prefeitura cedeu tecidos da vestimenta aos ternos”. Desse modo, a imagem dos pacotes segurados por Sidney e “Quarenta” tornam visíveis essa atitude da prefeitura em relação aos ternos do município, representados pelo próprio congadeiro “Quarenta” por esse ser facilmente reconhecido entre os outros integrantes do grupo naquele momento reunido.

Três pontos interessantes podem ser notados nessa matéria e merecem ser comentados: o primeiro é relativo ao texto que consegue em poucas palavras nomear os elementos históricos valorizados pelo grupo afro-descendente que realiza essa manifestação cultural. Dentre estes elementos destaca-se a menção à secular resistência cultural realizada por meio da escolha de um Rei e uma Rainha dentre pessoas ditas de “seu povo”, mesmo em meio à repressão dos antigos colonizadores. O texto ainda destaca a organização e hierarquização do grupo como modo de demonstrar o enraizamento e a estrutura do grupo de congadeiros e moçambiqueiros que realmente se prepara para atrair público estimado de 7 mil pessoas.

O segundo ponto é relativo à data do repasse da verba da Prefeitura destinada aos ternos do município, conforme já analisado. E o terceiro ponto é relativo à própria fotografia que parece ser, na sua falta de visibilidade, um alerta aos leitores mais cuidadosos. A prova testemunhal da imagem fotográfica que consegue a um só tempo valorizar a cena fotografada enquanto recorte e escolha do fotógrafo e como imagem digna de veiculação nos meios de comunicação pode, em sua falta de clareza, significar exatamente o contrário: a desvalorização da cena captada pela imagem.

### A Matéria “Congadas 2003”



Imagem 4- Matéria “Congadas 2003” publicada no dia 31 de dezembro de 2003, primeira página.

No dia 31 de dezembro de 2003 esse mesmo jornal publicou matéria em primeira página tratando especificamente da Festa de Congada do município. Intitulada “CONGADAS 2003”<sup>29</sup>, a matéria aqui analisada é composta por três fotografias e um pequeno texto com algumas informações decorrentes da realização da Festa. A editoração fora feita a partir da disposição das fotografias na seguinte ordem: a primeira fotografia, que chamarei de Foto 1, possui 14,5X9,5 cm de dimensão, sendo as duas outras fotografias apresentadas logo abaixo, uma ao lado da outra. A Foto 2, localizada à direita, contém a dimensão de 6,8X5,0cm e a Foto 3, à esquerda dessa composição, a dimensão de 7,1X5,1cm. O título da matéria está escrito em branco sobre a parte superior da Foto 1, a maior fotografia dessa composição. A parte textual referente à matéria está situada logo abaixo das fotografias e é composta pelo título centralizado “VISITA ILUSTRE” seguido do texto disposto em duas colunas, cada uma com 7 linhas.

Ao todo, a publicação desse exemplar aqui abordado possui 12 páginas contendo 9 fotografias, sendo 7 jornalísticas, uma apresentando o escritor de um dos artigos publicados e uma fotomontagem que emoldura a seção “Social” do jornal. Nesse contexto, a matéria “CONGADAS 2003” possui aproximadamente 40% das fotografias jornalísticas de todo o jornal. Seu texto, no entanto, corresponde a menos de 10% de todos os textos contidos no mesmo. Nesse caso, a informação que está sendo veiculada tem caráter predominantemente imagético. Além disso, o posicionamento dessa matéria é estratégico inclusive para a venda da edição uma vez que a metade superior da capa do jornal é que fica exposta nas bancas e garante a atratividade do mesmo para os leitores. Passemos às imagens.

A primeira fotografia da matéria é a de maior dimensão e por isso atrai prontamente o olhar do *leitor*. Essa imagem traz como referente três congadeiros, pertencentes ao terno de congo Xambá, dispostos um ao lado do outro, ambos empunhando microfones. O primeiro congadeiro da esquerda para a direita traz à mão, além do microfone, sua caixa também adornada por fitas provavelmente da mesma cor da camisa, e na outra mão o cambito<sup>30</sup> que ressoa a caixa.

---

<sup>29</sup> A formatação dos títulos das matérias editadas pelo jornal é integralmente respeitada aqui pela autora que somente transcreve os mesmos mantendo a formatação original utilizada pelo jornal na sua editoração.

<sup>30</sup> Cambitos: nome da designação local para baquetas de percussão.

Imediatamente ao lado desse congadeiro, visualizamos o capitão do terno Xambá que é quem tem a responsabilidade pelo batalhão<sup>31</sup>. É dele o poder de realizar o canto, o louvor aos Reis, Rainhas, Princesas e aos Santos. A melodia principal do terno Xambá em 2003 foi a homenagem aos congadeiros já falecidos, em especial de Dona Geralda, Rainha Perpétua que falecera em julho de 2003. O capitão traz na mão direita o seu longo bastão que vez por outra apoia no ombro direito; adornado por fitas, o bastão além de simbolizar ascensão à hierarquia, possui em si o poder de proteção e guarda do batalhão. Ainda na mão direita, o capitão traz uma folha de papel dobrada com a canção composta para homenagear os congadeiros antigos. A mão esquerda levada até à altura da boca empunha o microfone por meio do qual seu canto é amplificado no sistema de som montado para a Festa. Pendurado em seu pescoço uma longa corrente com um apito que é usado para fornecer aos demais congadeiros que compõem o terno os comandos das batidas das caixas, mudanças de ritmos e ritos. Seu corpo está ligeiramente inclinado para a direita o olhar voltado para baixo.

O terceiro congadeiro da tríade tem os olhos fechados apesar de voltados em direção à câmera. Também empunha o microfone à altura da boca, provavelmente acompanhando em segunda voz o canto do capitão como é de costume na Congada. Geralmente, o congadeiro ou moçambiqueiro que acompanha o canto do capitão não segue com precisão as palavras proferidas pelo primeiro, acompanhando a melodia geral do canto, ora encobrimdo, ora destacando palavras e frases proferidas pelo primeiro. Seu cambito encontra-se pendurado no braço direito, que é o mesmo que empunha o microfone.

O primeiro plano dessa foto é totalmente composto pela tríade de congadeiros do terno Xambá; a câmera está posicionada na mesma altura dos referentes<sup>32</sup> de modo a enquadrá-los em plano americano, desde a altura um pouco acima do joelho até o chapéu.

A Foto 2 dessa composição, com dimensões de 6,8X5,0 cm, tem como referentes congadeiros do terno de congo da União. Em primeiro plano visualizamos também três congadeiros desse terno, porém, a composição dessa fotografia é diferente da anteriormente analisada. Nessa, a câmera está posicionada no sentido de baixo para cima em relação à cena

---

<sup>31</sup> Batalhão: grupo de congadeiros ou terno de congos organizados em filas obedecendo a formação cerimonial específica denominada pelos mesmos como cortejo. Essa é a formação utilizada nos desfiles em praça pública, nas andanças pela cidade para “puxar” (acompanhar em cortejo) “rainhas” (pessoas da comunidade que vão, acompanhadas pelos ternos de congadeiros ou moçambiqueiros até a Igreja Matriz para pagar promessas).

<sup>32</sup> Como referente entendo, como quer Barthes (1984), tudo aquilo que é representado na fotografia.

fotografada o que permitiu que a fotógrafa captasse na imagem o corpo todo desses congadeiros e ao fundo parte da fachada do casarão localizado ao lado da Matriz.

O congadeiro representado à esquerda da fotografia carrega o bastão ornado com fitas apoiado no ombro esquerdo e na mão direita o microfone empunhado à altura da boca. Esse é o capitão do terno União. Seu olhar está voltado para a frente dos palanques onde se localizavam as personalidades da Congada e as autoridades municipais (representado na fotografia 3).

Imediatamente do lado esquerdo do capitão encontra-se representado outro congadeiro que tem seu corpo e olhar voltados em direção ao próprio capitão. Esse congadeiro também empunha o microfone à altura da boca e provavelmente realiza a segunda voz, seguindo a melodia cantada na maioria dos momentos de maneira improvisada pelo capitão. Ao seu lado, um terceiro congadeiro segura na mão direita o cambito e na esquerda sua caixa também adornada por fitas. Ao lado desse terceiro congadeiro, num plano posterior, visualizamos um rapaz vestindo tênis, calça larga e camiseta preta; traz no peito um crachá destinado aos profissionais da organização da Festa e imprensa. Em sua mão direita carrega um microfone e sua função no contexto da Festa é captar o som dos instrumentos posicionados logo após o capitão, que seriam a sanfona, a viola e outras caixas.

Visualizamos também, à esquerda da fotografia, à frente do capitão a figura, cortada pelo enquadramento, de um menino desde já congadeiro segurando na mão sua caixa. O menino compõe na verdade um grupo de crianças que, no desfile, vinham à frente do terno, entre a bandeira do santo e o capitão e seu batalhão propriamente dito. Nas noites da Festa de Congadas 2003 o terno União também homenageou dona Geralda, Rainha Perpétua recentemente falecida, e trazia por meio das crianças, a mensagem de continuação entre gerações destacando os futuros congadeiros.

A terceira e última fotografia da matéria, Foto3, dá visibilidade ao palanque por conta da visita do ator Stênio Garcia e de sua esposa. O fotógrafo posicionou sua câmera de baixo para cima em relação ao palanque. Sua fotografia tem como referentes centrais, assim como nas demais fotografias da composição a tríade, nessa cena composta pela esposa do ator à esquerda da fotografia, o próprio Stênio Garcia no centro e a prefeita de São Sebastião do Paraíso, Marilda Melles à direita.

Para realizarem Festa de Congada, os congadeiros necessitam negociar autorizações de uso dos espaços públicos como ruas, praças, e também de espaços privados, em especial a Igreja; precisam também de um certo reconhecimento e valorização dado pela população, fiéis religiosos, autoridades representantes dos poderes econômicos locais. Concomitantemente, os incentivos desses variados setores sociais e econômicos ajudam a promover a Festa e dela fazem uso na medida em que a Congada pode atender interesses diversos: a população valoriza a Festa como folclore e acontecimento que contribui para a formação e manutenção da identidade dos que ali vivem, os fiéis religiosos reverenciam os Santos homenageados, as autoridades vêem reconhecimento nos serviços prestados ou nos favores particulares concedidos aos integrantes e membros da Festa, as autoridades políticas esforçam-se para agariar votos, desenvolver potencial turístico da região, manter sua tutela sobre aqueles que eles julgam ter dominado, num ciclo envolvente que congrega o tempo da Festa, o local destinado às suas específicas formas de sociabilidade desenvolvidas e todos aqueles envolvidos direta ou indiretamente à Congada.

A estrutura que vem sendo disponibilizada pela Prefeitura Municipal desde os anos 1980 para a apresentação do concurso para julgamento do melhor terno de congo e de moçambique de São Sebastião do Paraíso fez com que os conflitos e negociações estabelecidos anualmente entre grupos de interesses diversos – Igreja, fiéis, Estado, políticos, comerciantes, entre outros - e as comunidades de congadeiros fossem paulatinamente sendo subsumidos pela disputa e rivalidade entre os ternos.

O papel das imagens dos jornais e tevê nesse contexto foi o de amplificar a repercussão dos fatos gerando ao longo dos anos a impressão da continuidade temporal e tradição do concurso, a ponto das pessoas se questionarem se se o concurso fosse extinto, conforme vontade manifesta de alguns líderes dos congadeiros, a Congada também se extinguiria. O concurso é concomitantemente a forma institucionalizada e consagrada, através do público e da mídia, da Festa de Congada, e a dissimulação de relações sociais conflituosas entre representantes de camadas sociais distintas (afro-descendentes a margem da sociedade de classes e a elite local) por meio da competição estabelecida entre pares de uma mesma categoria, os congadeiros e moçambiqueiros.

A impressão de continuidade temporal e tradição advinda do concurso somada à dissimulação das relações sociais conflituosas entre os indivíduos diretamente envolvidos com

a Festa faz com que o palanque montado anualmente para receber as personalidades municipais durante os dias da Festa não seja motivo de grande destaque da mídia locais, afinal, a disputa entre ternos mobiliza paixões, religiosidade e tradição entre os moradores e público da região. As câmeras (fotográficas, de tevê, vídeo) em 2003 somente se voltaram para tal palanque quando se viram atraídas por algo exterior ao mencionado panorama de agentes produtores da Festa, políticos e personalidades municipais.

A visita de um ator de projeção nacional à cidades pequenas e médias, que estejam fora de circuitos turísticos tradicionais, é geralmente tornada notícia jornalística na imprensa daquele local. No caso aqui analisado, o texto da matéria trata especificamente dessa visita e a terceira fotografia da reportagem cumpre o papel de tornar visível, portanto crível (Freund,1974), tal presença na cidade. Stênio Garcia não fora só fotografado pelo jornal a Gazeta do Sudoeste nessa ocasião, ele também deu entrevistas à rádio AM, à TV Sudoeste, a outros jornais impressos da região, enfim, o assédio por parte da imprensa foi bastante intenso. O texto de 14 linhas que compõe e finaliza a matéria “CONGADAS 2003”, refere-se especificamente à informação da visita de Stênio Garcia à Festa de Congada à convite da família Melles<sup>33</sup>. Sua imagem rapidamente foi associada a tal família, ganhando aspectos políticos dentro do contexto municipal.

Por meio da matéria “ CONGADAS 2003” percebemos também grande quantidade de informações imagéticas sobre os respectivos referentes de cada uma das fotografias, passíveis de serem identificados a partir de um determinado repertório cultural específico do município, e em especial, das Congadas de São Sebastião do Paraíso. Interessante notar que as informações detalhadas sobre a composição das fotografias e a menção aos seus respectivos referentes não estão presentes na matéria na forma de legenda das mesmas. Quase não há referência escrita à Festa, ou às Congadas em geral. É a narrativa visual, realizada por meio da editoração desse conjunto fotográfico, que basicamente compõe a reportagem. O editor se restringe a *mostrar*, tornar visível, os acontecimentos da Festa de Congada ao público do jornal que é relativamente restrito à região de São Sebastião do Paraíso, abrangendo os municípios sul mineiros de

---

<sup>33</sup> A família Melles possui prestígio político na região. Carlos Melles, marido da prefeita de São Sebastião do Paraíso, Marilda Melles é atualmente Deputado Federal pelo PFL e ocupou o cargo de ministro no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso.

Itamogi, Jacuí, São Tomás de Aquino, Arceburgo, Monte Santo, além da própria São Sebastião do Paraíso.

Coincidentemente, esse é o mesmo público que pôde acompanhar pela tevê a transmissão dos desfiles de ternos de Congo e Moçambique por meio da TV Sudoeste. Diferentemente do que acontece numa transmissão televisiva ao vivo, quando os congadeiros ganham espaço *mediático* para suas manifestações culturais, colocações, agradecimentos e protestos, na imprensa escrita, essas mesmas expressões não adquiriram espaço em publicação.

A atenção destinada aos congadeiros na matéria “CONGADAS 2003” foi pequena se comparada à amplitude e repercussão da Festa no município. As fotografias dos ternos veiculadas no dia 31 de dezembro, dia da apuração do concurso para seleção do melhor terno de congo e moçambique promovido pela Prefeitura Municipal, restringiram-se aos dois ternos favoritos para ganhar o concurso. O Xambá, grande favorito, obteve fotografia de maior amplitude, e o União, que foi quem ganhou o concurso, também teve fotografia sua publicada ainda que em dimensões reduzidas. Apenas esses dois ternos de congo mereceram fotos nessa gazeta regional, quando nesta, que é a maior Festa local, desfilaram nove ternos de congo. Cabe ressaltar que nenhum dos seis ternos de moçambique fora fotografado.

A estada de Stênio na cidade também fora percebida por alguns dos moradores do município como exemplo do quanto a Festa de Congada associada aa mídia, em especial, às transmissões televisivas da recém inaugurada TV Sudoeste, podem funcionar como forma de atração turística por meio da divulgação dessa cultura local. Diversas opiniões e depoimentos dados por autoridades locais à tevê em entrevistas e programas específicos sobre as Congadas enaltecem os possíveis benefícios referentes à ação da mídia na divulgação e transmissão da Festa. A projeção regional da imagem do município por meio das imagens da Congada é uma das propostas de trabalho da TV Sudoeste e do próprio jornal impresso A Gazeta do Sudoeste.

As imagens fotográficas que compõem a matéria “CONGADAS 2003” analisadas no contexto e acontecimentos específicos à Festa deixam transparecer uma certa ambigüidade do caráter da representação da Festa de Congada na mídia: as fotos podem ser analisadas como narrativas visuais que dão credibilidade aos eventos textualmente relatados, no caso a própria Festa e a visita de Stênio Garcia aos desfiles. Concomitantemente, elas também são uma maneira de expor e divulgar esses mesmos acontecimentos, como uma “peça publicitária” capaz de agregar possíveis símbolos positivos ao município e, por conseguinte, aa mídia locais.

A entrevista com o Capitão Fernando Antônio Gonçalves, realizada por Ana Paula Horta, foi publicada no Jornal do Sudoeste no dia 02 de janeiro de 2005 (Ano XVIII, Edição 967) na seção 'Ele por Ele' do suplemento de variedades denominado "Sudoeste B".

A seção 'Ele por Ele' geralmente abre espaço para que entrevistas com pessoas da cidade que por algum motivo se destacaram sejam publicadas na íntegra. Em nota da redação é esclarecido que alguns termos ditos durante a entrevista não foram editados para que assim a fala original do capitão Fernando Antônio Gonçalves fosse registrada e, concomitantemente, preservada por seu inerente valor histórico e cultural.



Imagem 5 – Matéria publicada no Jornal do Sudoeste de 02 de janeiro de 2005, intitulada “Um devoto da cor”, página 4 e 5.

Logo abaixo do título “Um devoto da cor” um pequeno texto apresenta a entrevista de maneira inusitada: “Dizer que ele olhava nos olhos enquanto falava e que sua alegria transbordava por sentir que fora reconhecido, elogiado e destacado em função de seu trabalho, seria limitar a cena ao ângulo de visão do observador”. Ao se reportar à cena, o texto faz referência ao momento em que foram realizadas a entrevista e a fotografia, ambas publicadas no Caderno “Sudoeste B”. Continua o texto “Fernando Antônio Gonçalves é sinônimo de luta e resistência e o Terno Angola espelha esta característica ao manter viva as raízes africanas que motivam a Festa. Ele sente que o passado continua a remexer nossas vidas e que devemos destemidamente conhecê-lo e interpretá-lo à luz do presente. Reclusa no porão escuro e fétido da vergonha e do silêncio, a História seria apenas dor. Às luzes da coragem e do saber, vemos surgir danças, cantorias, força e cor”.

A fotografia que compõem esta matéria foi publicada ao lado da entrevista de maneira a dar visibilidade a imagem representando o próprio entrevistado, o capitão do terno de congo Angolas, Fernando Antônio Gonçalves, em véstia e ornamentos usados especificamente na Congada. Seu olhar está voltado para a câmera de maneira direta o que confere a sua imagem o caráter sério e sereno, condizente com a posição que ocupa na hierarquia do terno de congo Angolas.

A edição da entrevista possibilita que o leitor conheça, por meio das palavras do próprio capitão, um pouco de sua vida e de seu envolvimento com a Festa da Congada. Assim se inicia a entrevista:

“Onde o senhor nasceu?

Eu nasci em São Paulo, na rua Heitor de Moraes, número 1950, às 22:30 horas, no dia 14 de maio.

E veio para Paraíso quando?

Vim para cá com três meses de idade porque meus pais eram daqui mesmo e na época tinham se mudado para lá, mas não foram felizes lá com a mudança e nós voltamos. De lá pra cá estamos sempre na região aqui mesmo.”

As condições sociais da família deste congadeiro são apresentadas quando a entrevistadora questiona o grau de escolaridade do capitão Fernando Antônio Gonçalves. Esta poderia ser uma resposta simples, porém, na fala deste capitão nada é desconectado, isso faz com que as informações dadas possibilite ao leitor perceber que os conhecimentos sobre o

mundo não foram fornecidas pela educação institucional, e sim pelos ensinamentos deixados de pai para filho que possibilitaram a Fernando, e aos congadeiros e moçambiqueiros de uma maneira geral, compor um quadro referencial, que neste estudo chamo, como quer Bourdieu (1996) de sistema simbólico.

“ O senhor estudou até que série?  
Estudei até a 2a série, porque na época o fracasso da família era bastante. Tinha bastante criolinho dentro de casa e nós tivemos pouco estudo. O estudo mais nosso foi serviço, foi mais enxada mesmo para ajudar desbravar o Brasil. Hoje as coisas estão muito fáceis, mas naquela época era difícil, era tudo tocado de enxada e nós éramos pobrezinhos. E meus já vem de descendente, meus avós foram escravos, né. “Nós vem de uma família bastante pobre, então na época da minha infância foi um pouco meio sofrida”. Comecei a trabalhar na enxada eu tinha seis anos de idade já ia para roça com meus pais e estamos trabalhando até hoje. Trabalhar é muito bom, a riqueza nossa é trabalhar. A saúde do brasileiro é trabalhar.  
O senhor trabalhou em outras cidades também?  
Morei em Serrana, o pai nosso trabalhava lá e o serviço nosso era lá. Fiquei lá 13 anos, lá eu casei, tive meus filhos e depois voltamos para cá. As coisas lá ficaram difíceis e nós voltamos. “

A fala do capitão ilustra também versões sobre conflitos ocorridos no passado que culminaram na fundação do terno de congo Angolas.

“Desde quando existe o terno Angola?  
Este terno nosso é até novo, nós formamos ele em 89, mas o terno Xambá que tem aqui na cidade é dos meus avós. Nós só mudamos o nome para não ficar dois ternos com uma família só. Então lá tem só o nome, mas não tem mais a família Xambá. A família Xambá foi meus bisavós que vieram num porão de um navio de Angola. E na libertação dos escravos aqui na região, foi Muzambinho a primeira libertação dos escravos, meus ancestrais foram libertados e os fazendeiros mais fortes da região libertaram os negros fazendo uma festinha. Foi aí que começou a dança do Congo e nós estamos dançando até hoje, vão morrendo os velhos e ficando os novos.

Xambá não é só o nome de um terno de congo de São Sebastião do Paraíso, é a designação pela qual alguns afro-descendentes se identificam enquanto pertencentes a uma família. Mesmo sofrendo os constrangimentos da escravidão, os Xambá conseguiram guardar para si, por meio da oralidade, o nome que designa a origem africana desta linhagem de descendentes.

A identificação Xambá não poderia ser assumida abertamente como sobrenome dos pertencentes à família durante a escravidão pois, naquele momento da história, era costume que os escravos fossem designados pelo mesmo sobrenome de seus donos (Cardoso, 1982), o que explica a designação Gonçalves no nome de batismo do capitão Fernando e sua família.

Se por conta de conflitos internos a designação Xambá não pode mais ser usada para designar Fernando e outros familiares, a memória coletiva guardada de geração em geração foi capaz de fornecer uma nova identidade: Angolas, em explícita referência a possível localização da origem africana desta família.

Os conhecimentos são passados de geração para geração de maneira que os mais novos possam compreender o tipo de sofrimento vivido por seus avós e avos enquanto eram mantidos em condição de escravos.

“Como passa os conhecimentos para os mais novos?

Eu passo as mesmas “ensinaturas” que meus pais me ensinaram, ensinar o que é bom, ensinar como foi o sofrimento dos negros antigamente. Nós temos que considerar esta Festa porque a Festa do Congado foi a indenização, foi o pagamento que os escravos receberam dos patrões. Às vezes a gente até se emociona com certas palavras, foi bastante judiação com os negros e o pagamento que os negros receberam em troca foi esta Festa do Congado. Então por isso que hoje em dia, quando sai o Congo, eu até choro. Lembro de meus avós e do sofrimento. Quando mexo com Congo eu vejo os ranger das correntes que os escravos sofreram. Nós viemos neste sofrimento e nem temos muito valor aqui na cidade, porque pobreza ninguém gosta e nós representamos mais a escravidão, o sofrimento, o jeito de dançar descalço. Tudo conforme os negros eram antigamente, cada um com suas roupas, meio bagunçado, já não tinha uma troca de roupa boa. Hoje todo mundo anda meio granfino, antigamente era com umas roupinhas meio “leque teque”, nosso terno é meio fracassado, não é de muito luxo. Nós queremos é manter a libertação dos escravos. E como manter a libertação dos escravos? Para manter tem que não esquecer daquela dor, daquela dor daquela pessoa fazendo o bem e trabalhando por que sem dúvidas nenhuma depois que a princesa Isabel libertou os escravos foi que o Brasil entrou em dívida. Foi aí, dela para cá, que a princesa Isabel saiu para fora do Brasil atrás de empréstimo para pagar os trabalhos, porque os negros não trabalhavam dado mais, tinha que pagar. O Brasil começou a dever e enquanto tiver negros no Brasil não sai da dívida. Acabar com o sofrimento é uma luz divina e o Divino Espírito Santo está com os negros. Enquanto tiver negros, o Brasil não sai da dívida. A judiação foi tanta, estas lavouras de café e tudo que foi feito no Brasil foi tudo formado pelos negros e até hoje, no Brasil, o negro não tem valor. Seus ancestrais trabalharam no garimpo?

Não, minha família veio quase pro fim, já não tinha garimpo mais. No garimpo eles não chegaram a trabalhar, trabalharam nas lavouras de café, furando buraco. Meus pais sempre falavam que eles e os vovôs, moravam aqui pros lados de Itamoji, trabalhavam mesmo como escravos nas

fazendas, roçando pasto, carpindo café e fazendo cerca. Quem mais mexeu com ouro foram os índios. Eles falam aí que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, não foi nada disso não. Os índios já tinha descoberto, eles já trabalhavam. O primeiro brasileiro foi o índio, o segundo os negros que já vieram sofridos junto com os portugueses. Os primeiros brasileiros foram os que começaram a furar pros lados de Diamantina de Minas. Pode ir lá em Diamantina que é só pedra. Aquilo é uma lembrança dos tempos mais sofridos, dos nossos ancestrais e aquela marca não sai. Para cá até sai e tem como “desbrungar”, mas lá onde está a pedreira não entra trator, não tem como desmanchar o começo da geração. Então nós estamos dançando Congo desse jeito porque quer que não esquece conforme foi começado a dança. Eu tenho um apito lá em casa que nem presta mais de tão velho que está, foi do meu finado vovô e é de cento e tantos anos. Hoje a gente vê que, estamos conversando independente de cor, mas tudo que o negro faz na base de dança, de samba, de bailado, parece que é melhor. Os anjos acompanham e o balanço do negro, o jogo de cintura, é mais ajeitado. Mas aí já é um mistério da Terra, o astro da Terra está sempre com o negro, ajudando nós no sofrimento.”

O terno de congo Angolas primam pela “tradição” da Congada deixada por seus antepassados. As mudanças que vêm sendo sugeridas e, até mesmo impostas à Festa, são, segundo o capitão Fernando resultado da busca pelo luxo por conta da cobiça e da ganância. Estes são valores cada vez mais comuns entre as pessoas mas que ele e seu terno se fazem imunes por conta dos ensinamentos deixados por seus pais e avós.

“O senhor comentou comigo que os estudiosos estão querendo mudar as coisas. O que o senhor quis dizer com isso?

Eu penso que a minha palavra não vale porque eu não tenho estudo. Agora, se chega um estudioso aqui e dizer que os escravos não sofreram, a palavra dele fica no papel porque o papel aceita de tudo. Se alguém escrever que eu sou um bandido, eu fico sendo bandido, o papel aceita. As coisas minhas que eu sei pensar são coisas que eu ouvi de meus pais e do vovô, não foi coisa de eu pensar aqui hoje e escrever não. As coisas que eu sei foi passado pelos meus ancestrais, coisa antiga, meu vovô conforme eu digo sofreu aquele dano e passou para nós. Tem muita coisa que a pessoa pode mudar, tá tudo mudado. A gente vai na igreja e até a missa está diferente, está bastante fracassada. Então, o estudioso está mudando as coisas; é tudo luxo e para mim dança de Congo nunca teve luxo. Ela veio da escravidão, do sofrimento e aí os patrão mais rico já viam no negro muita coisa boa, muita criatividade e começaram a libertar os negros. Aí formou tudo que for cantoria boa, tudo tirada do negro. Tem até uma lenda antigamente que meus pais falavam para a gente: “ó, não toma leite não que vocês chuparam manga”. Mas sabe quê que é esta história aí? É por que os patrão falavam pros escravos isso para eles não beberem muito leite. Tinha muito leite e muita manga, então chupava a manga e não bebia o leite para não gastar. Então ficou esta história, mas o leite com manga que fica gostoso. Antigamente a pessoa durava cem anos por quê? Por causa da comida. Não tinha tanto luxo. Já nós temos de ir ao médico todo dia porque o veneno está nas prateleiras, enlatado. Minha vó fazia aquele

angu, no tacho lá na roça. Aquela comida pura não fazia mal, a mamãe que lavava e a vovó fazia para nós para nós comer. Agora, estes enlatados ninguém sabe quem fez, apodrece nas latas. É só fazer uma experiência, fazer uma comida no fogão de lenha e uma no de gás para ver. Lá em casa a gente come de fogão de lenha. Chega lá a comida está lá no fogão, nós almoçou e deixou no canto do fogão para jantar, aquela comida saudável que não precisa requeentar. Essas são as coisa boas que Jesus deixou para nós. Muitas vezes eu ando pelos quatro cantos desse mundo, às vezes quase chorando, mas Jesus de Nazaré é dono disso tudo e desse mundo nada quis. Sofreu para salvar o povo da Terra. Hoje o mundo está assim por causa do luxo, da cobiça, da ganância. O dinheiro estragou tudo e isso é falta de respeito com as palavras de Jesus. Se for esperar Ele voltar aqui outra vez para falar tudo de novo, Ele nem pode voltar porque o seqüestrador seqüestrar Ele. Vão seqüestrar Jesus de Nazaré, então Ele não pode voltar aqui no mundo para falar nada. O nosso mundo não tem fim os sofrimentos, é daí para mais. A tristeza é daí para mais porque Jesus não pode andar aqui na Terra que Ele abençoou por que vai ser seqüestrado. Não conserta mais. Eu não tenho estudo, tenho nada. Quando começo a falar assim, vem a voz de um anjo e me previne do que vai acontecer. Tudo que eu falo é quase certeza mesmo, eu falo com aquela fé pura que meus olhos até enche de água. A libertação foi feita, mas duas não acontece. Vamos continuar neste sofrimento. É muito importante estas entrevistas que vocês fazem para uma pessoa às vezes raciocinar, compreender como são as coisas. Antigamente nós podíamos sair eu mais você daqui e ir lá em São Tomás a pé. Hoje nós não podemos nem ficar aqui até mais de noite, pode passar dois ou três aqui e nos levar embora para roubar. Mas eu tenho esperança de seguir o que a mamãe e o papai deixou para nós, que hora boa é a hora que a mão pode dar esmola e tudo que a gente planta, colhe. Se a gente plantar flor vai dar flor; se plantar espinho, colhe espinho.

O senhor fez uma boa plantação porque seu filho é destaque no terno Angola. Fale do Fernando. Desde de pequeno, esses meninos meus são assim. Me acompanham na minha cantoria, tanto que o menino meu também dançava. Ele era polícia e faleceu ano passado, fazia par com este aqui (Fernando), na frente. Minhas crianças eu ensinei desde menininho que nem meu pai ensinou para nós a cantar. Cantoria é boa. Não vê os passarinhos cantando em cima dos pau seco? Deus criou eles assim, só pegam umas frutinhas que eles precisam para comer e não quebram nem galho da árvore e só pegam um bichinho para comer; se for para machucar o bichinho, eles não pegam. Assim que eu criei meus filhos. É uma riqueza que o Brasil não consegue pagar, é a minha família, meus filhos. Nós somos tudo negro pobrezinho, mas aqui na Terra não tem dinheiro para pagar minha família”.

Questionado sobre o palel das mulheres na Congada, o capitão Fernando Antônio Gonçalves explica que

“antigamente não tinha o homem no Congo, era de mulher. A dança do Congo é de Santa Isabel, é dança de mulher. Por isso que os homens põem saia, para dançar que nem fosse mulher. Pode olhar nas bandeiras que Nossa Senhora do Rosário é a primeira santa do dia. A Festa é uma Festa de mulher e chama Festa do Rosário. Não é Festa de Congada, é Festa do Rosário. É Nossa Senhora do Rosário. Contam que os escravos faziam aquelas contas tudo colorida para

enfeitar a igreja de Nossa Senhora do Rosário e fazia Festa. Depois de libertados, os negros procuravam sempre a Igreja do Rosário para festejar. Então, os maridos naquela época era bastante enfiado e cortaram de deixar as mulheres dançar. E eles foram dançar, mas era dança de mulher. Eles foram dançar e colocaram as saias. Depois colocaram São Benedito no meio para entremear e os homens entrarem no meio também. Pode ver que é N.S. do Rosário, Santa Catarina, Santa Efigênia e São Benedito. Puseram São Domingos e São Jerônimo aqui na Festa, mas a Festa é de um santo e três santas. Primeiro da Festa é o Moçambique que é uma dança das mulheres, segundo que é os homens, pode ver.

Por que Moçambique vem primeiro?

Nossa Senhora do Rosário foi uma santa contemplada, foi alumiada pela libertação da Festa. O Moçambique que está vestido de saia pode entrar cantando dentro da igreja, rolando e gritando dentro da igreja. Você viu lá na igreja o Moçambique tava batendo tambor e nós tava quieto, nós é Congo e não pode bater. Mulher representa os anjos e pode ir no altar cantando. Agora, nós não podemos ir, nós somos os soldados. A Festa é de mulher, é das três santas e São Benedito porque ele sempre foi um santo muito envolvido com mulher e com criança. Era cozinheiro e gostava muito de cuidar de crianças, por isso foi contemplado”.

Apesar da fala do capitão Fernando, algumas pessoas ligadas à Congada, dentre elas a Rainha Conga Genuita Pereira de Paula, que afirmam a recente presença de mulheres nos cortejos de moçambique, datando do início da década de 1980.

A entrevistadora certamente conhece alguma literatura sobre a Congada, tanto que intitulou a matéria “um devoto da cor” em explícita referência ao livro de Soares (2000), “Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII”. Sua próxima pergunta traz marcadamente um tipo de visão acadêmica sobre a Congada que compreende a Festa a partir do sincretismo entre práticas católicas e outras práticas de origem africanas.

“E as raízes africanas? Sua prática religiosa é uma mistura”?

Em sua resposta o capitão afirma que

”agora está tudo misturado, é difícil apurar. A religião nossa, dos escravos, dos africanos é esta dança de Congo. É um documento, é uma marca da escravidão. É um documento que eu não quero deixar cair no chão. Eu dançando Congo posso entrar em qualquer igreja que me sinto um padre como qualquer padre. Sou um missionário também. Com minha bandeira de Congo eu sou um padre, eu posso chegar em qualquer lugar com meu terno. Eu faço as rezas e as cantorias. Eu estando ali na frente o que eu plantar os de trás colhe. Se eu plantar o bem eles colhem o bem. Se eu plantar o mal, vão colher o mal. Não adianta ser bonito por fora e ruim por dentro. A oração está dentro de nós, de nosso coração. Esses rosários pendurados no pescoço é para rezar, a Festa é de N.S. do Rosário. E nós somos descendentes dos escravos, de origem. A família Xambá, meus tataravô, veio no navio negreiro da África, de Xambá. Meus parentes

vieram da parte de Xambá e para não ficar com dois ternos de Congo com o mesmo nome eu pus Angola, que também é uma parte da África também”.

A fala do capitão Fernando sobre a religiosidade desenvolvida durante a Festa de Congada é coincidente às declarações dadas pelo Rei Congo Sebastião Eurípedes de Paschoa em entrevista à TV Sudoeste, conforme já citado: “Às vezes muitos não sabe, mas enquanto um congadeiro tiver vestido de congo dentro do carçadão, está fazendo a mesma parte religiosa da Igreja. É onde que nós somos da paz juntos.” É esta religiosidade que determina a hierarquia do grupo de congadeiros e moçambiqueiros.

Ana Paula Horta questiona sobre as contas usadas pelo capitão Fernando Antônio Gonçalves, que podem ser visualizadas na fotografia publicada no início desta entrevista: “E essas contas são de enfeite ou é feitiço?”

Segundo o capitão,

“Cada lágrima é um benção, não tem feitiço aqui. Quem tiver cabeça para rezar o dia inteiro, isso aqui se torna um terço. Se quiser pegar a folha da árvore e rezar uma oração, a gente reza. Se quiser rezar com pedrinhas, também. Se for preciso eu ficar o dia inteiro com meu rosário rezando, eu rezo. Isso aqui, quando as pessoas perguntam, é uma adoração que a gente tem de rezar, quando estamos com rosário podemos rezar. Para rezar tem que ter uma marca na mão, o rosário é a marca.”

A denominação feitiço e magia não tem espaço nas palavras do capitão que vê na Festa a expressão da mais pura religiosidade, compreendida dentro o grupo de congadeiros e moçambiqueiros como os procedimentos usados para que os indivíduos estabeleçam ligações com o sagrado.

Para finalizar a entrevista, é solicitado ao capitão que este deixe uma mensagem aos leitores:

“A mensagem que eu deixo são uma palavras tiradas por Deus, sem Deus não somos nada. Eu desejo a todos vocês que fazem entrevista, que trabalham em jornal e fazem divulgação que a Luz Divina, o Divino Espírito Santo e Jesus de Nazaré estenda a mão ao céu e vocês sejam iluminados pela Estrela do Oriente por todo lugar que vocês passarem”.

A publicação em texto de uma entrevista tende a ganhar conotação de documento pois é o registro impresso e veiculado de declarações diversas. Por meio de “Um devoto da cor” o

Jornal do Sudoeste permitiu que opiniões e visão de mundo de um dos congadeiros mais notórios da cidade chegassem a seus leitores.

A iniciativa de publicar uma entrevista com capitão de terno é nova dentro do contexto jornalístico do município, uma vez que os textos publicados na imprensa local tende a ser concebido enquanto matéria onde um jornalista escreve sobre a Congada. No caso aqui analisado, a entrevistadora direciona a fala do capitão por meio de suas questões, porém, confere ao conteúdo que lhe foi proferido espaço de publicação.

A fotografia neste caso permite que o leitor reconheça o capitão do terno de congo Angolas, uma vez que o capitão Fernando fora muito assediado pela mídia locais. Sua imagem de dignidade reforça o peso de suas palavras que permitem ao público tomar conhecimento sobre a seriedade e comprometimento que norteiam os congadeiros e moçambiqueiros ligados à “tradição” da Festa na realização da Congada.

## Capítulo III

### **A Festa da Congada e as tevês locais: articulações entre congadeiros, moçambiqueiros e mídia**

Neste capítulo, inicio a análise da Festa de Congada em relação às estruturas mais amplas de interação social por meio dos nexos articulados entre a Festa e sua representação na tevê local.

Nas últimas décadas a Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso foi transformada em evento de grande repercussão regional. Contribuem para isso o repasse de verbas da Prefeitura Municipal destinado aos ternos, a infra-estrutura montada para a realização dos desfiles, os interesses dos meios de comunicação de ação local que realizam publicidade e divulgação dos acontecimentos da Festa.

Porém, o que observei é que os próprios ternos, ao longo do tempo, adquiriram experiência e organização suficientes para a participação nos eventos e desfiles organizados pela Prefeitura e demais instâncias, concomitante ao cumprimento das obrigações ligadas à “tradição”.

Paralela à hierarquia vinculada à “tradição”, na qual o capitão e o indivíduo responsável pela proteção simbólica do terno são as figuras máximas, existe uma outra hierarquia. Ambas são importantes e trabalham juntas para a plena concretização da participação de cada terno na Festa de Congada.

Essa segunda hierarquia é responsável por tudo aquilo que diz respeito à organização administrativa e manutenção do terno. O cargo máximo é ocupado pelo presidente cuja responsabilidade está diretamente relacionada aos preparativos necessários para os desfiles, viagens de apresentação realizados pelos ternos durante o ano todo, entre outros. Existem também os cargos de vice-presidente, tesoureiro e conselheiros. Geralmente, o exercício dos cargos pertencentes a esta hierarquia administrativa é efetivado por mulheres da comunidade,

donas de casa, lavradoras, oriundas dos segmentos “menos favorecido” da população, como a maioria dos dançantes.

A viabilidade pecuniária para a concretização dos rituais relacionados à “tradição” das Congadas sempre foi habilmente conquistada pelos produtores da Festa. No passado colonial e regencial negros pegavam emprestado até mesmo jóias e tecidos de seda das sinhás para os momentos da Congada. Nota Cardoso (1982) que, para a Festa, os escravos chegavam até a colocar as jóias de ouro de suas sinhás para ajalzar os cavalos!

Os simbólicos Reis e Rainhas do Reinado do Congo eram homenageados na Festa da Bahia descrita em 1762 por Calmon (edição fac-similar, 1982, p. 22):

“o dia quatorze foi singularmente plausível pela dança dos Congos que apresentaram os ourives em forma de embaixada, para sair o reinado no dia dezesseis. Vinha adiante um estado de dezesseis cavalos ricamente ajaezados, cobertas as selas de preciosos telizes trazidos por fiadores pelas mãos de dezesseis pajens. Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei Congo, magnificamente ornado de seda azul, com uma bordadura formada de cordões de ouro e peças de luzidos diamantes, e na cabeça levava um chapéu da mesma fábrica, com cocar de plumas brancas matizadas de encarnado; descia-lhe pelos ombros uma capa de veludo carmesim agaloada de ouro. O cavalo em que vinha montado correspondia ao demais ornato e preciosidade e se fazia admirar pelo ajustado da marcha, com que, ao som de muitos instrumentos, acompanhava as mãos e os festejos. Chegando o Embaixador aos Paços do Conselho, anunciou ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis, em aplauso dos augustíssimos desposórios da Sereníssima Princesa Nossa Senhora. Em resposta, obteve do Senado um plausível e gratulatório cortejo, além dos respectivos vivas do povo, que profusamente concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.”

Contam os congadeiros e moçambiqueiros mais antigos de São Sebastião do Paraíso que em tempos passados, até a década de 1970, capitães realizavam suas cantorias

homenageando e dando bênçãos aos fiéis que as pedissem em troca de esmolas, dinheiro que seria utilizado para financiar as despesas e trajes do grupo.

A partir de meados da década de 1980, podemos afirmar que a concretização dos rituais “tradicionais” da Congada passa a ser vinculada a elementos da Indústria Cultural (*meios de comunicação e o turismo*) por meio da organização disponibilizada pela Prefeitura para a realização da Festa.

Num primeiro momento a organização da Festa de Congada pela Prefeitura oferecia assentos e os cobrava nas arquibancadas para o público que comparecia no calçadão ao lado da Matriz nas noites da Festa. Posteriormente fora criado o concurso entre os ternos para a escolha do melhor terno de congo e moçambique do município. O acesso às arquibancadas deixou de ser cobrado o que estimula cada vez mais a maciça presença de público em todas as noites da Festa.

Segundo o “Guia Turístico de São Sebastião do Paraíso” publicado em maio de 2004, “atualmente a Congada é realizada através da Prefeitura Municipal, que vê nessa tradição folclórica paraisense, soberba maniFestação popular, que de 26 a 30 de dezembro, reúne população e visitantes para assistirem aos monumentais desfiles de seus 15 “ternos”, o que vale dizer: cerca de 1.300 figurantes (congadeiros e moçambiqueiros). São Sebastião do Paraíso é sem dúvida alguma, o maior centro congadeiro de toda Minas Gerais”.

A Prefeitura percebe nas Congadas uma oportunidade para promoção do município no nível local e estadual. Isso porque tais Festas são em geral percebidas pelas autoridades como manifestações folclóricas (portanto seriam despolitizadas!) que merecem ser promovidas visando, em última instância, o fortalecimento da hegemonia e da legitimidade daquela gestão política.

Para que tal promoção ocorra, é indispensável a participação ativa dos representantes da mídia local em transmissões televisivas, é necessário que circulem matérias publicadas que divulguem e dêem visibilidade às Congadas como uma festividade associada ao Natal e Ano Novo.

Concomitantemente, se faz necessário que os desfiles estejam adequados às expectativas do público presente, principalmente dos telespectadores da região e de paraisenses

e familiares que vivem em outras cidades e retornam à cidade para as festividades de final de ano. A Festa de Congada é encarada pela Prefeitura e comerciantes locais como a principal atração turística no município.

O esquema montado pela Prefeitura para o repasse de dinheiro imporia uma certa adequação dos ternos em relação a valores, preocupações e padrões estéticos inicialmente não pertencentes à Congada. A atual seqüência lógica imposta pelas instituições formais para a organização e julgamento dos desfiles de ternos de congo e moçambique durante a Congada paraense possui elementos que nos permitem afirmar sua proximidade com os desfiles de carnaval, que segundo Von Simsom (1989), tem nos desfiles de escolas de samba no carnaval do Rio de Janeiro o modelo para a institucionalização de desfiles carnavalescos no Brasil.

Destacamos aqui alguns desses elementos: a introdução de arquibancadas que fixa o local destinado aos congadeiros e moçambiqueiros e o lugar dos fiéis, atribuindo a estes o caráter de simples público; a instituição de competição entre ternos de congo e moçambique oferecendo troféus e maior recompensa financeira e de tempo de desfile e, por conseguinte, tempo televisionado; a disponibilização de aparelhagem de iluminação e amplificação do som ao longo da praça, possibilitando que um maior público acompanhe das arquibancadas os desfiles e, ao mesmo tempo, criando condições para a transmissão televisiva da Festa.

Diante de tais exigências, cada terno, dentro de suas possibilidades de pessoal e pecúlio, passou a se organizar visando um melhor aproveitamento da Festa conforme sua filosofia e “tradição”. Durante esses três anos de pesquisa de campo pude acompanhar o esforço de alguns ternos para demonstrar durante os desfiles o esplendor e magnitude advindos dos esforços da presidência de cada guarda para conquistar o empenho de seus componentes, o capricho do preparo dos fardamentos e adornos usados na avenida, a variedade na composição de músicas. Tudo isso, na maioria dos casos, está somado à realização de práticas de proteção simbólica por meio de rituais próprios e ao uso do bastão que encorpa os “segredos” que garantem a segurança de cada terno.

Outros ternos, menos preocupados com a competição imposta pela Prefeitura, aproveitam seus momentos de desfiles para valorizar certos elementos correspondentes à “tradição”: o canto em homenagem aos antepassados e aos “santos de preto”; o canto de músicas presentes nas Congadas desde o tempo dos antigos como o “Juremê, Jurema” e o “Pisa crioulo”<sup>34</sup>, o ato de

---

<sup>34</sup> Vide Anexo I.

ajoelhar no chão, em praça pública, para buscar proteção e homenagear os Santos e os antepassados, o ato de desfilar com os pés descalços “como faziam nossos pais e avós escravos”. Nas palavras do capitão do terno de congo Angolas, Fernando Antônio Gonçalves (trecho do canto proferido no desfile do dia 28 de dezembro de 2002):

“Eu estou rezando por Deus,  
Bendito seja louvado,  
Ai, pra quem sabe um pingo é letra,  
Fica difícil pro jurado.”

A atenção destinada às Congadas pela Prefeitura e por grande parte dos meios de comunicação local faz com que a comunidade de São Sebastião do Paraíso desenvolva o sentimento de que a Festa pertence ao município enquanto elemento identitário daqueles que ali vivem. Concomitantemente, os congadeiros e moçambiqueiros percebem as ações da Prefeitura e de representantes da mídia local como fundamentais para a plena realização da Festa. Prova disso também está nas diplomáticas homenagens prestadas em forma de canto pelos capitães aos integrantes do governo municipal e da imprensa presente nas noites de desfiles, em evidente articulação destinada a fins precisos.

O município atualmente conta com duas tevês locais, ambas filiadas à Rede Minas de TV. São elas as TV Paraíso, canal 10 criada em 1989 e a TV Sudoeste, canal 31, criada em 2003. Ambas as tevês transmitem, na maior parte do tempo, imagens da Rede Minas de TV, que é uma rede pública de televisão, portanto mantida majoritariamente com dinheiro do Estado<sup>35</sup>

As grades cotidianas de programação destas tevês incluem telejornal diário, geralmente transmitido em dois horários e programas variados gerados no âmbito local. Interessa para este estudo trechos selecionados das programações destas tevês locais cujos conteúdos representam e discutem a Festa de Congada da cidade.

Grandes redes emissoras de tevê aberta brasileiras preparam grades especiais de programação a fim de atrair a audiência do público durante o período de Festas que marcam as

---

<sup>35</sup> Para este estudo consideraremos a Rede Minas de TV como uma emissora de televisão regional, cuja programação destina-se especificamente aos moradores de cidades do estado de Minas Gerais. Para que esta programação chegue aos moradores dos mais longínquos municípios deste estado são necessárias as ações de retransmissão-emissão operadas por grande número de afiliadas de ação localizada desta emissora, dentre elas as TV Paraíso e TV Sudoeste.

comemorações do Natal e final de ano. Existe uma tendência seguida pelas retransmissoras-emissoras locais de também preparar e transmitir em sua programação própria reportagens com retrospectiva sobre os fatos do ano que mais marcaram a vida dos habitantes daquela região, a transmissão de missas ou cultos religiosos vinculados ao Natal, entre outros programas especialmente produzidos para celebrar as Festas que se aproximam.

Como em São Sebastião do Paraíso é realizada a Congada entre o período de Natal e Ano Novo, as programações especiais de final de ano das tevês locais tendem a dar visibilidade aos desfiles e acontecimentos relativos a esta Festa. Isto distingue a programação local das transmitidas pelas grandes redes de tevê abertas.

A transmissão dos desfiles e programação específica sobre as Congadas faz com que neste período do ano estas tevês locais atendam plenamente o artigo n.º 221 (I e II) do Capítulo V da Constituição Federal de 1988, onde fica estabelecido que:

“a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I – preferência e finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

### ***Tevês locais, Prefeitura Municipal e a Festa de Congada***

Os meios de comunicação de ação local emergem de uma série de relações e articulações econômicas e políticas díspares e necessitam ser contextualizados a fim de se permitir uma maior compreensão sobre seus alcances e, principalmente, sobre quais os interesses ali defendidos. Essa não é uma tarefa fácil uma vez que o Estado brasileiro não desenvolveu meios

de averiguação e prestação de contas das ações desenvolvidas pelos meios de comunicação, mesmo que envolvendo o dinheiro público. São necessárias análises e regulamentações mais atuais que envolvam esta rentosa atividade, como explica Osvaldo Leon (In Moraes, 2004, p. 163) no texto “Para uma agenda social em comunicação”.

Sob a alegada intenção de defesa dos meios de comunicação de possibilidades de censura são abertos no espectro da comunicação no país, espaços e brechas para a utilização, em muitos casos, pouco adequada, das concessões de emissoras de rádio e televisão. Um dos aspectos negativos do atual estado de coisas é a freqüente impossibilidade de acesso aos arquivos das grandes empresas de tevê privadas, até mesmo para o desenvolvimento de pesquisas com fins acadêmicos.

O modelo tecnológico geralmente utilizado pelas grandes empresas de tevê aberta no Brasil baseia-se na existência uma grande central de produções responsável pela execução de grande parte dos programas gerados e transmitidos. Esta transmissão depende diretamente da existência de pequenas e médias emissoras-retransmissoras, cada qual afiliada a uma grande empresa de tevê, que cumprem o papel de receber via satélite o “sinal” da programação e retransmitir o mesmo para um determinado território.

Segundo pesquisa realizada por Nogueira (2004, p. 35) “atualmente as emissoras afiliadas às grandes redes nacionais, como Globo, Bandeirantes e SBT, estão estruturadas para atingir em média mais de 50 cidades”.

Em geral estas emissoras-retransmissoras afiliadas, além de retransmitir a programação televisiva de grandes empresas, também produzem e transmitem, ainda que em diminuto espaço de tempo diário, programação própria.

A fim de alcançar e conquistar os telespectadores pertencentes ao território, referente à sua área de cobertura de retransmissão, as afiliadas tendem a se afirmar enquanto instância midiática que compartilha da mesma identidade de seus telespectadores. Ter uma identidade significa, como quer Canclini (2003, p. 190), “ter um país, uma cidade, um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”.

Para a realização deste estudo considero meios de comunicação local aqueles cujo âmbito de ação centra-se prioritariamente no próprio município onde se localizam, se desenvolvem e, concomitantemente, se consomem os produtos midiáticos ali realizados.

As ações no Brasil da mídia local, principalmente no que se refere à tevê e rádio, são pouco conhecidas, uma vez que os programas veiculados não possuem ampla transmissão e na maioria das vezes são ignorados por grande parte da população brasileira. Isso exige que o pesquisador se atenha à descrição dos mesmos a fim de permitir a compreensão sobre os aspectos a serem analisados durante a pesquisa.

No entanto, a importância das tevês, jornais e rádios locais é percebida tanto pelo setor público como pelo privado na área da comunicação no país. No caso das tevês em especial, grandes emissoras efetivam diretrizes e cumprem parcialmente demandas de ordem local, por meio da ação de suas afiliadas. Estas geram programação específica e vendem anúncios ou patrocínio cultural de veiculação local.

Pretendo neste trabalho cotejar as nuances e implicações das relações atualmente estabelecidas entre congadeiros e moçambiqueiros e a mídia local, não perdendo de vista a influência das ações realizadas pela Prefeitura Municipal para a concretização da Congada.

Início a discussão apresentando o contexto em que se desenvolvem ambas as tevês locais, o modo como os ternos lidam com estes produtores midiáticos e as negociações ocorridas no período desta pesquisa (2002 a 2004). Em seguida finalizo as discussões apresentando análise dos programas gerados a partir da realização da Festa de Congada.

### ***Breve histórico das tevês locais de São Sebastião do Paraíso***

A TV Paraíso desde o início de suas atividades realiza a transmissão dos desfiles da anual Festa de Congada do município. Em dezembro de 2002, como nos anos anteriores, representantes desta tevê local realizaram transações comerciais que envolveram a venda de tempo “publicitário” (30 segundos de inserção apoio cultural) durante as transmissões dos desfiles de ternos de congo e moçambique por ocasião da anual Festa de Congada.

O faturamento da tevê com patrocinadores, por meio da venda de tempo de inserção de “apoio cultural”, não alcançou o mínimo necessário para cobrir as despesas relativas à

realização da cobertura do evento, o que passou a ser uma ameaça às transmissões ao vivo da Festa<sup>36</sup>.

O terno de congo Xambá, um dos mais expressivos do município, em 2002 arrecadou dinheiro por conta própria e financiou parte restante das despesas da TV Paraíso com os desfiles, sendo assim um dos mantenedores financeiros desse programa de tevê, que dá visibilidade não somente ao próprio terno, mas, às realizações da comunidade de congadeiros e moçambiqueiros imbuídos que são da realização da Festa e manutenção das “tradições” constituintes.

O dinheiro arrecadado por este terno provém do repasse de dinheiro destinado pela Prefeitura Municipal aos ternos de congo e moçambique para os preparativos da Festa<sup>37</sup> e dos pagamentos relativo às viagens de apresentação realizadas durante o ano em cidades como Campinas, Atibaia, Monte Santo de Minas, Itamogi, Poços de Caldas, Diamantina, etc.. Além dessa fonte de renda, o Xambá ainda conta com o dinheiro revertido com a comercialização de três CDs gravados pelo próprio terno, comandado pelo capitão José Salvador Eustáquio, o Gorvalho.

No ano seguinte, em 2003, uma nova tevê local denominada TV Sudoeste iniciou seus trabalhos, em caráter experimental, por meio da transmissão dos desfiles da Congada de São Sebastião do Paraíso. Assim como a TV Paraíso, a TV Sudoeste também é afiliada da Rede Minas de Televisão.

Em 2001, deu-se início aos trâmites para que a TV Sudoeste fosse criada. Segundo matéria “FHC dá TVs Educativas a políticos”, publicada na primeira página da Folha de São Paulo de 25/08/2002, “o ex-ministro dos Esportes, deputado federal Carlos Melles (PFL-MG), recebeu

---

<sup>36</sup> A Prefeitura Municipal, naquele ano, não adquiriu tempo de “apoio” nas transmissões da Congada via TV Paraíso. Porém, a Câmara Municipal realizou compra de tempo de inserção de “apoio cultural”, se tornando assim uma das financiadoras do trabalho desenvolvido por esta tevê comunitária. Lembramos aqui que está em discussão nos meios políticos do país a possibilidade de tevês públicas serem autorizadas a vender tempo de publicidade. Em geral estas são autorizadas a comercializar somente “apoios culturais”.

<sup>37</sup> A Prefeitura Municipal é a principal financiadora dos ternos de congo e moçambique. O valor destinado a cada terno varia conforme sua colocação no concurso. Geralmente são destinando aos maiores ternos aproximadamente R\$3000,00 e os menores R\$1500,00.

“uma TV educativa para São Sebastião do Paraíso, onde a mulher dele é prefeita. A concessão saiu quando ainda era ministro, em abril de 2001, em nome da Fundação Educacional e Cultural Sudoeste Mineiro”.

O então presidente, Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), assinou decreto autorizando a concessão da TV para a fundação em abril de 2001. A concessão foi confirmada pela Câmara em novembro e pelo Senado, em dezembro de 2002, tornando-se assim definitiva.

Ainda segundo a matéria,

“para atender a aliados políticos, o governo atropelou outros grupos e empresários que já retransmitiam TVs educativas no interior, amparados em antigas licenças, sem a força legal da concessão. Há situações de conflito em Sete Lagoas e São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais, e também em Petrópolis, no Estado do Rio. (...) A identificação dos políticos favorecidos é difícil porque eles não aparecem como responsáveis pelas fundações na documentação existente nos cartórios e no Ministério Público. Em geral, se fazem representar por parentes, assessores e pessoas de confiança.”

Este conflito político gerou, na prática, a suspensão temporária dos trabalhos de emissão/transmissão realizada pela TV Paraíso. Toda esta movimentação política a respeito de concessões de tevês locais acabou por se refletir na transmissão ao vivo da Festa de Congada.

Assim, em 2003 a TV Paraíso não realizou a captação e transmissão de imagens representando os desfiles dos ternos de congo e moçambique mencionando problemas no “link” de satélite e outros problemas técnicos que impossibilitaram a transmissão da Festa. Por outro lado a recém inaugurada TV Sudoeste que contava com equipamentos de última geração gerou e transmitiu imagens da Congada de qualidade digital.

No dia 30 de dezembro de 2003, Antonino José Amorim, diretor da TV Paraíso, em sua “coluna semanal” denominada Editorial, que é parte integrante do Telejornal transmitido pela TV Paraíso, expôs ao público críticas aos acontecimentos políticos relativos à inauguração da concorrente da TV Paraíso, a TV Sudoeste e sugeriu que esta tevê local:

“seja doada, de fato e de direito, para as instituições, para a Faculdade, Santa Casa, Asilo, Lojas Maçônica, Lar Pedacinho do Céu, enfim para todas essas

instituições, mas passada no cartório: Santa Casa e seu representante legal, loja Maçônica e seu representante legal, Faculdade e seu representante legal, e assim por diante”.

As colocações aqui apresentadas se tornaram de conhecimento público por meio da divulgação realizada pelos próprios meios de comunicação, nas reportagens da Folha de São Paulo (anteriormente citadas), em declarações dadas por Amorim, no espaço semanal dedicado ao “Editorial” do telejornal da TV Paraíso, e por reportagens e editoriais da “A Gazeta do Sudoeste”.

A TV Sudoeste não realizou cobertura nem comentários sobre tais graves acusações, assim como outros meios de comunicação de ação local não deram tanta importância ao ocorrido.

Neste primeiro momento de existência a programação da TV Sudoeste foi, quase que integralmente voltada para a transmissão ao vivo dos desfiles da Festa de Congada e realização de programas de debate sobre a Festa, intitulado “Mesa Redonda”.

Porém o envolvimento e influência da política local nesta tevê se fizeram sentir em diversos momentos de sua programação. A apuração dos desfiles que escolheria o melhor terno de congo e moçambique daquele ano foi transferida, da Câmara Municipal (conforme anunciado em matéria publicada pela A Gazeta do Sudoeste em 24 de dezembro de 2003, página 5 na matéria intitulada “Falta pouco para a Festa”<sup>38</sup>) para os estúdios da TV Sudoeste.

Durante a Festa de Congada de 2004 a TV Sudoeste também realizou transmissão dos desfiles dos ternos de congo e moçambique perfazendo, como no ano anterior, aproximadamente cinco horas de trabalhos ao vivo de 26 a 30 de dezembro. Durante as tardes de 27 a 31 deste mesmo mês essa tevê promoveu o debate sobre os desfiles das noites anteriores por meio dos programas “Mesa Redonda”. Em seu telejornal diário, a TV Sudoeste realizou também uma série de reportagens especiais sobre as Congadas.

Em 2004 a TV Paraíso, alegando problemas técnicos, não realizou a transmissão dos desfiles da Congada. Ainda assim, o nome de Antônio Amorim, diretor geral da TV Paraíso ganhou destaque na imprensa escrita no final de 2004 e início de 2005 por este ter sido eleito em outubro de 2004, vereador e em dezembro, Presidente da Câmara Municipal.

---

<sup>38</sup> Ver Capítulo II, análise das matérias veiculadas na Gazeta do Sudoeste de dezembro de 2003.

Outras profundas alterações ocorreram na configuração política a partir do resultado obtido nas urnas ainda nas eleições de 2004. No plano da política institucional a antiga prefeita Marilda Melles apoiou com êxito a eleição de Mauro Lúcio da Cunha Zanin para ser seu substituto na Prefeitura. Estes são fatos que certamente irão interferir na conduta dos meios de comunicação da região e, por conseguinte, nas futuras transmissões das imagens da Congada.

### ***Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2002***

Ao longo do período em que realizei esta pesquisa, acompanhei em diversas oportunidades matérias e programas televisivos que representaram, por meio de imagens em movimento algumas das Festas de (outras) Congadas realizadas em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso entre outras. Essas são iniciativas de empresas de tevê que buscam nas manifestações da cultura popular uma forma de diversificar sua grade de programação e formato de programas.

Em geral, tais imagens visam atingir telespectadores das camadas mais populares pela inclusão de “estruturas e bens simbólicos tradicionais nos circuitos massivos de comunicação” (Canclini, 2003, p. 215) como forma de responder às necessidades de mercado da própria emissora e seus anunciantes.

Imagens que representam os desfiles dos ternos de congo e moçambique de São Sebastião do Paraíso são produzidas e transmitidas desde 1989. Porém, existem também imagens que representam alguns dias e noites da Congada desse município realizadas em 1984. Isso indica que a preocupação em se registrar a Festa por meio de imagens contínuas se dá desde o início da década de 1980.

A TV Paraíso realizou durante aproximadamente uma década seus trabalhos de filmagem e transmissão da Festa de Congada. Durante todo esse tempo congadeiros e moçambiqueiros se viram às voltas com representantes da mídia local, munidos de câmeras e equipamentos de som cuja finalidade era a realização de imagens da Congada. Dessa forma, tanto os representantes desta tevê quanto os realizadores da Festa articularam relações baseadas em interesses, expectativas e especificidades próprias de cada uma das partes.

Passo a sistematizar algumas das características destas articulações entabuladas entre o grupo de congadeiros e moçambiqueiros e os representantes da mídia. Comento também as repercussões das transmissões na visão do grupo. Para tanto, realizei entre outras, a gravação em VHS das imagens transmitidas pela TV Paraíso no dia 29 de dezembro de 2002 referentes à representação dos desfiles dos ternos de congo e moçambique.

Inicialmente descreverei cenas e esquemas técnicos usados na realização das imagens que representam a Festa de Congada por julgar que estas serão importantes na compreensão das relações articuladas entre os congadeiros e moçambiqueiros e a mídia local.

Em 2002, momento em que a TV Paraíso era a única tevê local do município, a transmissão da Congada ocorreu conforme anos anteriores. A captação das imagens que representam a Festa se deu por meio de duas câmeras S-VHS, uma fixa instalada na cabine, montada ao lado dos palanques. Uma segunda câmera, sendo esta móvel, circulava entre os ternos, jurados e público.

A cabine montada para o pessoal de imprensa e equipamentos de som era demasiadamente pequena, assim, a TV Paraíso contava ainda com veículo próprio onde estava o equipamento necessário para realizar a edição das imagens a ser transmitidas.

O desfile se iniciou por volta das 19:30 com o Terno de Moçambique Artulino Duarte que leva o nome do seu capitão e atual Rei Congo da Festa. Naquele momento o Rei Congo Artulino Duarte que geralmente sai junto de seu terno estava no palanque junto aos demais Reis e Rainhas da Festa. Dessa forma o canto foi realizado pelo segundo-capitão do terno e sua homenagem foi proferida para um dos componentes do terno de moçambique Diamante que fora assassinado no dia anterior, portanto 28 de dezembro de 2002. Esse fato foi comentado “em off” pelo apresentador e comentarista da TV Paraíso, que lamentou o ocorrido da noite anterior.

Interessante notar que, por conta dessa morte, os temas da violência e banalização da vida foram colocados em pauta, não somente pela imprensa mas pelos próprios integrantes do terno de moçambique Diamante que, durante a apresentação, desfilaram com bandeirinhas brancas na mão simbolizando o pedido de paz e fim da violência, principalmente durante a Festa.

O som dos instrumentos e cantos dos desfiles são captados por microfones com fio ligados à mesa de som. Isto permite que os cantos e músicas dos ternos durante os desfiles

sejam amplificados por autofalantes a fim de permitir que o público, presente na praça e nas arquibancadas acompanhe as cantorias.

Esta mesma mesa de som montada por equipe de som contratada pela Prefeitura também cumpre o papel de permitir que o som direto dos desfiles fosse transmitido em conjunto com as imagens dos desfiles que são televisionadas. Assim percebe-se nas imagens transmitidas o som direto proveniente da captação realizada por meio de microfones distribuídos aos congadeiros e moçambiqueiros durante os desfiles e, simultaneamente a inserção de comentários proferidos por um narrador ou por repórteres, sendo esses últimos também munidos de microfones. A opção de jogar no ar este ou aquele som ficou com o editor da TV Paraíso.

Em 2002, o apresentador pouco interferiu no conteúdo das imagens transmitidas, limitando-se a realizar comentários durante os períodos em que a avenida ficava vazia, por ocasião do final de um desfile e início de outro.

As imagens e som são editados no próprio recinto da Festa. Em geral a transição da maioria dos planos e imagens filmadas são realizadas por meio de cortes secos ou em cortina<sup>39</sup>. Alguns recursos de edição de imagens, como as sobreposições, foram utilizados para dar maior destaque a alguns eventos como o canto de alguns capitães e a reação do público durante os desfiles.

Foram inseridos letreiros com o nome de cada terno durante a transmissão das imagens de seus respectivos desfiles. Concomitantemente, durante a transmissão das imagens eram inseridos também letreiros com os nomes de alguns capitães, posteriormente os dizeres “Congadas 2002”.

A transmissão das imagens que representam os desfiles de ternos é quase que ininterrupta. Somente dois blocos de apoio cultural foram veiculados durante as transmissões deste dia: o primeiro no intervalo de tempo entre o desfile do último terno de moçambique a se apresentar naquela noite, o Terno de Moçambique Filhos de São Benedito, e o início do desfile do Terno de Congo Caçulas de Paraíso, e o segundo ao final das transmissões.

Os intervalos de tempo entre o fim de um desfile e início do próximo foram aproveitados pelo apresentador que “em off” agradeceu os patrocinadores das transmissões citando-os um a um, incluindo aí o terno de congo Xambá. Enquanto isso as imagens captavam a representação

---

<sup>39</sup> Forma de transição de um plano para outro na qual uma linha parece atravessar a tela, removendo um plano e deixando ver outro em seu percurso. Para saber mais ver Reisz, K. & Millar, G. *A técnica de montagem cinematográfica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Embrasilme, 1978.

dos últimos momentos dos desfiles, momentos esses em que geralmente os ternos realizam seus bailados, também chamados por alguns de embaixadas.

Para tanto, a câmera fixa passava a captar as imagens em plano de grande conjunto<sup>40</sup>, acompanhando por meio de zoom toda a movimentação dos dançantes que se dirigem para o fim da avenida transformada em “passarela”. Geralmente os ternos realizam a “Meia Lua” e retornam a frente do palanque, ainda bailando. Quando isso ocorre, as imagens passam a ser captadas, agora em plano geral<sup>41</sup>, pelo cinegrafista da câmera móvel que se posiciona a frente do terno, geralmente na altura do palanque.

O terno então realiza novamente a “Meia Lua”, a frente do palanque, ou seja, no extremo oposto da avenida. Neste momento o terno volta a ser filmado novamente pela câmera fixa que mais uma vez, por meio de zoom, acompanha o bailado que percorre grande a extensão da avenida rumo ao outro extremo e assim sucessivamente. As transmissões dos bailados seguem esse esquema técnico.

Em 2002, a Comissão Organizadora da Festa de Congada promoveu, além do concurso entre os ternos, a eleição e premiação com troféus dos congadeiros e moçambiqueiros considerados “destaques”. Esta premiação aconteceu durante os desfiles do último dia da Congada, 30 de dezembro.

Após a entrada de cada terno na avenida, a Comissão Organizadora pede a palavra e realiza o anúncio do nome do congadeiro ou moçambiqueiro daquele terno eleito como destaque. Ele se apresenta à frente do terno, junto aos membros da Comissão que estão à frente do palanque para tal anúncio.

As câmeras da tevê neste momento se voltam para os membros da Comissão Organizadora (em 2002, Heraldo Bicego e Sidney Félix de Pádua) e para o congadeiro ou moçambiqueiro a ser premiado com troféu destaque.

Ainda que a programação local gerada pela TV Paraíso não seja contínua ou a imagem gerada e transmitida por esta não estivesse à altura da qualidade técnica das outras emissoras, os trabalhos dessa filiada local da Rede Minas de TV permitiram que se aumentasse a proximidade da população do município em relação aos representantes desse meio de comunicação que passaram a participar de inúmeros momentos do cotidiano da cidade, dentre eles a Festa de Congada.

---

<sup>40</sup> Plano filmado a uma distância extremamente grande, mostrando uma vasta área. *Idem*.

### *Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2003*

A Festa de Congada de 2003, conforme já dito, não teve imagens transmitidas pela TV Paraíso. Isso não significa que seus trabalhos tenham sido interrompidos durante este período de tempo, conforme acontecera meses antes com a tentativa judicial de suspensão dos trabalhos prestados por esta emissora-retransmissora televisiva.

A Festa de Congada em 2003 tiveram seus desfiles filmados e transmitidos por meio dos trabalhos da TV Sudoeste. Numa tentativa de agradar e conquistar seu público alvo, esta tevê local realizou também programas de debate sobre as Congadas intitulado “Mesa Redonda”.

A TV Sudoeste executou transmissões ao vivo de imagens da apuração dos desfiles dos ternos de congo e moçambique que foi realizada nos estúdios desta tevê. Este fato representou uma considerável alteração em relação aos acontecimentos associados às Festas passadas. Se nos anos anteriores somente uma pequena parcela de cada terno acompanhava as apurações realizadas na Câmara Municipal, em 2003 a transmissão de imagens pela tevê representando tal evento proporcionou a possibilidade de ampliação deste público.

Cabe ressaltar que as apurações do resultado dos desfiles são realizadas em horário coincidente ao Ritual de Descida das Bandeiras, o que acarreta a impossibilidade de grande parte dos congadeiros e moçambiqueiros vinculados à “tradição” da Congada acompanhar as transmissões de tais eventos. Soma-se a este fato o pequeno interesse de alguns destes participantes na própria competição realizada durante os desfiles.

Para o trabalho de análise desta programação especial sobre as Congadas 2003 transmitida pela TV Sudoeste realizo primeiramente a descrição esquemática das imagens que representam os desfiles dos ternos de congo e moçambique do dia 27 de dezembro de 2003, e do programa “Mesa Redonda de 31 de dezembro de 2003, ambos por mim gravados em VHS. Vale ressaltar que estas imagens foram transmitidas ao vivo pela TV Sudoeste. Num próximo momento analiso comparativamente as imagens referentes aos desfiles e programação especial referente às Congadas de 2002, 2003 e 2004.

---

<sup>41</sup> Plano filmado a uma considerável distância do assunto.

Por volta das 19:30h do dia 27 de dezembro de 2003, a TV Sudoeste iniciou seus trabalhos de transmissão dos desfiles da Congada, direto das estruturas montadas pela Prefeitura na avenida da Praça da Matriz, para a realização dos desfiles nas noites de Festa.

O repórter Luiz Fernando Souza forneceu informações sobre a ordem em que os ternos iriam desfilar naquela noite e finalizou esta fala inicial narrando o momento em que a pequena procissão trouxe a imagem de São Benedito até o palanque destinado aos Reis Congos, Rainhas Congas, Princesas e Jurados. Posteriormente o repórter informa que a programação será brevemente interrompida, para posteriormente voltar em definitivo trazendo as imagens dos desfiles da Congada. Assim, o canal 31 voltou a retransmitir imagens da Rede Minas de TV.

Aproximadamente uma hora depois, a programação da Rede Minas de TV foi interrompida novamente e deu-se início à transmissão das imagens dos desfiles de ternos de moçambique e congo do município.

Nesta noite, assim como em outras durante os desfiles de 2003, as transmissões ao vivo foram iniciadas a partir do desfile do quarto terno moçambique daquela noite, o que conseqüentemente gerou muitos protestos por parte dos congadeiros e moçambiqueiros e do público em geral.

Pouco destaque foi dado às imagens dos desfiles dos ternos de moçambiques. Podemos afirmar que em diversos momentos da transmissão houve desrespeito, por parte do narrador das imagens, em relação a momentos “tradicional” e religiosos dos desfiles. Destacamos aqui as imagens que representam o momento em que todos os componentes de ternos de moçambique se ajoelham, ao comando de seu capitão, para que este realize sua oração e canto. O narrador das imagens encobriu com sua fala a oração e o canto proferidos pelos capitães.

Verificou-se também que diversas entrevistas e opiniões de pessoas da mídia local foram inseridas durante os desfiles de moçambique, o que também contribuiu para diminuir o tempo de transmissão de imagens que representassem os “verdadeiros escolhidos de Nossa Senhora do Rosário”, e principal motivo para a realização desta Festa, segundo o mito fundador da Congada.

Os esquemas técnicos referentes à captação de som durante os desfiles permanecem quase inalterados se comparados aos usados pela TV Paraíso. A novidade foi a introdução de microfones sem fio que possibilitou uma maior mobilidade para os capitães e dançantes dos ternos.

A narração da Festa foi realizada pelo repórter Luiz Fernando Souza, diretamente da frente dos palanques ou da estrutura montada pela TV Sudoeste para realizar a edição e transmissão das imagens.

Uma outra repórter, Regiane Antunes, também atuou no sentido de narrar, trazer informações e realizar entrevistas ao vivo com personalidades presentes no palanque, capitães de terno e público em geral. Ainda assim, existiram momentos de descompasso entre a narração e as imagens editadas e transmitidas durante os desfiles.

Outro problema referente ao modo como o som dos desfiles foi editado e transmitido se refere ao fato do som da fala dos apresentadores da Congada para o público da praça, dentre eles Ademir Santos, se sobrepor à fala do repórter que está narrando determinada cena impedindo que a mensagem seja devidamente ouvida.

Em geral as imagens foram captadas por uma câmera fixada à frente do palanque, bem a frente do local onde o capitão ou segundo-capitão se posiciona para realizar cantorias durante o desfile, e por uma segunda câmera fixada na cabine montada para a tevê. Uma terceira câmera move-se entre os congadeiros e moçambiqueiros, o público em geral. Outras câmeras auxiliam a composição de imagens das câmeras principais anteriormente citadas. Foram utilizadas câmeras com tecnologia digital na captação das imagens o que conferiu a estas uma superior qualidade técnica na transmissão das mesmas.

Durante a maior parte do tempo das transmissões, as imagens mostraram a representação dos principais congadeiros ou moçambiqueiros que integram a frente do terno em seus respectivos desfiles. Para tanto foram realizadas filmagens em close-up<sup>42</sup> plano aproximado<sup>43</sup> ou plano americano<sup>44</sup>. Isso dificultou a captação da dimensão de grandeza dos desfiles por meio das imagens.

O intervalo de tempo entre o final de um desfile e início do próximo foi utilizado pela TV Sudoeste para transmitir blocos de apoio cultural com propagandas de empresas financiadoras da transmissão deste evento. Isso fez com que os momentos finais dos desfiles, quando acontecem os bailados e embaixadas, momentos importantes da “tradição”, não fossem transmitidos e, conseqüentemente, assistidos pelos telespectadores.

---

<sup>42</sup> Plano filmado com a câmera muito próxima do assunto, em relação à figura humana, corresponde a mostrar somente o rosto ou as mãos.

<sup>43</sup> Em relação à figura humana, plano de uma pessoa vista aproximadamente da cintura para cima.

<sup>44</sup> Em relação ao ser humano, plano que mostre a figura aproximadamente da cabeça até os joelhos.

A consequência imediata da transmissão parcial de alguns desfiles foram protestos feitos, inclusive por capitães de terno durante os próprios desfiles. No dia 27/12/2003, o capitão “Baianinho” do terno de congo Anjos de São Benedito, antes de dar seqüência ao bailado disse diante do público e das câmeras de tevê:

““Eu espero que a televisão não faça a decepção igual a que fez ontem. Porque ontem não passou o nosso bailado”.

A transmissão de imagens do início dos desfiles também foi prejudicada pelo mesmo motivo. Cabe notar que o início e final dos desfiles são momentos esteticamente interessantes para se realizar imagens, mas que foram quase totalmente desprezados nas transmissões.

A partir do início dos desfiles dos ternos de congo diminuiu o número de entrevistas com pessoas não realizadoras da Congada. Assim, as imagens representando os desfiles passaram a ser constante.

A análise das imagens das transmissões nos revela que durante os desfiles dos ternos de congo as cenas passaram a ser captadas também em plano americano e plano de conjunto, o que passou a conferir grandiosidade à representação dos desfiles.

As entrevistas restringiram-se aos capitães dos ternos de congo ainda no final do desfile do mesmo. Destaco algumas destas entrevistas tanto pelas perguntas realizadas pelo repórter como pelas respostas obtidas:

Transcrição da entrevista realizada por Luiz Fernando, repórter da TV Sudoeste, ao final do desfile do terno de congo da União, com seu capitão Alex Pasquini. Data 27 de dezembro de 2003.

Repórter Luiz Fernando: E nós vamos aqui conversar com o capitão Alex Pasquini.

Alex, mais uma noite e mais uma apresentação, e o terno União vem trazendo a beleza do congado, a tradição do congado que é o que o povo quer aqui na praça assistir não é? Boa noite.

Capitão Alex: Boa noite a todos que estão assistindo a TV Sudoeste. Como o pessoal já viu, o pessoal já presenciaram em casa, aí, o União é união mesmo. A gente somos muito unidos e estamos trazendo aí a “tradição” da Congada. Então o que a gente espera é fazer o melhor, não pra ganhar, ficar em segundo, terceiro ou quarto, mas pra fazer uma Festa bonita pro povo paraisense, pro turista que vem de fora pra ver o que que é a verdadeira Congada de São Sebastião do Paraíso.

Repórter: Tá certo Alex, agora, tá sendo feito um esforço muito grande em termos de organização, o pessoal todo envolvido. A Festa no geral está bonita, grandes apresentações, e quem ganha é o povo e quem vem de fora prestigiar as Congadas.

Capitão Alex: Sem dúvida. Quero parabenizar o Heraldo, toda a Comissão Organizadora. A praça está bem enfeitada, o som de primeira, parabéns ao Manello (responsável por todo o sistema de som contratado para a Festa), o pessoal da TV Sudoeste aí, presenciando e transmitindo ao vivo as Congadas Paraisenses. Quem ganha com isso é o povo paraisense. Parabéns a toda Comissão Organizadora, parabéns Heraldo de coração, e enquanto nós estivermos por aqui com o União você pode ter certeza que a Congada não vai parar.

Repórter: Está certo Alex, parabéns pra vocês aí do União.

Capitão Alex: Obrigado.

Transcrição da entrevista realizada por Luiz Fernando, repórter da TV Sudoeste, ao final do desfile do terno de congo Bela Vista, com seu capitão Tio Orides. Data 27 de dezembro de 2003.

Luiz Fernando: E está aqui o capitão Tio Orides (Bela Vista), que acabou de fazer a sua apresentação e vai falar com a gente na reportagem da TV Sudoeste. E aí, realmente uma apresentação que o Bela Vista mostra a qualidade, vem trazendo muito congadeiro e buscando aprimorar a cada dia a apresentação.

Capitão: Isso aí é a fé que eu tenho em Deus e o trabalho que a diretoria do Bela Vista vem fazendo. Primeiro Deus depois o trabalho da diretoria e a coisa vai bem. A gente luta dia a dia pra cada vez melhorar mais o Bela Vista e a Festa de Paraíso que o nosso povão merece.

LF: E o Congado também cada vez mais bonito?

Capitão: Cada vez mais bonito, tá resgatando a Congada de Paraíso. Teve uns tempo pra trás que tava indo pra baixo, mas graças a Deus eu acho que a Congada não vai acabar. Pelo jeito que tão fazendo, a gente vê aí menininho de um ano, dois anos, quatro anos tudo dançando, então é sinal que a Congada não vai acabar.

LF: Parabéns bela apresentação.

Capitão: Obrigado, eu te agradeço e parabéns pela transmissão de vocês nessa TV Sudoeste. Eu não vou dar a nota dez não, eu vou dar é nota mil, tá bão?

Alguns temas são comuns às entrevistas realizadas com os capitães de ternos de congo após seus respectivos desfiles. Estes pontos podem ser ilustrados por ambas as entrevistas aqui transcritas. O repórter inicia a entrevista com comentários sobre a beleza do desfile realizado

pelo terno. Este é o mote geralmente usado pelo jornalista para abordar temas como as inovações dos desfiles naquele ano, a preocupação do terno de agradar ao público da cidade e, principalmente ao turista que vem acompanhar a Festa, e para destacar o apoio da Prefeitura e dos meios de comunicação à realização da Congada.

As respostas dos capitães em geral são dadas no sentido de demonstrar como as Congadas conseguem, a um só tempo, atender os anseios do público presente, daqueles que de alguma maneira lucram com o público atraído pela Festa, sem deixar de realizar os preceitos religiosos e “tradicionalistas” ali desenvolvidos. Por isso mesmo, aparece nas falas dos dois capitães acima citados a conclusão de que a Congada não corre risco de deixar de existir.

Em 2003, a TV Sudoeste realizou, além das transmissões ao vivo dos desfiles da Congada, programas intitulados Mesa Redonda que aconteceram em todos os dias da Festa, de 27 a 31 de dezembro de 2003. Esses programas contaram com a participação de alguns dos jurados, representantes da imprensa escrita, políticos da cidade, e de integrantes da Comissão Organizadora e Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Os membros e integrantes dos ternos, organizadores de fato do evento, não foram convidados para tais discussões. Apesar disso, a repercussão dos debates entre os ternos pôde ser vista durante as apresentações de alguns ternos: o capitão do terno de moçambique Diamante proferiu poucas e duras palavras contra a opinião de convidados da TV Sudoeste e de seus telespectadores que durante uma discussão realizada no programa Mesa Redonda transmitido pela afiliada no início da tarde do dia 28 de dezembro reclamaram do não cumprimento das tradições da Festa por parte de seus integrantes.

O capitão Ronaldo do terno de moçambique Diamante se disse cumpridor de todas as “tradições” inclusive a de ajoelhar e cantar na avenida para seus santos e Reis e Rainhas, e por isso, as pessoas deveriam tomar mais cuidado com o que diziam na tevê. Além da declaração e protesto proferido pelo capitão Ronaldo durante o desfile de seu terno, o capitão Fernando, do terno de congo Angolas, também rebateu na avenida às críticas e proposições de inovações realizadas nas Mesas Redondas.

O programa Mesa Redonda segue o formato de um *Talk Show* onde os convidados discutem sobre um ou mais temas. No caso citado, o apresentador Tadeu Ricarte Pedroso é também uma espécie de entrevistador que lança perguntas específicas para cada um de seus convidados desse modo organizando a ordem seqüencial de exposição durante o programa.

Nos dois primeiros blocos dos programas “Mesa Redonda” transmitidos em dezembro de 2003, as perguntas foram realizadas pelo próprio apresentador para que cada um dos convidados expusesse seus comentários. Os últimos blocos foram compostos por perguntas enviadas pelos telespectadores, por meio de telefone. Para tanto, o apresentador seguiu o mesmo esquema narrativo de programas de rádio, onde é primeiramente informado o nome do telespectador e em seguida a pergunta enviada pelo mesmo.

No dia 31 de dezembro de 2003 foi realizado o último programa Mesa Redonda do ano contando com a participação de Dario de Oliveira, Welington de Carvalho e Valdemar Antônio Galvão, jurados de uma das noites da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso.

Após a fala inicial de cada um dos convidados, onde estes agradeceram o convite para participar do programa, Tadeu informa que: “a TV Sudoeste tem uma novidade muito boa pra vocês telespectadores, amantes das Congadas, nós iremos dar mais um presente pra você nesse fechamento de 2003, a TV Sudoeste vai levar para você as apurações, ao vivo, que acontecerão a partir das 16:00h aqui diretamente dos estúdios da TV Sudoeste. As apurações serão feitas aqui, na Av. Zezé Amaral, 124. É uma maneira da TV Sudoeste se afirmar com seu compromisso em colaborar com a comunidade nos fatos, nos acontecimentos e nos eventos, enfim tudo que faz parte da vida da cidade, da sociedade, enfim dos paraisenses”.

A transmissão ao vivo de imagens da apuração, que seria realizada no estúdio desta tevê, sobre o julgamento dos desfiles dos ternos de congo e moçambique foi anunciada durante a realização da Mesa Redonda de 31 de dezembro de 2003. Estas imagens possibilitaram ao público acompanhar as apurações que neste ano de 2003 concederam os troféus ao terno de Congo da União e ao terno de moçambique Diamante.

A realização do programa “Mesa Redonda” juntamente com a transmissão ao vivo da apuração constituíram-se tentativas de diversificação da grade de programação em relação à concorrente direta da TV Sudoeste, a TV Paraíso, mesmo que esta última não estivesse realizando a transmissão dos desfiles. Nesse sentido, a fala de Tadeu Pedroso ao anunciar a transmissão da apuração pode ser contextualizada na disputa por espaço e legitimidade junto à audiência do público local e regional.

Durante o programa “Mesa Redonda” de 31 de dezembro de 2003, os convidados da TV Sudoeste foram questionados sobre as possíveis mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação à Festa de Congada, as conseqüentes inovações apresentadas durante a Festa, sobre a

atribuição de notas durante o julgamento e possibilidade de empate na apuração. As respostas foram em certa medida complementares: a chuva atrapalhou o julgamento de alguns quesitos, as mudanças acontecidas na Festa resgataram “tradições” e religiosidade, citando a pequena procissão inicial dos desfiles e dos santos colocados no palanque para serem homenageados, mesmo com a atribuição de notas fracionadas, existe ainda a possibilidade de empate na apuração do concurso de desfiles. Todos os convidados foram unânimes no reconhecimento dos esforços realizados pela Comissão Organizadora da Festa e pelos próprios congadeiros e moçambiqueiros.

Interessante notar como um debate sobre o melhor formato de desfile a ser adotado nos anos subsequentes ganhou espaço durante o programa. A TV Sudoeste mencionou, por meio da fala de seu apresentador Tadeu Pedroso, durante este programa, a intenção de realizar um dossiê com sugestões de “melhorias” para que a Festa agradasse os congadeiros e público em geral. Transcrevo na íntegra esta fala específica:

“Pelo nosso telefone 35317273 várias pessoas já nos ligaram durante todo esse período desses dias e várias delas dando sugestões. Todos dizem e são unânimes, ao que se propôs, a Congada de Paraíso está evoluindo dia a dia e está de parabéns os organizadores, parabéns os congadeiros, mas cobram também, o povo está cobrando também para que os ternos alternem, para que os ternos não só participem dos desfiles no calçadão, que eles participem da vida religiosa, da cultura, do folclore, da Congada, homenageado os santos, cultuando os santos padroeiros dos dias, levando e trazendo reis e rainhas cumprindo promessa, está certo, porque a crença também mudou muito e eles cobram muito isso. Aliás nós estamos até preparando um dossiê, fazendo uma síntese de tudo o que foi sugerido para aqui para nós, para que a gente possa colaborar com, corroborar com a Comissão, com as Congadas, com os congadeiros, para que eles analisem essas sugestões, porque existem dois pontos primordiais nas Congadas, os donos da Festa, quem fazem a Festa, são os congadeiros, e para quem eles fazem: para o povo. Aí devemos fazer com que os dois sintam-se felizes, tanto os congadeiros como o povo. Então, uma das sugestões que eu achei fantástica, acho que a gente precisa olhar com bastante carinho seria a mudança da competitividade, partindo, fazendo com que a parte religiosa, a parte cultural, a parte folclórica e o concurso sejam traçados de uma maneira bem inequívoca. Síntese da sugestão, que eu achei fantástica, só para que vocês tenham conhecimento: são quinze ternos de congo e moçambique organizem em três classes, classe A, B, e C. No primeiro dia só desfilariam na

passarela cinco ternos, no segundo dia outros cinco, no terceiro dia, outros cinco, nessa fase dos três primeiros dias seria classificatória, classificariam três ternos de cada dia, no quarto dia desfilariam os nove classificados, e no quinto dia já apresentaria o desfile dos campeões, o primeiro, segundo e terceiro dos congados e o primeiro e segundo dos moçambiques. Nós ganharíamos tempo e a parte religiosa e folclórica poderia ser feita, ser apresentada durante o dia. Eu achei essa sugestão fantástica”.

Esta é uma fala rica em detalhes que precisam ser desmembrados para que se alcance a compreensão das idéias que norteiam as proposições apresentadas. Inicialmente o apresentador fornece sua opinião sobre a Festa dizendo que esta “evolui a cada dia”, parabenizando todos os realizadores da mesma.

A seguir, sua fala acrescenta a constatação de que “o povo está cobrando também para que os ternos alternem, para que os ternos não só participem dos desfiles no calçadão, que eles participem da vida religiosa, da cultura, do folclore (...)”. Tadeu Pedroso não oferece ao público maiores explicações sobre quem realizou tais cobranças, como estas foram verificadas; simplesmente a suposta constatação fora apresentada na fala deste apresentador, durante a realização do programa de debate sobre as Congadas, como uma informação merecedora de crédito e que clama por providências imediatas da parte dos organizadores da Festa e dos próprios congadeiros e moçambiqueiros.

Em seguida o apresentador constata o fato dos congadeiros serem os reais donos da Festa, mas que, segundo ele, ‘a Congada é feita pelos congadeiros para o povo’, ou seja, para o público presente. Isso faria com que mudanças, necessárias segundo o apresentador, permitissem que ambas as partes ficassem contentes com a Festa.

O fato da Congada ser compreendida como somente um desfile realizado pelos congadeiros (sem ao menos citar a presença de moçambiqueiros!) para o público demonstra o quanto esta Festa é mal interpretada por alguns representantes da mídia local. Paradoxalmente, outros representantes, principalmente os da imprensa escrita local, em 2003 demonstraram em seus textos uma maior compreensão sobre a realização da Congada e algumas das motivações para a realização da mesma.

O discurso realizado pelo apresentador do programa Mesa Redonda baseia-se na observação superficial da Congada. A precária articulação de argumentos tenta justificar as

sugestões de mudanças, propostas no decorrer da fala, em supostos interesses de congadeiros e do público em geral.

Constata-se também uma contradição inerente à fala do apresentador no que se refere à competição e disputa entre ternos distintos durante os desfiles. Segundo o apresentador do programa “Mesa Redonda”, Tadeu Pedroso, é necessário que: “a mudança da competitividade, partindo, fazendo com que a parte religiosa, a parte cultural, a parte folclórica e o concurso sejam traçados de uma maneira bem inequívoca”.

A mudança a qual Tadeu se refere não é a mesma mencionada por alguns capitães de ternos que acreditam numa suposta valorização da “tradição” específica à Congada no caso de não existirem competições durante os desfiles dos ternos de congo e moçambique. Esta proposta é de conhecimento geral na cidade, sendo debatida inclusive durante a realização de uma dos programas da TV Sucoeste, ‘Mesa Redonda’ de 2003, que contou com a participação de Ricardo de Oliveira, de família tradicional congadeira e diretor do jornal impresso A Gazeta do Sudoeste.

A proposta apresentada por Tadeu Pedroso se refere às mudanças na forma de classificação e julgamento dos ternos, conferindo maior relevância e peso aos critérios julgados. Pela proposta apresentada, os ternos que atualmente desfilam todos os dias da Festa passariam a desfilar no máximo três vezes durante as noites da Congada, pois assim “nós ganharíamos tempo e a parte religiosa e folclórica poderia ser feita, ser apresentada durante o dia”.

Cabe aqui questionar: quem ganharia tempo? Os congadeiros e moçambiqueiros ganhariam tempo para seus desfiles? Certamente não. O tempo ao qual o apresentador se refere está relacionado à veiculação de imagens que representam os desfiles enquanto espetáculo televisionado pela emissora: é o tempo próprio da televisão, das inserções publicitárias.

Implícita à sugestão está a tentativa de modificar o formato da própria Festa conforme necessidades e características inerentes àqueles que a representam por meio de imagens em movimento: a tevê.

### ***Transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2004***

Em dezembro de 2004 a TV Sudoeste realizou um trabalho mais extenso de cobertura dos eventos relacionados às Congadas. Contou para isto a experiência acumulada durante seu primeiro ano de transmissão e a conquista de legitimidade de seus trabalhos perante o público, no caso, os próprios moradores do município.

Novamente os desfiles foram transmitidos ao vivo durante todas as noites da Festa de Congada. A emissora, assim como em 2003, realizou programas tipo “*Talk Show*”, Mesa Redonda. Em 2004, os capitães e presidentes dos principais ternos de congo e moçambique do município também foram convidados a participar deste programa, tendo oportunidade de discutir e declarar suas opiniões sobre os desfiles e eventos relacionados à Festa.

Também em 2004, a TV Sudoeste ampliou ainda mais sua cobertura jornalística sobre a Festa de Congada dedicando, durante o período de 26 a 31 de dezembro, o último bloco de seu telejornal diário, Telejornal Sudoeste, para uma série especial de reportagens que possibilitou trazer aos seus espectadores informações sobre as origens das Congadas na região, suas especificidades, o modo de vida e costumes de famílias congadeiras, e por fim, uma gravação da Congada de 1984, resgatando o histórico local dessa Festa por meio de imagens que registraram momentos passados dessa Festa no município.

A apuração dos desfiles seguiu o mesmo esquema montado no ano anterior pela emissora para comportar e transmitir de seus estúdios os resultados que levariam os ternos de congo da União e o Xambá ao empate e o terno de moçambique Diamante ao primeiro lugar na apuração dos desfiles daquele ano.

Diferentemente das transmissões realizadas em 2003, que não contemplaram a procissão nem os desfiles dos primeiros ternos de moçambique, a TV Sudoeste em 2004 passou a realizar suas transmissões antes do início da procissão. Enquanto as imagens davam visibilidade do público presente nas arquibancadas, o repórter fornecia informações sobre a ordem dos desfiles, o santo homenageado no dia, o nome dos jurados e o respectivo quesito avaliado, destacando a presença da raiz africana na Festa enquanto elemento a ser valorizado.

Os repórteres Tomás Martins, Flavio Henrique Silva, Luiz Fernando Souza, sob a direção de Alessandro Morandini, realizaram a narração e as entrevistas transmitidas pela TV Sudoeste durante os desfiles da Congada.

Em 2004, assim como em 2003, a captura do som contou com a utilização de microfones sem fio que possibilitaram a microfonagem dos principais instrumentos e transmissão do som e imagem desde os momentos iniciais dos desfiles.

A transmissão de imagens representando os desfiles dos ternos de congo e moçambique em 2004 contou com maior número de câmeras em relação a 2003. Além das câmeras fixadas em frente ao palanque, à frente da cabine destinada à emissora, e das câmeras móveis que circulam em toda a extensão da avenida, fora fixada também uma câmera acima do local destinado aos jurados.

Esta última câmera estava regulada para captar imagens em plano geral de toda a avenida, dando a ver o público presente nas arquibancadas e a grandiosidade dos desfiles dos principais ternos de congo do município. A utilização de outra câmera instalada acima dos jurados na captura de imagens de momentos dos desfiles dos pequenos ternos fez com que surtisse efeito contrário: no dia 27 de dezembro de 2004, as imagens do desfile do terno de moçambique Artulino Duarte, por serem também captadas pela câmera fixada acima dos juízes, davam a impressão de que o terno era composto por não mais de cinco pessoas.

O próprio desenvolvimento nas transmissões dos desfiles fez com que a equipe técnica de edição deixasse de utilizar imagens provenientes desta câmera durante os desfiles dos ternos de moçambique. Suas imagens foram bastante utilizadas para captar os momentos de entrada dos grandes ternos na avenida.

As imagens que representam os desfiles dos ternos na noite de 30 de dezembro de 2004<sup>45</sup>, assim como na maioria das outras transmissões deste ano, foram iniciadas pela procissão que conduziu as imagens de Santa Catarina e São Jerônimo até o palanque, ao som do repicar dos sinos da Matriz.

A captura das imagens dos ternos de moçambique utilizou, além de close up e plano aproximado e americano, os planos geral e plano de grande conjunto. A edição das imagens representando os ternos de moçambique deram bastante destaque à própria dinâmica dos desfiles ao fornecer planos de imagens de curta duração, realizadas por câmeras distintas.

---

<sup>45</sup> Gravado em VHS para posteriormente ser analisado.

Assim o enfoque não ficou restrito somente ao capitão; as imagens representando o capitão e segundo capitão foram intercaladas à diversas cenas de componentes do terno, à imagens dos santos no palanque, aos Simbólicos Reis e Rainhas.

As entrevistas realizadas durante os intervalos entre os desfiles dos ternos de moçambique limitaram-se à Prefeita Marilda Melles, ao Prefeito eleito, Mauro Zanin, ao historiador Luiz Ferreira Calafiori. Além dessas entrevistas, a TV Sudoeste também deu destaque para seus próprios equipamentos ao transmitir imagens diretamente das dependências desta tevê, sua equipe trabalhando nas transmissões das imagens do desfile.

O mesmo esquema técnico anteriormente apresentado foi utilizado para a captura das imagens dos ternos de congo. Apesar disso, pouco destaque foi dado às imagens dos momentos do bailado que finalizam os desfiles. Durante este período, nos intervalos entre os desfiles dos ternos de congo, o repórter Flávio Henrique Silva realizou entrevistas com os capitães dos ternos que estavam finalizando seus desfiles.

O número de intervalos para exibição dos blocos de apoio cultural, assim como o número e tempo de entrevista foram reduzidos o que aumentou o tempo e a qualidade da transmissão das imagens dos desfiles. Também contribuiu para tal melhoria o fato da narração das transmissões se limitar aos momentos em que os capitães não estão proferindo seu canto ou oração. Desse modo, a transmissão de imagens representando os desfiles dos ternos de moçambique seguiram algumas das reivindicações proferidas na avenida por alguns capitães no ano anterior.

Ao longo da transmissão das imagens da apresentação dos desfiles, a TV Sudoeste inseriu letreiros contendo o nome do terno representado e em seguida, as imagens de fotografias de São Jerônimo e Santa Catarina seguidas de letreiro informativo com os nomes dos santos homenageados no dia.

As transmissões foram finalizadas com imagens representando o momento em que o último terno de congo retirou cerimonialmente, em cortejo, as imagens de Santa Catarina e São Jerônimo para conduzi-las até a Igreja Matriz. Em seguida, a transmissão deu visibilidade à equipe técnica da TV Sudoeste, agradecendo ao público que acompanhou os trabalhos realizados por esta tevê local.

## *Mesa Redonda*

Em 2003 a realização de programas intitulados “Mesa Redonda” não contou com a participação de congadeiros e moçambiqueiros. O programa foi realizado a partir da presença de dois ou três convidados, em geral jurados e membros da Comissão Organizadora da Festa, que responderam perguntas feitas pelo apresentador Tadeu Pedroso e questões enviadas pelos telespectadores por meio do telefone.

No ano de 2004, programas “Mesa Redonda” aconteceram de 27 de dezembro a primeiro de janeiro de 2005, contando com a presença de um jurado, membros da Comissão Organizadora ou Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro, e capitães ou presidentes dos maiores ternos de congo e moçambique do município. O esquema técnico utilizado para a realização deste programa foi semelhante ao dos programas “Mesa Redonda” de 2003.

A leitura das participações dos telespectadores, compostas por perguntas destinadas aos convidados do programa, elogios, sugestões e algumas reclamações em relação às imagens e som transmitidos pela própria TV Sudoeste, foi iniciada no segundo bloco dos programas.

As perguntas realizadas pelo público ao serem respondidas pelos convidados dos programas estabeleceram relações de interatividade entre congadeiros e moçambiqueiros enquanto produtores dos desfiles da Congada enquanto mantenedores da religiosidade e “tradição”, os representantes da municipalidade responsáveis pela Festa, representantes desta tevê local e o público de telespectadores que pôde acompanhar os diversos momentos da Festa e os telespectadores.

Tadeu Pedroso recebeu no programa “Mesa Redonda” do dia 28 de dezembro a presença dos convidados, Alex Pasquini e Carlos Henrique da Silva, ambos capitães do terno da União; Sidney Félix de Pádua, um dos integrantes da Comissão Organizadora da Festa; e o comerciante local e jurado da noite anterior da Congada, José Adolfo Disaró. Carlos Henrique da Silva é também o mais novo presidente da Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro.

Aspectos específicos dos desfiles foram debatidos e assim esclarecidos para os telespectadores: como o tempo de desfile é atribuído para cada terno, os quatro quesitos

julgados nas noites dos desfiles que são Ritmo e Instrumento, Dança e Evolução, Vestimenta e Alegoria e Respeito ao Folclore.

Foi também esclarecido o modo como o canto improvisado é, na prática, proferido. Muitos versos cantados são inventados pelo primeiro capitão, em forma de “repente”, e acompanhado pelo segundo capitão, que canta olhando para a boca do primeiro capitão de modo que acaba, como disse o capitão Alex Pasquini, “lapidando a voz do primeiro capitão”.

O apresentador do “Mesa Redonda” solicitou que seu convidado desse dia, Sidney Félix de Pádua, assim como fez no programa do dia anterior o convidado Heraldo Bicego, representante da Comissão Organizadora, dissesse os nomes dos quatro jurados do desfile daquela noite.

Sidney Félix de Pádua da Comissão Organizadora da Congada disse não concordar em anunciar os nomes dos jurados da noite pois, segundo ele, o bonito dos desfiles é ver os ternos chegando à frente do palanque e cantando de forma improvisada para cada um dos jurados. Porém, como no programa anterior os nomes foram anunciados, ele se sentia obrigado a fornecer os nomes dos jurados convidados a julgar os desfiles daquela noite.

Sugestões importantes sobre a forma de microfonação e a separação de microfones específicos para cada instrumento foram dadas a partir da reclamação enviada por diversos telespectadores, sobre falhas nos microfones durante os desfiles do terno de moçambique Diamante, que comprometeram inclusive as transmissões das imagens representando os mesmos.

Carlos Henrique Silva foi questionado a respeito da influência da atual administração municipal na realização das Congadas. Para este convidado, a prefeita Marilda Melles, dentro das possibilidades econômicas da Prefeitura, deu apoio total à Festa. Porém, a partir da nova administração, ele enquanto presidente da Associação Paraisense de Defesa do Folclore Brasileiro, que também é chamada de Associação dos Congadeiros, se propunha a iniciar as reuniões com os congadeiros em fevereiro para assim começar a organizar a Festa o quanto antes. Isso porque, ainda segundo Carlos Henrique, a Comissão Organizadora da Festa junto à Prefeitura tem organizado a Festa com pouca antecedência o que prejudica os ternos e conseqüentemente a própria realização das Congadas.

Em algumas ocasiões perguntas foram enviadas por telespectadores e lidas uma em seguidas da outra sem que respostas fossem dadas pelos convidados. Isso aconteceu com a

questão enviada pelo telespectador Raul Domingos da sede do Zambiê de Angola: “porque não resgatou as gungas? Porque isso foi dito no ano passado aqui no ‘Mesa Redonda’ e prometido pela Comissão que ia tentar resgatar as gungas (chocalhos tradicionais usados presos às pernas e tornoselos) dos ternos de moçambique”.

No desenrolar do programa verificou-se que algumas destas questões anteriormente sem respostas foram respondidas em forma de comentários enviados pelos próprios telespectadores, dizendo que o terno Diamante fez um investimento para resgatar as gungas.

Reclamações foram enviadas para o programa criticando a iniciativa da Comissão Organizadora de levar cavalos para fazer a abertura dos desfiles na avenida na primeira noite da Festa. Sidney Félix de Pádua comentou tais reclamações dizendo que “os cavaleiros foram uma inovação, foi um pedido de algumas pessoas que pediram pra colocar os cavaleiros e nós aceitamos, lógico, temos que inovar, mas se não deu certo, no próximo ano se estivermos lá nós vamos procurar inovar com outras coisas jogando, coisas que faz parte da Congada”.

Diversos pedidos para aumentar o número de arquibancadas, instalação de banheiros para deficientes, reclamações sobre a segurança da Festa, e sugestões para que o mesmo tempo seja dado para todos os ternos nos desfiles foram, enviadas pelos telespectadores e lidos durante o programa.

O público também enviou para a tevê sugestões sobre as imagens transmitidas solicitando que os ternos fossem filmados por inteiro durante os desfiles de modo que não somente os capitães fossem representados nas imagens.

Imagens antigas de filmagens das Congadas foram transmitidas durante os programas “Mesa Redonda” assim como durante a série de reportagens exibida no Telejornal Sudoeste. A possibilidade de ver tais imagens fez com que diversos telespectadores entrassem em contato com a TV Sudoeste solicitando que tais imagens fossem reexibidas, o que passou a acontecer ao final do “Mesa Redonda” e em outros momentos durante a programação.

Durante os programas “Mesa Redonda” do dia 27 e 28 de dezembro o apresentador Tadeu Pedroso deu maior atenção às perguntas enviadas pelos telespectadores, sendo estas efetivamente respondidas pelos convidados.

Nas tardes do dia 29, 30, 31 de dezembro e 1 de janeiro, os programas “Mesa Redonda” também contaram com a participação do público, porém, uma maior atenção foi dada somente aos comentários e opiniões enviada pelo público. Estas geralmente parabenizavam a tevê pela

qualidade das imagens da transmissão das Congadas, ou davam sugestões de melhoria a ser acrescentada na infra-estrutura montada ao longo da praça.

Nestes últimos programas, a qualidade do debate caiu notadamente. O apresentador, ao ler algumas das sugestões enviadas pelos telespectadores, passou a aproveitar o ensejo para cumprimentar ora a Comissão Organizadora, ora a Prefeita Marilda Petrus Melles e o Prefeito eleito Mauro Zanin, e também pessoas do município.

A ordem de leitura dos comentários enviados pelos telespectadores sugere que exista uma certa pré-seleção das mesmas, uma vez que diversas colocações sobre um único assunto são lidas juntas. Verificou-se também que grande parte das questões feitas para os convidados deixaram de ser aquelas enviadas pelos telespectadores.

Ainda assim, a audiência e repercussão do programa junto aos congadeiros e moçambiqueiros foram bastante intensas. Este fato pode ser explicado pela própria participação no programa dos jurados, capitães e presidentes de ternos, emitindo sua respectiva opinião sobre os desfiles e, mais especificamente, sobre seu olhar em relação à Congada.

Outra explicação para a repercussão do programa junto aos congadeiros está na grade de programação desta tevê que, durante o período da Festa, exibiu uma série especial de reportagens sobre a Congada no Telejornal Sudoeste, e logo em seguida passou a transmitir, ao vivo, o programa Mesa Redonda<sup>46</sup>.

### *Série de Reportagens sobre as Congadas*

A realização da série de reportagens sobre as Congadas foi muito bem recebida pelos congadeiros e moçambiqueiros do município. Estes participaram dando entrevistas e depoimentos durante a Subida das Bandeiras e em momentos solicitados pela repórter Regiane Antunes, responsável pela série.

Para a composição desta série de reportagens, a repórter entrevistou diversas pessoas do município: congadeiros, moçambiqueiros, historiadores, padres, entre outros. Tais falas foram editadas de modo a compor explicações sobre a realização da Festa, dando ênfase às origens

---

<sup>46</sup> Programa realizado a partir das 12:30h nas tardes da Congada.

africanas da Congada, explicando o modo como o conhecimento é transmitido de pai para filho pelos integrantes da Festa, a fé e religiosidade presentes desde a Subida das Bandeiras até os desfiles na avenida.

Procederei aqui a análise destas reportagens de modo a discutir como foram realizadas e ressaltar aspectos específicos da repercussão desta série dentre os próprios congadeiros e moçambiqueiros do município.

Primeira reportagem da série – transmitida no dia 26 de dezembro de 2004

A primeira parte da série de reportagens especiais sobre as Congadas tratou das origens da Festa. Esta primeira matéria tem início com a narração de Regiane Antunes explicando que no século XVIII os negros foram trazidos para trabalhar nas lavouras de café da região de São Sebastião do Paraíso, provenientes de diversas regiões da África.

Segundo a narração da reportagem, mesmo com diferentes costumes, os escravos foram obrigados a viver junto nas senzalas, em condições desumanas. Durante tal fala, as imagens dão visibilidade ao casarão da Fazenda Sapê e em seguida mostra o interior da senzala, localizada no porão desta fazenda, iniciando assim a narrativa visual da matéria.

Logo em seguida, a imagem enfoca Mariano Bícego, historiador e irmão do então presidente da Comissão Organizadora das Congadas, Heraldo Bícego<sup>47</sup>, que fala sobre as condições de trabalho nas lavouras e da vida nas senzalas. O historiador explica também que as crenças, religião e Festas trazidas da África não foram aceitas pelos fazendeiros que viam em tais costumes a ameaça de revolta, já que aquelas pessoas estavam em condição de escravidão, mantidos de maneira subumano.

A edição agora dá visibilidade a um corredor em estilo colonial onde a repórter Regiane Antunes caminha contando um pouco mais sobre a Fazenda Sapê, que fora uma das mais importantes produtoras de café localizada na região de São Sebastião do Paraíso.

---

<sup>47</sup> A Comissão Organizadora da Congada é composta por pessoas indicadas pela Prefeitura Municipal (não integrantes do grupo tradicional de congadeiros e moçambiqueiros) para a administração e organização dos aspectos institucionais e burocráticos referentes à Festa. Em 2002 e 2003 participaram da Comissão Heraldo Bícego e Sidney Félix de Pádua. Em 2004, além destes participou Maurício Furim, também conhecido como Peu.

Um novo corte é realizado para que Margarida Maria Alves Pinto fale um pouco de seus conhecimentos sobre a Fazenda Sapé uma vez que esta pertenceu no passado a seu tataravô, sendo vendida para o Comendador José Honório e, posteriormente em 1976, readquirida por sua família. Nesse momento a edição de imagens ora mostrava detalhes da arquitetura da fazenda, ora a repórter e sua entrevistada.

Em seguida, uma imagem realizada ao anoitecer passou a mostrar cenas de uma roda de capoeira filmada contra a luz de um refletor. Em “off”, a repórter passa então a explicar que era à noite, depois do trabalho na lavoura que os escravos tinham maior “liberdade, nas rodas de capoeira e nos ternos de congo. É a celebração da fé através da mistura de dança, ritmo e arte”.

As imagens continuaram a dar visibilidade para o jogo de capoeira realizada à frente da casa grande da Fazenda Sapé, agora não mais ao anoitecer. Então, Anderson Aparecido Pires, professor de capoeira, relata “a capoeira representa para mim, ainda mais que eu sou negro, um grande presente, ela representa a história das pessoas que atravessaram o Atlântico, chegaram aqui com muito sofrimento pra trabalhar de sol a sol (...) então para mim ela representa toda a minha história de vida e a história de meu povo”.

Interessante verificar a associação realizada por meio da reportagem entre a Capoeira e a Congada. Na prática, estes são exemplos conhecidos de expressões da cultura afro-descendente, ambos de extração banto, e foram apresentados dentro de uma contigüidade explicativa.

Novamente em *off*, é apresentada dona Maria Aparecida Ferreira Lima, descendente de escravos e moradora da Fazenda Sapé. Sua entrevistada também se refere ao sofrimento dos escravos, no caso sua própria avó, que tinha o corpo todo marcado de modo que seus braços, rosto e até seu olho carregavam cicatrizes do tempo da escravidão.

Outro elemento fundamental das Congadas é, segundo a narração da reportagem, “a linha tênue entre o fato e a lenda”. As imagens então dão vez ao relato do congadeiro Ison José Aparecido, que se recorda da existência de lendas, por meio das quais se contam a existência de alguns rezadores ou benzedores cujo poder era grande. Segundo o congadeiro, se o benzedor decidisse rezar algum terno para que este não saísse às ruas durante a Congada, muitos dos congadeiros não conseguiriam bater caixa ou cantar direito. Estas são lendas em que, segundo o congadeiros, muitos acreditam.

De volta aos estúdios do telejornal, o jornalista Luiz Fernando Souza se refere em sua fala às raízes provenientes das famílias e assim apresenta a continuação da reportagem especial.

As imagens voltam a representar o jogo de capoeira realizado à frente da casa grande e a narração do programa explica que foi somente com as Leis do Ventre Livre, do Sexagenário e a Lei Áurea, que a história dos negros passou a ter um novo rumo.

A imagem passa a representar Luiz Ferreira Calafiori, advogado, historiador, secretário da cultura da Prefeitura Municipal, explicando o fato da Igreja Católica, por meio de padres missionários, ter introduzido, ainda na África, junto aos cultos ali praticados, os santos como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

Novamente o corte, e a imagem volta a dar visibilidade à fala do congadeiro Ilson José Aparecido, explicando o fato de alguns ternos, ainda no tempo da escravidão, serem inicialmente compostos por negros alforriados o que, naquele momento da história, soava quase que como uma afronta ao regime vigente uma vez que estes ternos não estavam sobre a tutoria de nenhum senhor de escravos.

Dando prosseguimento à reportagem, Regiane Antunes explica que a “riqueza maior da cultura negra não está registrada nos livros, ela permanece viva na memória dos mais antigos e a tradição é passada de pai pra filho”.

Assim, as imagens passam a apresentar a família do capitão do terno de congo Angolas, Fernando Antônio Gonçalves, um dos mais tradicionais da Congada paraisense. Segundo o próprio capitão, o importante para ele e seu terno são os conhecimentos passados pelos seus avós aos seus pais e de seus pais para ele e sua família, e é isso o que é preservado no seu modo de dançar e nas suas orações. Neste momento, as imagens mostram cenas que representam um pequeno cômodo feito do lado de fora da casa do capitão onde se encontra um altar montado com diversas imagens de Santos.

A narração do programa contextualiza a cena no fato do capitão estar “preocupado em manter suas raízes, é nesta barraca simples no quintal de sua casa que ele pede proteção”. Segundo a fala do capitão Fernando

“todo dia às cinco horas eu estou sentado aqui. Aqui eu faço minhas oração pra quem gosta de mim e pra quem não gosta também. Pra quem não gosta de mim eu faço um pedido pra Deus, pra que Deus ponha na cabeça dele que nós aqui

somos tudo irmão. Tem uns mais feio outros mais bonito mais nós somos tudo irmão”.

Sua irmã, Maria Aparecida Gonçalves, é apresentada como também conhecedora da sabedoria africana de usar plantas, temperos e ervas medicinais. É a própria Maria Aparecida que diz à reportagem a utilidade de algumas plantas como a folha do maracujá pra fazer banho, cidreira, hortelã, alecrim entre outros. Em seguida ela complementa,

“e meu pai e minha mãe sempre falavam – vocês nunca saiam do que eu estou ensinado pra vocês, seis seguem isso que esse é o caminho, foi assim que eu criei voçeis. Então é onde que nós nunca saiu do caminho, nós nunca saiu pra outro lado, nós tá sempre na linha que eles deixou. Então eu quero seguir aquilo que começou do começo, que os pai e mãe começou do começo”.

A imagem então retorna para um close up do capitão Fernando Antônio Gonçalves que fornece um depoimento emocionado:

“eu vejo tudo essas pessoa, meus pai, meus avô, eu vejo tudo assim, na luz do dia clareando, sempre as vezes que eu to falando aqui eu senti o meu velho pai aqui perto de mim, a gente comove um pouco, a saudade, a saudade toma um pouco conta da gente mais é muito bom”. Desse modo a primeira reportagem da série é finalizada.

As imagens das entrevistas realizadas com o capitão Fernando Antônio Gonçalves e Maria Aparecida Gonçalves mostram elementos restritos à ordem privada dos ternos. Assim como o capitão Fernando, outros participantes da Festa, muitos deles pertencentes ao alto escalão da hierarquia da Congada, possuem nos barracões ou mesmo em suas próprias casas estes cômodos anexos. Ali se localizam altares onde são geralmente guardados os bastões e fotografias dos antigos congadeiros, além de muitas imagens de Santos, inclusive as dos seis da Congada.

A maneira como estas imagens foram realizadas não mostra em detalhes o altar, dando destaque à imagem e fala do capitão que prega o uso de orações para que o conceito de irmandade seja plenamente compreendido na sociedade.

A existência de elementos rituais e simbólicos específicos à Congada é cuidadosamente citada nesta reportagem por meio da edição das próprias falas dos congadeiros. Este cuidado com a concepção das entrevistas, em especial as imagens realizadas na privacidade da casa do capitão Fernando Antônio Gonçalves, merecem destaque, pois contribuem para que tabus e preconceitos sejam desvencilhados por meio da abordagem, edição e transmissão de elementos muitas vezes estranhos à ordem religiosa católica dominante, porém específico à concretização da Festa.

O elemento narrativo característico desta primeira matéria é a afirmação e valorização das raízes africanas da Congada, seja por meio da fala de historiadores, seja na memória passada de geração a geração dos afro-descendentes, dentre eles, aos que são mantenedores da própria Festa.

Segunda reportagem da série – transmitida no dia 27 de dezembro de 2004

A segunda reportagem da série teve como tema a religiosidade, destacando a presença afro-descendente na realização da Congada. Trechos da entrevista com o congadeiro Ison José Aparecido foram editados e utilizados para compor uma narrativa sobre os escravos e suas Festas que, segundo o congadeiro, primeiramente visavam agradecer seus deuses pela colheita. Tais Festas eram realizadas dentro das próprias fazendas com o consentimento dos senhores que em alguns momentos liberavam tais realizações.

Em seguida, trechos da entrevista com o historiador Mariano Bicego narra em poucas palavras a catequização realizada pelos jesuítas, que fez com que a religião do branco, no caso a Católica, fosse assimilada pelos escravos de modo que as homenagens aos Reis Africanos passassem a ocorrer concomitantemente às homenagens aos santos católicos. Exemplo marcante destacado na reportagem são os louvores a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

A narrativa de Regiane Antunes passa então a se referir a Igreja construída em 1850 para Nossa Senhora do Rosário, local onde se realizava a Festa da Congada em homenagem à santa.

Monsenhor Ilário Pardini, em entrevista para a realização desta série de reportagens, explica a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ocorrida em 1952, a partir da

requisição da Prefeitura, para construir naquele local uma rodoviária, que posteriormente foi adaptada e hoje guarda a Biblioteca Municipal.

O historiador e advogado Luiz Ferreira Calafiori comenta na reportagem, “foi, lamentavelmente, a maior afronta à cultura paraisense, foi a derrubada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.”

A reportagem então mostra cenas filmadas à frente da nova Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada na Vila Mariana. Construída em 1973, a igreja é hoje ponto de partida para a procissão que inicia a Congada e conduz as imagens dos seis santos da Festa em andores, até a Igreja da Matriz, local onde efetivamente a Festa é realizada.

Os Reis e Rainhas da Congada são citados na reportagem como os “chefes máximos da comissão que organiza a Festa”. Segundo a fala do próprio Rei Congo Sebastião Eurípedes de Páschoa, “a gente tem esse comando porque a Congada sem o Rei, não pode ser. A gente está ali pra todos, pra todos os problemas, as vezes que acontecer dentro da Congada, eles vêm procurar a gente pra ver se a gente pode resolver pra eles. Mas todos os capitão, todos os congadeiros quer ver a nossa presença no Congado, lá com eles.”

Em seguida, as imagens dão visibilidade à Genuita Pereira de Paula que define assim a sua participação na Festa: “A minha função é zelar dos andores. A minha participação é da religião, é religiosa. Eu cuido dos meus andores, enfeito e ajudo a abrir a mesa, faço parte da mesa, né.”

Novamente acontece o corte, e as imagens passam a representar o capitão do terno de congo Angolas, que faz o seguinte cometário sobre a Festa e sua específica religiosidade:

“Muita gente, noventa por cento dos dançante, o que que é o Congo as pessoas não sabe, estão dançando ali pra divertir, mas mesmo eles não sabe. O que que é a origem, que sintoma tem o santo, que sintoma tem o outro. Cada santo tem seu dia, cada santo tem sua oração, tem seu jeito de ser, tem seu jeito que foi, né. Então as vez pra dançar, pra ser Capitão de Congo tem que saber profundo essas coisas.

Sobre as mudanças ocorridas na Festa de Congada é editada a seguinte fala do Rei Congo Sebastião Eurípedes de Paschoa: “Então mudou muito, mudou muito, porque, é mais

entusiasmo, né, é entusiasmo. Inclusive até os ritmo, mudou muito.” (corte) “O pessoal hoje quer ver a juventude e não quer ver a jovem guarda mais”. (corte) “Às vezes muitos não sabe, mas enquanto um congadeiro tiver vestido de congo dentro do carçadão, está fazendo a mesma parte religiosa da Igreja. É onde que nós somos da paz juntos.”

As imagens tornam a representar a fala da Rainha Conga Genuita Pereira de Paula que agora comenta as duas principais diferenças entre a Festa de outros tempos e a de hoje. Sua fala também fora editada, mas ainda assim percebe-se um certo descontentamento na existência de competição entre os ternos:

“Bem, eu acho, eles antigamente puxavam um coroadado maravilhoso, de quinhentos, seiscentos, trezentas pessoas, era aquele coroadado maravilhoso, a porta da Igreja era uma imensidade de rainha<sup>48</sup>. Eles buscava e depois levava de volta. (corte) E não existia essa competição, sempre teve desfile, mas não tinha competição. Passava ali por uma obrigação. (corte)”

Reiterando a presença da fé e religiosidade na Congada, parte da entrevista realizada por Regiane Antunes com a Rainha Perpétua, Antonia Maria de Jesus, de 89 anos de idade é apresentada na finalização da reportagem.

Rainha Perpétua: “Eu quero que acompanhe a religião.

R. A.: E a senhora gosta de Congada?

Rainha Perpétua: Eu gosto.

R.A.: A senhora vai todo ano lá?

Rainha Perpétua: Eu vou, todo ano. Posso estar do modo que for. Eu saí da Santa Casa não fazia cinco dia, eu fui, firmei ali no Congo, e fui.

R.A.: Congada pra senhora é sagrado, dona Antônia?

Rainha Perpétua: É sagrado. Tudo pra mim é sagrado minha filha. Tô acompanhando as missas, tô acompanhando tudo. Pra mim tá sendo uma maravilha”.

---

<sup>48</sup> A Rainha Conga ao comentar os momentos em que se “puxava um coroadado maravilhoso” se refere às rainhas por promessa e não aos simbólicos Rei Congo e Rainha Conga.

Interessante notar a densidade do conteúdo das falas captadas nas entrevistas proferidas pelo capitão de terno, Rei Congo, e Rainhas Conga e Perpétua durante as entrevistas. Em poucas frases, eles sintetizam e exprimem os significados religiosos mais aparentes da Festa da Congada. Apesar da edição destas imagens, pouco se alterou do rico conteúdo.

Além disso, a realização e exibição de trechos destas entrevistas conferem notoriedade aos Simbólicos Reis e Rainhas da Congada, tornando-os reconhecidos como as autoridades máximas dentro da Festa por conta de seus conhecimentos e práticas religiosas. A tevê constitui-se, neste caso como em outros, enquanto instância de legitimização e divulgação de conhecimento, tradições e poder.

Terceira reportagem da série – transmitida dia 28 de dezembro de 2004

A terceira reportagem da série traz ao público a representação dos momentos de confecção de roupas e instrumentos para a Festa. A intenção de mostrar os bastidores da Congada é explicitada pela própria fala da repórter Regiane Antunes.

Para tanto são realizadas entrevistas com José Roberto Castro, conhecido como Zé Bertinho e com José Antônio de Moraes, o Zé Goela, ambos artesãos responsáveis por fazer caixas (tambores) para a realização dos desfiles.

Antigamente, segundo José R. Castro, as caixas dos ternos de congo eram feitas de madeira e couro curtido. Hoje, os artesãos fazem as caixas com material mais barato e leve, no caso o metal e couro curtido.

José Antônio de Moraes conta que aprendeu a fazer caixa de congo vendo seu amigo conhecido como Baianinho (atual capitão do terno de congo Anjos de São Benedito), confeccionar caixas para seu terno. Ele ainda revela que deixar as caixas ao sol é o segredo para que estas ganhem qualidade de som.

Este ofício faz com que ambos os artesões adquiram renda extra no final do ano, uma vez que, segundo o que foi relatado na reportagem, cada caixa é vendida a R\$80,00.

A imagem passa a dar visibilidade a fragmentos da entrevista realizada com a Rainha Conga Genuita Pereira de Paula. Em seqüência a imagem passa a representar a Rainha, que

durante a entrevista, arrumada de capa e coroa, se sentou à máquina de costura, para mostrar como ela confecciona as próprias roupas e as de seus seis netos para a Festa da Congada.

A reportagem prossegue por meio de mais uma encenação, desta vez realizada por dona Maria Aparecida Silva, também conhecida como Maria Xambá, presidente do terno de congo do mesmo nome. A imagem representa Dona Maria perguntando a uma das costureiras se ela poderia aprontar 300 camisas para seu terno. Ao fundo a imagem mostra uma pequena confecção com algumas costureiras trabalhando para a realização de tais camisas.

Em seguida trechos da entrevista realizada com dona Maria Xambá são editados. Suas responsabilidades para com o terno são a preparação da “roupa, chapéu, comida, limpeza do barracão, lavagem. Tudo eu! É muito pesado, muito cansativo mas dá muito gosto porque a gente faz com amor”. Ainda segundo a fala dela, estas obrigações foram deixadas por seu pai e ela só irá deixá-las quando não mais estiver aqui na terra.

Elementos estranhos à entrevistas, como por exemplo as encenações, foram solicitadas pela repórter e atendidas pelos congadeiros para que ação dramática fosse inserida nesta matéria.

Quarta reportagem da série – transmitida dia 29 de dezembro de 2004

A quarta reportagem da série foi ao ar no dia 29 de dezembro de 2004, trazendo imagens de vídeo representando a Festa de Congada de 1984 cedidas por William Pádua Melles. Num primeiro momento são apresentadas imagens representando a procissão onde os congadeiros e moçambiqueiros conduziam os seis andores dos santos da Congada ao redor da praça da Matriz. Uma das músicas do novo CD do Xambá foi utilizada como trilha sonora para as imagens editadas que representam tal procissão.

As imagens de 20 anos atrás foram realizadas num momento em que os desfiles da Congada aconteciam do lado direito da Matriz, próximo aos mastros das Bandeiras dos seis santos da Congada. Podemos visualizar nas imagens as arquibancadas montadas no calçadão, juntamente com a estrutura de iluminação, som e palanques.

A reforma da praça Comendador José Honório, ou praça da Matriz, impossibilitou a realização dos desfiles dos ternos de congo e moçambique ao longo do calçadão, bem como os

desfiles das escolas de samba<sup>49</sup>. Isso porque o espaço entre as fachadas das grandes lojas de departamento e bancos ali situados, e os canteiros que compõem a ornamentação da praça são muito estreitos para comportar o desfile e as arquibancadas, como há vinte anos acontecia naquele espaço.

A seqüência de imagens dá visibilidade aos desfiles dos ternos de moçambique Artulino Duarte, Diamante já contando com seu atual capitão Ronaldo Aparecido Lemos. As melodias e canções proferidas na avenida a vinte anos atrás são, ainda hoje bastante conhecidas por pertencerem ao repertório de tais ternos, assim se constituindo elementos de identidade dos mesmos.

Na seqüência as imagens passam a representar fragmentos de antigos desfiles de alguns ternos de congo, dentre eles o terno Bela Vista que, na época contava com o capitão José Salvador Eustáquio, o Gorvalho, atualmente capitão do terno de congo Xambá.

Por sua vez, o Xambá tinha, naquele momento, como um de seus capitães Fernando Antônio Gonçalves, que hoje é capitão dos Angolas.

O terno de congo da União tinha como capitão o seu fundador, João Aureliano. Nas imagens do desfile do terno da União é possível perceber que o ritmo dos tambores e, por conseguinte da melodia, eram menos acelerados se comparados aos adotados pela maioria dos ternos nos desfiles de hoje, com exceção do terno Angolas.

As imagens também dão visibilidade aos ternos de Chiquito Risada<sup>50</sup>, o já extinto terno de congo Nossa Senhora do Rosário, e o Sabiá, atualmente o terno de congo mais antigo de São Sebastião do Paraíso.

A reportagem prossegue dando destaque para imagens que representam ternos não mais existentes hoje em dia. Tais imagens não foram acompanhadas de legendas, letreros ou narração que identificasse o nome dos ternos ou as pessoas que os compunham. Se por um lado, este fato dificultou a análise das imagens, por outro propiciou a comunhão de conhecimentos para os atuais integrantes e realizadores da Congada nos momentos em que tais imagens foram ao ar via tevê local.

Segundo relatos tais imagens repercutiram em toda a comunidade, em específico sobre os congadeiros e moçambiqueiros, emocionando e até mesmo provocando o choro e a saudade

---

<sup>49</sup> As escolas de samba foram extintas em São Sebastião do Paraíso, por falta de apoio da Prefeitura Municipal.

<sup>50</sup> Filho do antigo Rei Congo Chico Risada e esposo já falecido da atual Rainha Conga Genuita Pereira de Paula.

de familiares e amigos daqueles que estão representados nas imagens, mas não se encontram mais presentes entre nós.

Quinta reportagem da série – transmitida dia 30 de dezembro de 2004

A quinta reportagem da série foi realizada com imagens que representam a Subida das Bandeiras. Este ritual aconteceu no dia 05 de dezembro de 2004 e seu objetivo, segundo a reportagem, é de pedir permissão para o início da Festa.

A reportagem é iniciada com imagens mostrando a chegada em cortejo de alguns ternos de congo e moçambique à frente da Igreja Matriz, conduzindo as Bandeiras dos santos da Congada para serem ali hasteadas.

A narrativa fala da fé que move os participantes e realizadores da Congada, mesmo com chuva, a comparecerem à Praça Matriz para a Subida das Bandeiras. Sob a chuva, o congadeiro Ison José Aparecido fala à reportagem que esta atrapalha um pouco, principalmente em relação às crianças participantes dos ternos, mas que o jeito é esconder e se proteger para posteriormente dar prosseguimento aos cortejos.

A repórter Regiane Antunes enfatiza o fato das seis Bandeiras permanecerem guardadas o ano todo nas casas de pessoas escolhidas, e de que a Subida das Bandeiras é a abertura oficial da Congada. Em seguida a imagem dá visibilidade ao momento em que pessoas levam as Bandeiras a serem hasteadas até o local do ritual.

O padre Eliseu Guimarães Souza, responsável pela Matriz, explica em entrevista à reportagem que o levantamento das Bandeiras é parte constituinte da piedade popular e visa homenagear os santos: “este exemplo de religiosidade popular é muito importante para o povo de Paraíso”.

Imagens da Subida das Bandeiras são exibidas, sendo que a narrativa dá destaque que foi o terno de moçambique Diamante que referendou com canto e dança as homenagens aos santos, pedindo permissão aos santos para o início da Festa.

Em seguida, imagens mostram trecho de entrevista realizada com Genuita Pereira de Paula, a Rainha Conga, onde ela comenta sorrindo “sem a Subida das Bandeiras não tem Festa”.

Algumas imagens da praça no momento da Subida das Bandeiras são apresentadas enquanto a repórter Regiane Antunes narra “de acordo com os integrantes dos ternos, esta é uma data importante para a Congada, porque perante a religião todos são iguais, onde não há discriminação de raça ou de cor”.

Estas são falas muito comuns de congadeiros e moçambiqueiros proferidas às pessoas que os assediam para a realização de filmagens, fotografias, matérias jornalísticas. Nos dois primeiros anos de minha pesquisa foram diversas as ocasiões em que ouvi frases semelhantes. Porém, a partir de uma maior inserção junto ao grupo, o tema da discriminação por questões raciais passou a ser abordado de maneira mais crítica.

A realização da Congada tende a evidenciar para seus participantes a estrutura da situação de classes atualmente vigente, na qual o grupo de congadeiros e moçambiqueiros ocupa o extrato econômico menos favorecido, o que, de certo modo, atualiza para o grupo a consciência da dominação econômica e política sobre os descendentes de escravos na sociedade atual.

A Congada é assumida, pelos próprios congadeiros e moçambiqueiros, como uma Festa negra, de raízes africanas. As relações entabuladas por estes vão sempre na tentativa de se preservar ao máximo suas “tradições” das influências religiosas, políticas e econômicas, geralmente empreitadas por pessoas não pertencentes ao grupo, na maioria das vezes, brancos na pele e na “alma”.

Dando continuidade à reportagem, trechos de duas entrevistas, realizadas por Regiane Antunes, foram exibidas. A primeira realizada com a congadeira Marilene Luciano de Oliveira que definiu a Subida das Bandeiras como o modo dos congadeiros pedirem proteção e saúde para a Festa e para todo o ano que irá se iniciar. Segundo a congadeira a realização deste pedido recai sobre si e sobre toda sua família.

A segunda entrevista foi realizada com o moçambiqueiro Reinaldo Rosa Oliveira que definiu a Subida das Bandeiras como uma missão dentro da Congada, que ele juntamente com o terno cumprem com muita alegria e entusiasmo, uma vez que, segundo ele, a Festa pertence às Bandeiras.

O discurso da igualdade religiosa e racial proferido tanto pelos mantenedores da Congada como por representantes da Prefeitura, Igreja, comerciantes e *mídia* local, durante a realização da Festa atua no sentido de dissimular e encobrir relações de resistência cultural estabelecidas pelos descendentes de escravos, por meio de seus sistemas de crenças e festividades. A religião católica ainda hoje é hegemônica, no sentido de se constituir em um dos pilares do sistema simbólico ordenador da sociedade capitalista. Por outro lado, congadeiros e moçambiqueiros, especificamente seus líderes, esgrimem discurso semelhante para significar outros sentidos. Como por exemplo a já referida fala de Antônia Maria de Jesus, Rainha Perpétua de 89 anos de idade: “Firmei ali no Congo e fui...tudo pra mim é ‘sagrado’ minha filha...”

Assim como nas outras reportagens da série, todos os entrevistados tiveram seus nomes apresentados em letreiros no momento em que suas imagens apareciam durante a exibição da matéria. Porém, tais letreiros não apontaram à qual terno os congadeiros ou moçambiqueiros pertenciam, não destacando a identidade dos mesmos. O pertencimento a um terno, mesmo que seja por um determinado momento da vida da pessoa, é valorizado pelos membros do grupo, tendo o mesmo peso relativo ao seu próprio sobrenome.

Esta reportagem foi finalizada com imagens representando as Bandeiras fixadas nos mastros ao lado da Igreja Matriz, onde segundo a narração de Regiane Antunes, permanecerão até o final da Congada. Por fim, foram apresentadas imagens representando cortejos dos ternos de congo no calçadão.

Sexta reportagem da série – transmitida dia 31 de dezembro de 2004

A última reportagem da série destaca elementos da Festa de Congada restritos à ordem particular dos ternos e das pessoas que cumprem promessas durante a Festa. A primeira parte da matéria mostra um almoço de terno de congo, no caso o almoço comunitário dos Angolas.

São mostrados os momentos do preparo da comida, os pratos servidos, a união familiar durante o almoço e os preparativos para a saída do terno de congo em cortejo pelas ruas da cidade.

Esta reportagem também destaca os preparativos e o percurso de uma “rainha” no cumprimento de sua promessa aos Santos da Congada. Regina Marta de Paula realizou

promessa para São Benedito a fim de se curar de uma enfermidade. Em entrevista para a TV Sudoeste ela relata que “tinha 18 anos e tinha problema renal e ia precisar fazer um transplante. No dia 28 de novembro, no dia 29, eu ia fazer, em Campinas. No dia 27 de nov..., de dezembro eu vim na Igreja Matriz e pedi pra São Benedito, que se eu não precisasse de fazer eu ia cumprir minha promessa todo ano, enquanto eu tivesse vida. Isso já faz 28 anos, eu fui pra mesa de cirurgia e não tinha mais nada nos rins”.

As imagens editadas ora mostravam partes da entrevista, ora davam visibilidade à capa e coroa de cor azul claro, confeccionada pela própria entrevistada para o cumprimento de sua promessa. Em seguida são apresentadas imagens do terno de congo Anjos de São Benedito indo buscar a “rainha” em casa para conduzi-la até a Matriz.

O cumprimento das promessas aos Santos da Congada geralmente é realizado em público o que possibilita a toda a comunidade tomar conhecimento sobre a obtenção de uma graça, de um milagre ocorrido em decorrência da fé e religiosidade inspirada pela Festa.

Na prática, o próprio cumprimento de promessas aos Santos da Congada também é uma maneira de estimular a realização de novos pedidos de graças e milagres em forma de promessas, uma vez que a eficácia simbólica destes é comprovada pelo número de “reis” e “rainhas” “puxados”, conduzidos até a Igreja Matriz anualmente.

A eficácia simbólica atribuída aos Santos e à Congada sempre foi propagada e estimulada por meio do cumprimento ritualístico e teatralizado de promessas. Em 2004, tal eficácia foi também divulgada por meio da última reportagem desta série. A entrevista realizada com Regina Marta de Paula assume formato de testemunho, hoje tão comum em programas que abordam as mais distintas religiões cristãs.

Para finalizar a reportagem e, por conseguinte a série, diz a repórter Regiane Antunes, “todo o esforço é recompensado quando um terno pisa na avenida e a identidade de cada um se funde em meio ao bailado e ao batuque das caixas”. As imagens passam então a mostrar diversos trechos representando os desfiles dos ternos na avenida.

## *Apuração do Desfiles – Congadas 2004*

Conforme anunciado durante toda a programação de fim de ano da TV Sudoeste, a apuração dos desfiles de Congada aconteceram nos estúdios da emissora e foram transmitidos ao vivo para toda São Sebastião do Paraíso e região.

No estúdio da emissora foi montado um mini-auditório, contendo uma mesa apuradora ocupada pelos integrantes da Comissão Organizadora da Festa, Sidney Félix de Pádua, Heraldo Bicego, Maurício Furim, o secretário Luiz Ferreira Calafiori, Ângela Maria Duarte, e o apresentador Ronaldo Valadaise. Ao lado desta mesa encontravam-se os troféus de premiação ao melhor terno e moçambique do município daquele ano.

À frente da mesa foram dispostas duas fileiras de cadeiras ocupadas por até dois representantes dos ternos de congo e moçambique. Estes congadeiros e moçambiqueiros geralmente são pertencentes à presidência dos ternos, e suas presenças visam acompanhar o processo de apuração, fiscalizando a ação da mesa apuradora. Aos presentes no estúdio não são permitidas conversas ou manifestações barulhentas que atrapalhem o andamento do processo.

O esquema de leitura de abertura das urnas e leitura das notas seguiram-se procedimentos que visavam uniformizar e organizar toda a apuração. Sempre dois representantes da platéia eram convidados a acompanhar a abertura das urnas a fim de testemunhar a não existência de fraude durante a apuração.

Ao todo foram convidados vinte jurados distintos para julgar os desfiles da Congada. Cada jurado avaliou todos os ternos a partir de um quesito que poderia ser Ritmo e Instrumento, ou Dança e Evolução, ou Vestimenta e Alegoria ou Respeito ao Folclore.

Foram utilizadas cinco urnas distintas e lacradas. Cada urna recebeu o formulário contendo a confirmação da presença ou ausência de ternos à frente da Igreja Matriz, e os formulários usados pelos quatro jurados da respectiva noite.

A leitura de tais formulários foi realizada por Maurício Furim. Após a abertura da urna contendo as notas referentes ao dia 26 de dezembro, foi lida a lista de presença na procissão e à frente da Igreja Matriz e em seguida o nome do primeiro jurado, o quesito julgado pelo mesmo e as notas atribuídas por este aos ternos de moçambique. Em seguida fora lido o nome do segundo jurado, o quesito por este julgado e as notas referentes ao moçambique e assim por

diante até se finalizar a leitura das notas dos ternos de moçambique referente à primeira noite de desfile.

Os membros da mesa iniciam a somatória das notas dos respectivos ternos de moçambique. Durante este tempo o apresentador da apuração aproveita para realizar comentários sobre o desfile desta primeira noite de Congada; membros da Comissão realizam agradecimentos dos mais diversos, à imprensa local, ao apoio da Prefeitura Municipal, à polícia e bombeiros, a seus próprios familiares, entre outros.

Após a finalização desta primeira somatória, as notas parciais referentes ao primeiro desfile são anunciadas por Maurício Furim. Em seguida, este já inicia a leitura do nome do primeiro jurado, o respectivo quesito julgado e as notas atribuídas por este aos ternos de congo<sup>51</sup>, e assim sucessivamente até a leitura das notas atribuídas pelo último jurado desta noite.

Novamente acontece ao vivo a somatória das notas. Este momento mais uma vez é utilizado pelo apresentador e membros da mesa apuradora para a realização de comentários diversos. Assim que todas as notas são somadas, a parcial é lida para os telespectadores e representantes dos ternos presentes na apuração.

A urna contendo as notas referentes aos desfiles do dia 27 de dezembro é aberta, também na presença de dois representantes da platéia presente no estúdio. Novamente as presenças e notas são lidas seguindo o esquema anteriormente descrito.

Este esquema de leitura das notas e somatória das mesmas prossegue até que a última nota seja lida e os pontos a serem descontados dos ternos sejam computados. Desse modo foram conhecidos primeiramente o vencedor dentre os ternos de moçambique, o Diamante. No compito geral das notas referentes aos desfiles dos ternos de congo, uma surpresa, dois vencedores dividiram o troféu, o terno de congo da União e o Xambá.

As apurações representam para os ternos a possibilidade de maior ou menor tempo de desfile durante a Festa. Os jurados que realizam a avaliação destes desfiles não possuem grandes conhecimentos sobre a “tradição” da Congada. Geralmente estes encaram a Festa enquanto mais um folclore ou Festa popular dentre os quais o modelo hegemônico amplamente conhecido na sociedade brasileira é o Carnaval Carioca.

---

<sup>51</sup> Os quatro jurados de cada noite realizam a avaliação tanto dos ternos de moçambique quanto dos de congo em somente um quesito.

A maior parte dos ternos percebem a ocorrência deste tipo de visão proveniente dos jurados em relação aos desfiles e elaboram estratégias para se adequar às expectativas e exigências que se referem as preocupações estéticas em relação à vestimenta, aos versos e canções proferidas na avenida, aos enfeites utilizados, entre outros.

Existem, porém, ternos que tomam atitudes relativamente “rebeldes” em relação ao atual formato assumido pela Festa da Congada. Isso só é possível porque a própria existência da Festa é garantida nas atitudes dos outros ternos que passaram a se adequar aos preceitos estéticos exigidos nos julgamentos realizados durante os desfiles, tornando a Festa o maior evento turístico do município.

Nem todos os ternos enviaram representantes para acompanhar as apurações. Este fato somado à não presença destes mesmos ternos à frente da Matriz no horário previsto pela Comissão, durante as tardes da Congada podem indicar que estes batalhões, dentre eles o do próprio Rei Congo Artulino Duarte, não fazem questão de se enquadrar às normas que de algum modo institucionalizaram a Festa.

Esta explicação também nos ajuda a compreender o porque das notas atribuídas pelos jurados a este mesmos ternos serem sempre as mais baixas em relação ao conjunto. Não existe nestes ternos uma preocupação estética orientada para o espetáculo e a boa compreensão das mensagens proferidas pelos capitães na avenida.

Ainda assim, a pesquisa empírica mostrou que tais ternos possuem congadeiros ou moçambiqueiros que são profundos conhecedores das “tradições” da Festa, sendo inclusive detentores de poder simbólico, e por este fato reconhecidos e referenciados por outros membros da Congada.

A não adequação destes ternos aos conceitos estéticos orientados para o espetáculo somado ao desdém em relação à competição pode representar uma das formas de negação às normas vigentes que regulamentam e institucionalizam a Congada e, por conseguinte, constituem-se ações que afirmam a identidade de alguns ternos em oposição aos organizadores e aos demais ternos da cidade. A partir de tais atitudes, a humildade dos pequenos ternos de congo e moçambique, não é só uma característica econômica de seus integrantes, mas um elo que liga estes atuais realizadores da Festa e remete a seus antepassados, por meio da reatualização de conflitos.

A imagem que representa um acontecimento é a mesma que lhe confere destaque e coloca em pauta discussões ou comentários a respeito daquilo que foi transmitido por meio da tevê. Nesse sentido, os desfiles dos ternos de congo e moçambique, ao serem apresentados são valorizados por meio de transmissões das imagens que representam momentos da Festa de Congada.

### ***Comparação entre as imagens representando os desfiles da Festa de Congada***

Até aqui procedi a análise de cada um dos programas, série de reportagens e desfiles transmitidos nos anos de 2002, 2003 e 2004 que, cada qual ao seu modo, representaram a Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso.

As transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique constituem-se como a principal proposta de programação televisiva realizada tanto pela TV Paraíso como pela TV Sudoeste neste período do ano que abarca as comemorações de Natal e Ano Novo. A observação destas transmissões revelou diferentes formatos e tratamentos de imagem utilizados por estas distintas tevês locais.

Tabela I – Comparação das transmissões da Festa da Congada realizadas pela TV Paraíso em 2002 e TV Sudoeste em 2003 e 2004

<b><i>Transmissões</i></b>	<b><i>TV Paraíso 2002</i></b>	<b><i>TV Sudoeste 2003</i></b>	<b><i>TV Sudoeste 2004</i></b>
<b><i>Qualidade imagens</i></b>	Baixa qualidade técnica das imagens transmitidas	Alta qualidade das imagens transmitidas	Alta qualidade das imagens transmitidas
<b><i>Congo</i></b>	Maior parte das imagens captadas em plano geral e plano americano	Os desfiles dos ternos de congo tiveram suas imagens captadas em plano geral e plano americano.	Os desfiles dos ternos de congo tiveram suas imagens captadas em plano geral e plano americano

<i>Moçambique</i>	Maior parte das imagens captadas em plano geral e plano americano	Maior parte das imagens dos desfiles dos ternos de moçambique captadas em close up, plano aproximado e plano americano.	Os desfiles dos ternos de moçambique tiveram suas imagens captadas em plano geral e plano americano
<i>Comparativo das imagens dos desfiles de ternos de moçambique em relação aos de congo</i>	Imagens dos desfiles passavam a idéia de grandeza por meio do formato e captação realizados	Imagens dos desfiles dos ternos de moçambique não tinham o mesmo brilho e grandeza dos de congo por conta do esquema técnico utilizado para captação das imagens	Imagens dos desfiles passavam a idéia de grandeza por meio do formato e captação realizados
<i>Microfonação</i>	Uso de microfones com fio	Uso de microfones sem fio	Uso de microfones sem fio – falhas
<i>Apresentação e narração da Festa</i>	Apresentador da TV Paraíso limitava-se a falar nos momentos em que a avenida ficava vazia	TV Sudoeste realizou diversas entrevistas concomitantemente aos desfiles dos ternos, principalmente aos de moçambique	Maior parte de entrevistas passaram a serem realizadas durante intervalos entre desfiles dos ternos
<i>Transmissão</i>	Desfiles transmitidos na íntegra	Desfiles parcialmente transmitidos, principalmente o dos ternos de moçambique	Desfiles transmitidos, na grande maioria, na íntegra.
<i>Letreiros</i>	Letreiros com o nome do terno a desfilar foram inseridos	Letreiros com o nome do terno a desfilar foram inseridos – em alguns desfiles o nome no letreiro não correspondia ao terno desfilando.	Letreiros mostraram o nome dos ternos no momento de seu respectivo desfile e em seguida o nome e a imagem do santo homenageado no dia também foram divulgados
<i>Apoio cultural</i>	2 intervalos durante a transmissão dos apoios culturais	Apoios culturais foram inseridos nos intervalos entre os desfiles dos ternos perfazendo aproximadamente 10 inserções	Diminuição da duração e das inserções de apoios culturais – restritos aos intervalos de tempo entre o fim do desfile de um terno e início do próximo

<i>Edição</i>	Pouca alternância de imagens captadas por um número reduzido de câmeras	Aumento da alternância de imagens captadas por aproximadamente 3 câmeras – a transmissão se torna mais dinâmica	Grande alternância de imagens captadas por superior número de câmeras se comparados aos outros anos de transmissão – idéia de dinamismo é passado por meio da edição das imagens
<i>Valorização de momentos específicos à Festa de Congada por meio de imagens</i>	Momentos onde ritos específicos à Congada, como o bailado e a Meia Lua, foram captados em imagens na maioria dos desfiles	Não transmissão das imagens representando tais momentos específicos à Congada para que o apoio cultural fosse veiculado	Transmissão de imagens dos bailados e Meia Lua, mesmo que não representados na íntegra.
<i>ManiFestação de congadeiros e moçambiqueiros em relação ao trabalho da mídia local</i>	Congadeiros e moçambiqueiros agradeceram a presença da mídia	Congadeiros e moçambiqueiros agradeceram a presença da mídia, mas cobram a transmissão completa e a não interferência nos desfiles	Congadeiros e moçambiqueiros agradeceram a presença da mídia

Grandes são as diferenças encontradas entre a utilização técnica de imagens durante as transmissões realizadas em 2002 pela TV Paraíso, 2003 e 2004 pela TV Sudoeste. Podemos deduzir que tais diferenças seriam decorrentes do fato das imagens serem produzidas por distintas equipes de tevês locais, uma vez que elas contam com diferentes equipamentos.

A análise de imagens dos desfiles realizados neste período de tempo indica uma grande diferença entre as imagens das transmissões da Festa de Congada de 2003 e 2004. Compreendemos que a diferença na produção e transmissão de imagens das Festas em 2002, 2003 e 2004 não se deve somente ao fato de tais produções midiáticas serem realizados por tevês distintas, mas outros fatores precisam ser considerados no proceder desta investigação.

Verificamos que em 2002 a TV Paraíso realizou a captura e transmissões das Congadas de maneira que a representação dos desfiles por meio de imagens abarcasse toda a apresentação dos ternos. Desse modo, ainda que as imagens transmitidas não possuíssem alta qualidade, o

conteúdo dos desfiles incluindo desde os momentos de entrada dos ternos na avenida até a realização da “Meia Lua” e dos bailados durante a saída e finalização dos desfiles, foram representados por meio das imagens desta tevê.

As transmissões de imagens dos desfiles dos ternos de congo e moçambique realizadas pela TV Sudoeste durante a Festa de 2003 não cumpriram o papel de representar na íntegra as apresentações. De uma maneira geral, o início e final dos desfiles cederam lugar aos blocos de apoio cultural. No caso das transmissões de imagens dos desfiles dos moçambiques a negligência foi ainda maior, uma vez que dos seis ternos que desfilaram a cada noite da Festa somente os três últimos tinham suas imagens captadas e transmitidas por esta tevê.

Comparando as imagens transmitidas em 2003, que representaram os desfiles dos ternos de congo, às dos desfiles dos ternos de moçambique, observou-se que estas últimas não tinham o mesmo significado de brilho e grandeza tão impregnados às imagens que representaram os desfiles dos congos, devido ao modo de captação das imagens.

Por meio da comparação destas mesmas imagens percebeu-se que esta diferença de significados se deve aos distintos esquemas técnicos utilizados nas suas captações e edições. Durante a captação e transmissão das representações dos desfiles dos ternos de moçambique verificou-se que a maior parte das imagens foram captadas em close up, plano aproximado e plano americano o que permitiu a supervalorização do detalhe em relação ao todo.

A captação de imagens representando os desfiles dos ternos de congo, ao contrário do ocorrido às dos moçambiques, foi realizada por meio da utilização de plano americano e plano geral. Isto fez com que a grandeza dos ternos de congo fossem ressaltadas e valorizadas nas imagens.

Poder-se-ia argumentar a favor do trabalho realizado durante as Congadas de 2003 por esta tevê justificando a utilização de close ups e planos aproximados na captação de imagens dos ternos de moçambique no fato destes ternos serem pequenos em relação aos de congo. Isto, porém, implicaria na maior utilização de planos americano e geral na captação de imagens, representando todos os grandes ternos da cidade, inclusive os dois maiores ternos de moçambique do município, o Santos Dumont e o Diamante, o que também não foi verificado na prática.

Outro fato bastante relevante constitui-se na realização de diversas entrevistas com pessoas não pertencentes ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros durante os desfiles dos

ternos de moçambique de modo que as imagens que representavam estes desfiles foram substituídas pela fala do entrevistado.

A significação diminutiva de tais imagens representando os ternos de moçambique em relação aos de congo pode ser compreendida a partir da contextualização destas em relação aos “processos de conflito ao nível da sociedade global”, como propõe Martín-Barbero (2002) ao tratar da trama ideológica das mensagens.

A TV Sudoeste iniciou seus trabalhos de retransmissão da Rede Minas de TV (canal 31) e geração de programas próprios, com características e preocupações ligadas ao cotidiano de São Sebastião do Paraíso e Região, por meio das transmissões, em caráter experimental, dos desfiles de ternos de congo e moçambique durante as noites da Congada.

O objetivo desta tevê local, declarado aos seus telespectadores durante as transmissões da Festa e dos programas “Mesa Redonda” é de se firmar como expoente na veiculação de notícias e entretenimento para a região do sudoeste mineiro. Para que isso pudesse acontecer grande soma de recursos foram investidos em equipamentos de alta qualidade, pessoal especializado, entre outros.

Existem indícios e denúncias que vinculam a criação desta nova tevê local à ação de poderosos grupos políticos da região, que estariam encobertos sob a criação de uma Fundação, cujos fins declarados ao público restringem-se ao caráter educativo.

Estes fatos somados ao conteúdo da proposta de modificação do esquema de realização e julgamento dos desfiles dos ternos de congo e moçambique, proferido pelo apresentador Tadeu Pedroso durante o último programa da série Mesa Redonda permite o vislumbre de ações que poderiam ter por fim último subjugar a Congada em relação aos interesses políticos e econômicos dos fundadores e mantenedores desta tevê, e por conseguinte da própria administração municipal até aquele momento vigente.

Martín-Barbero (2002, p. 56), citando Mattelart nos diz que investigar a rede semântica, a estrutura significativa do plano ideológico de qualquer mensagem requer o estudo e a análise do princípio de organização a partir do qual uma classe social constrói seu discurso e por meio deste converte em projeto comum seu projeto particular, mascarando sua dominação ao desvincular este projeto das relações sociais de produção que o sustentam.

Como anteriormente verificado, o discurso textual e imagético proferido em 2003, durante as transmissões dos desfiles da Congada, tentou infletir a realização de alterações no

atual modelo de desfiles que formata a Festa como um todo. Para tanto, foram proporcionados aos telespectadores imagens que pouco contemplavam as representações dos desfiles dos ternos de moçambique, para que estes pudessem ter a experiência de assistir às transmissões de imagens dos ternos de congo desacompanhados das imagens dos desfiles de moçambique.

As sugestões proferidas durante o programa “Mesa Redonda” de 31 de dezembro de 2003 atribui características de espetáculo à Festa sugerindo mudanças que permitam que

“no primeiro dia só desfilariam na passarela cinco ternos, no segundo dia outros cinco, no terceiro dia, outros cinco, nessa fase dos três primeiros dias seria classificatória, classificariam três ternos de cada dia, no quarto dia desfilariam os nove classificados, e no quinto dia já apresentaria o desfile dos campeões, o primeiro, segundo e terceiro dos congados e o primeiro e segundo dos moçambiques.”

Os benefícios advindos de tais mudanças seriam, segundo as palavras do próprio apresentador: “nós ganharíamos tempo e a parte religiosa e folclórica poderia ser feita, ser apresentada durante o dia. Eu achei essa sugestão fantástica.”

Mais que um meio de comunicação de grande alcance, preocupado em oferecer entretenimento e informação aos seus telespectadores, a tevê guarda características de instância social que destaca e legitima diálogos, temas de discussão, pautas e assuntos dos mais diversos perante o conjunto da sociedade.

O fato da sugestão de alterações no formato da Festa ser transmitida por meio da TV Sudoeste faz com que tal proposição passe a ser de conhecimento público e, concomitantemente, ganhe legitimidade, enquanto reivindicação da tevê como instância que se quer, ao menos em teoria, representativa dos anseios de seu próprio público. Deste modo, a tevê, enquanto meio de comunicação, tenta exercer, de maneira implícita, o poder da representatividade em relação a seus telespectadores.

O exercício deste poder é tanto maior quanto a capacidade do dominante, aqui no caso o detentor e mantenedor de fato desta tevê local, de articular significados, por meio dos quais seus interesses particulares, e por conseguinte, os daqueles que ocupam a sua situação de classe, são convertidos e apresentados enquanto interesses e projetos necessários ao bem

comum. Tal exercício de poder é mais eficiente na medida em que as diferenças, conflitos e principalmente a dominação entre classes sociais distintas são encobertas pelo próprio processo de articulação de significados, também denominado hegemonia, segundo a teoria gramsciana.

A tentativa de modificar o modelo de desfiles seguido pelos ternos de congo e moçambique durante a Festa da Congada desde a década de 1970 seria parcialmente compreendida por meio da análise da ideologia que norteou a formatação de um discurso textual e imagético que visa exercer dominação, ou seja, hegemonia destes produtores midiáticos em relação aos congadeiros e moçambiqueiros.

A compreensão seria parcial pois as mudanças “sugeridas” entram em conflito com algo específico aos congadeiros e moçambiqueiros, conflito que merece ser levado em consideração nesta análise, por ajudar a compreender porque a concretização de tais proposições não foi aceita pelo grupo.

Pela lógica capitalista as modificações sugeridas poderiam fazer com que os desfiles se tornassem monumentais eventos turísticos. Poderia, assim, haver, ainda segundo esta lógica, possibilidades para que as transmissões televisivas buscassem a tão almejada e cobrada “novidade” em relação aos desfiles e, principalmente, a plena transformação dos desfiles em espetáculos<sup>52</sup>.

Aos congadeiros e moçambiqueiros tais preocupações somente são pertinentes enquanto parâmetro para negociação de conflito entabulado em relação aos interesses dos representantes da Prefeitura Municipal, comerciantes, e representantes da mídia local.

As reais preocupações do grupo estão vinculadas ao sistema simbólico que ordena e dá significado específico à realização da Congada. Isso ajuda a explicar as resistências de muitos congadeiros e moçambiqueiros, principalmente aqueles que ascenderam na hierarquia do grupo, em relação ao concurso e outras mudanças e intromissões estranhas à “tradição” da Festa.

O sistema simbólico ordenador da sociedade burguesa capitalista tem os objetos (em forma de mercadorias) como mediadores da ampla maioria das relações sociais concretizadas, assumindo a forma de troca. Já o sistema simbólico ordenador da Congada tem o sagrado e o segredo como os grandes mediadores de relações sociais entabuladas entre os “tradicionais” congadeiros e moçambiqueiros.

Toda vez que grandes interferências são propostas ou até mesmo impostas por pessoas alheias ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros para a realização da Congada, acontece não somente um processo de tentativa do exercício de hegemonia, mas, concomitantemente, um processo de conflito entre sistemas simbólicos distintos, onde um grupo tenta realizar violência simbólica sobre outro.

Não existe dominação total dentro de processos de hegemonia, uma vez que a resistência dos grupos dominados é também inerente ao próprio processo. Isso, segundo Caldeira (1989, p. 17) pode ser explicado pelo fato dos “significados dominados não serem apagados mas reproduzidos com a reprodução da estrutura. Conseqüentemente, a dominação (hegemonia) não é total, mas sempre incompleta”

Por meio deste estudo percebemos que o grupo de congadeiros e moçambiqueiros consegue manter parcialmente o domínio da administração do sagrado. Este grupo se mantém por meio de uma estrutura hierárquica autônoma, que se reproduz mantendo padrões de relações sociais ordenadas por um sistema simbólico específico.

O princípio organizativo da hierarquia deste campo se centra na posse e utilização de conhecimentos próprios ao sistema simbólico que circunscreve a “tradição” e religiosidade específica à Congada. Tais conhecimentos são restritos à esfera do segredo, muito comum às tradições e seitas afro-descendentes e que se constitui enquanto sistema de dotes e contra-dotes (Bastide, 1971), geralmente usados em relações de conflitos entre os próprios pertencentes aos grupos ou em relações de conflito envolvendo um grupo e representantes da sociedade mais geral.

No caso aqui analisado, a posse do segredo somada à utilização de poder simbólico por pessoas que ascenderam na hierarquia constituinte do grupo, são estratégias desenvolvidas que visam proteger o próprio processo de reprodução social da Festa da Congada enquanto manifestação tão *sui generis*.

Congadeiros e moçambiqueiros, enquanto integrantes da sociedade capitalista, vivenciam experiências cotidianas comuns aos ocupantes de baixos estratos sociais cuja situação de classe se caracteriza pela dominação em relação aos articuladores de significados que detém meios necessários para converter seus interesses particulares em projetos que se auto-proclamam necessários ao bem comum.

---

<sup>52</sup> Ainda segundo Martín-Barbero, espetáculos não são conjuntos de imagens, e sim relações sociais mediadas por

Deste modo, congadeiros e moçambiqueiros, por ocuparem situação de classe inferior aos detentores do poder político-econômico do município, tenderiam, segundo uma análise menos acurada da ação dos meios de comunicação local, a estar fadados somente a receber mensagens, ocupando assim a posição de receptores das mesmas. Seguindo esta linha de raciocínio, poderíamos ainda afirmar que tais mensagens possuiriam seus significados articulados somente a partir da ideologia capitalista hegemônica, por ser justamente esta a ideologia capaz de transformar suas aspirações em projetos que se dizem em benefício dos mais amplos setores da sociedade.

A pesquisa de campo realizada junto aos congadeiros e moçambiqueiros permitiu que se vislumbrasse o quanto a análise dos produtos midiáticos que representam a Congada depende da compreensão aprofundada das relações sociais das quais a Festa é seu resultado. Isto porque, uma análise simplista, como a esboçada anteriormente, conduziria a interpretações que não explicam as alterações de forma e conteúdo observadas nos programas televisivos que se propõem a representar a Festa.

Congadeiros e moçambiqueiros se mantêm enquanto guardiões de conhecimento e poderes específicos e, por meio destes conseguem, anualmente durante os seis dias de Festa, articular e proferir mensagens cujos significados expressam e valorizam os mitos e ritos próprios da Congada.

A viabilidade para que tais significados sejam proferidos por meio da Festa centra-se no fato de tais conhecimentos constituírem um sistema simbólico específico que circunscreve a própria existência da Congada enquanto estrutura cuja reprodução social se realiza de maneira distinta à reprodução social da estrutura capitalista.

A Congada é constituída de inúmeros elementos significantes como as vestimentas, os movimentos cadenciados dos corpos dos congadeiros e moçambiqueiros, o som dos instrumentos e do canto, as imagens estampadas nas Bandeiras, entre outros.

O homem em suas relações sociais ou mesmo em contextos representacionais estabelece vínculos entre os significantes e seus correspondentes significados. Os vínculos estabelecidos socialmente entre significante e significados tendem a se reportar aos instrumentos do conhecimento e da comunicação que circunscrevem os diferentes sistemas simbólicos presentes numa dada sociedade. Desse modo um significante pode assumir diferentes significados

---

imagens , bem como mercadorias são relações sociais mediadas por objetos (2002, 98).

conforme o sistema simbólico ao qual cada indivíduo, em sua prática cotidiana, mais comumente se reporta para compreender aquela experiência.

Um mesmo indivíduo pode compreender um significante a partir de distintos sistemas simbólicos, o que permite que diversos significados sejam alcançados para ele. Este fato é muito corriqueiro entre alguns congadeiros que são capazes de, por exemplo, articular um tipo de compreensão sobre a Festa da Congada, que é específica e se reporta ao sistema simbólico próprio da Festa, sem deixar de compreender os significados econômicos e políticos que esta mesma Festa assume para os agentes que não pertencem ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros.

Esta prática secular permite que os próprios congadeiros e moçambiqueiros, ao serem interpelados sobre a Congada, forneçam explicações sobre eventos ali realizados, cujos significados sejam mais próximos e inteligíveis àqueles que os questionaram. Este mesmo recurso é utilizado nas negociações entabuladas entre congadeiros e moçambiqueiros e os representantes da Prefeitura, Igreja, comerciantes, *mídias*, nas quais as justificativas usadas em negociações, reivindicações e conflitos tenderiam a assumir como eminentemente suas as preocupações vinculadas a aspectos e ordens de interesses não vinculados ao sistema simbólico específico à Congada.

Há alguns anos a Prefeitura deseja contruir um “Congódromo”, ou seja, um local destinado aos desfiles dos ternos de congo e moçambique durante a Congada. Esta proposta vem sendo reiteradamente negada pelos congadeiros e moçambiqueiros que alegam não desejar que a Festa saia do local ao lado da Igreja Matriz. O principal motivo alegado pelos congadeiros para a não construção do “Congódromo” destaca a localização estratégica da Igreja Matriz no centro da cidade, uma vez que isto garante facilidade de acesso tanto para os ternos como para o público presente nas noites da Festa.

Existem, porém outros motivos para que congadeiros e moçambiqueiros não apoiem esta ação da Prefeitura. Um deles é a importância da presença física das Bandeiras dos seis Santos da Congada, hoje hasteadas ao lado da Matriz, para a realização dos desfiles. Como este é um fator julgado irrelevante para a realização dos desfiles na concepção da Prefeitura, outros motivos, são apresentados pelos congadeiros e moçambiqueiros para justificar a permanência da Congada ao lado da Igreja Matriz.

Este exemplo acima demonstra a grande habilidade desenvolvida ao longo do tempo pelos integrantes do grupo realizador da Congada para justificar suas ações em explicações pertinentes para quem irá ouvir tais respostas.

Em 2003, assim como em 2004, após a finalização da transmissão de cada desfile de terno de congo, o respectivo capitão foi entrevistado por repórteres da TV Sudoeste. Questionados sobre quais novidades foram apresentadas pelo seu terno durante o desfile recém finalizado, os capitães em geral fornecem respostas que reafirmam os valores da sociedade mais geral, por meio do próprio discurso da novidade.

Existe uma tendência do senso comum de perceber as novidades como algo que carrega um valor positivo e seria fruto direto da modernidade, portanto do desenvolvimento acarretado pela ciência e tecnologia. Tal percepção está fundada na ideologia capitalista<sup>53</sup>.

Quando o discurso da novidade é assumido por congadeiros e moçambiqueiros, as pressões exercidas pelos representantes da mídia, por meio de suas perguntas em entrevistas com membros deste grupo, são minimizadas. Estas respostas proferidas por membros do grupo às entrevistas permitem que os telespectadores compreendam a Festa por meio de significados que se reportem ao sistema simbólico hegemônico na sociedade.

O fato de congadeiros e moçambiqueiros assumirem, em determinados momentos, um discurso menos condizente com a “tradição” da Congada pode ser compreendida como mais um modo de proteger e, até mesmo fortalecer a Festa diante da sociedade mais geral que assume o papel de público durante os dias de sua realização.

As análises realizadas a partir da pesquisa de campo permitem compreender que a Congada concebe modos de específicos de vivenciar o tempo que é cíclico, onde a preocupação com inovações e novidades não possuem sentido em si, mas somente na articulação desse grupo em relação às exigências provenientes da sociedade mais geral.

A concepção cíclica do tempo vivenciado pelos integrantes da Festa não impede que mudanças significativas aconteçam na Congada, porém, os acontecimentos específicos ocorridos no interior de ternos como a mudança de capitães, a sucessão das lideranças por alternância de gerações, os conflitos e alianças estabelecidos entre os ternos, o resgate de

---

<sup>53</sup> Tanto o capitalismo como a ideologia que lhe é tributária se reportam a um sistema simbólico mais amplo pautado no desenvolvimento da ciência, autonomização do campo da arte e, principalmente, no processo de desencantamento do mundo operado pelas Igrejas ditas universais.

“tradições”, acontecem perante o público mas pouco repercutem na mídia enquanto notícia ou ‘novidade’.

Outros canais alternativos permitem que tais acontecimentos se tornem de conhecimento geral entre os integrantes do grupo de congadeiros e moçambiqueiros. As conversas de vizinhança, as reuniões e Festas familiares e, até mesmo os comentários são meios cotidianos que eficientemente propagam informações das mais diversas, dentre elas as que dizem respeito à Congada.

Este exercício de contar e recontar versões de fatos sobre a Festa, incluindo desde os eventos mais antigos até os mais recentes acontecimentos, exercita a memória coletiva do grupo de congadeiros e moçambiqueiros e permite que os distintos significados que a Festa assumiu no passado, confrontados ao significados hoje negociados e assumidos sejam compreendidos pelos próprios integrantes do grupo.

Se em 2003 congadeiros e moçambiqueiros foram pressionados e coibidos pelos discursos proferidos por representantes da mídia a apresentar algum tipo de inovação durante a Festa; no ano subsequente, as inovações passaram a ser apresentadas aos telespectadores por meio de mudanças no formato e conteúdo dos próprios programas que representaram a Congada.

Em 2004 a TV Sudoeste trouxe para seus telespectadores novos tipos de programas sobre Congadas. Além da já esperada transmissão dos desfiles de ternos de congo e moçambique, e dos programas “Mesa Redonda”, esta tevê local produziu uma série de reportagens sobre a Festa que contou com a participação e entrevistas de membros do grupo de congadeiros e moçambiqueiros do município.

Para a realização da série especial de reportagens sobre a Congada os produtores midiáticos tiveram a oportunidade de escutar diversos relatos e lendas sobre a Festa, além de ter acesso aos espaços privados de famílias congadeiras e moçambiqueiras.

A série de reportagens foi composta pela edição trechos de entrevistas feitas com diversos congadeiros e moçambiqueiros, os simbólicos Rei Congo, Rainha Conga e Rainha Perpétua, historiadores, padres.

Por meio das entrevistas percebe-se que os integrantes do grupo de congadeiros e moçambiqueiros, mesmo sendo “mais simples” em relação aos demais entrevistados, possuem fartos conhecimentos sobre o passado de escravidão de seus antepassados. Este fato demonstra a força da “tradição” da Congada que consegue fornecer conhecimentos referentes ao passado

de escravidão no Brasil, contando e recontando por meio da oralidade a “história dos vencidos” deste país.

A iniciativa da TV Sudoeste em 2004 de resgatar e transmitir imagens representando a Festa de Congada de 1984, durante a apresentação da série de reportagens especiais sobre a Festa, contribuiu para estimular o exercício do contar e recontar fatos do passado específico ao grupo de congadeiros e moçambiqueiros.

A tônica das reportagens foi a valorização da Congada enquanto manifestação da religiosidade popular que preserva as raízes africanas trazidas há muito tempo pelos então escravos. Esta mesma linha editorial tendeu a nortear as ações dos produtores midiáticos para a produção dos programas “Mesa Redonda” e transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique.

As transmissões dos desfiles da Congada em dezembro de 2004 proporcionaram uma maior valorização dos elementos ligados às religiosidades desenvolvidas durante a Festa. Notou-se que à cada noite as transmissões eram iniciadas e finalizadas com imagens que representavam a chegada e saída dos andores levando o santo a ser homenageado durante o desfile.

Após a captura e transmissão de imagens representando a entrada do desfile de cada terno na avenida eram inseridos letreiros contendo o nome do respectivo terno e, em seguida fotografias das imagens do santo da congada homenageado naquela data.

Poucas foram as intromissões do narrador durante a transmissão das orações proferidas pelos capitães durante seus desfiles, independentemente de se tratar de um terno de congo ou moçambique.

Em geral os desfiles foram transmitidos na íntegra e tenderam a representar tanto os momentos de chegada como os de saída dos ternos na avenida. Assim, os bailados e a “Meia Lua” de cada terno foram também representados em imagens.

O aumento no número de câmeras usadas na captura das imagens dos desfiles proporcionou uma maior opção de ângulos a serem transmitidos para os telespectadores. Isso foi somado a um maior dinamismo na edição proporcionado pela diminuição do intervalo de tempo de captura de cada ângulo e aumento dos cortes de modo que uma cena capturada se relacionasse com a próxima apresentada e assim por diante.

O resultado de todo este esforço de busca por informações sobre as Congadas, somado à utilização de recursos técnicos de alta qualidade, agradou o público em geral proporcionando a consolidação dos trabalhos desta retransmissora-emissora local perante os telespectadores.

Para tanto, a articulação e participação de congadeiros e moçambiqueiros foi fundamental tanto para o enriquecimento das informações que compuseram a série de reportagens, como enquanto parâmetro de crítica e sugestões apresentadas durante os programas “Mesa Redonda”.

## Conclusões

### **Proposta para uma compreensão aprofundada acerca da composição de imagens que representam a Festa da Congada de São Sebastião do Paraíso**

A realização desta pesquisa permitiu verificar que tanto fotógrafos como equipes de transmissão de tevê estão diretamente expostos à uma relação direta com às expectativas seus respectivos contratantes, diretores de redação ou de emissoras. Essa relação onde o contratante aparentemente é o único determinante do resultado do trabalho ou serviço dos produtores e técnicos responsáveis pela elaboração de imagens deixa transparecer parte da estrutura do mercado dos meios de comunicação em geral.

Porém, o processo de composição dessas imagens não leva em consideração somente os gostos daquele que é o contratante; normalmente tais produtos entram em contato direto com o público o que permite a existência de influências advindas também por parte deste.

Deste modo, os congadeiros e moçambiqueiros podem ser considerados a um só tempo, produtores dos ritos que compõem os desfiles dos ternos, portanto referente das imagens da Congada e, parte do público destinatário das imagens que representam a Festa.

A experiência cotidiana desse grupo, assim como dos demais, é capaz de balizar e desenvolver capacidades visuais próprias e específicas que acabam por se tornar parte importante das representações imagéticas realizadas por fotógrafos e equipes técnicas de tevê a partir dos acontecimentos referentes à Festa de Congada.

Isso faz com que acabe por transparecer um sentido de grandiosidade da comemoração festiva e dignidade de seus dançantes nas fotografias e imagens em movimento que representam a Festa de Congada.

Há que se perguntar, tendo em vista o processo histórico brasileiro de escravidão e conseqüente racismo, qual a razão deste tipo de representação valorativa ganhar espaço na mídia em contraste com outros tantos exemplos de desvalorização da imagem do negro, como as que nos mostra Brandão (2000).

Para responder a essa questão se faz necessário retomar de maneira mais acurada o processo de elaboração e constituição desta Festa percebendo como a relação conflituosa de poder entre distintos grupos presentes e envolvidos direta ou indiretamente com a Festa permitiu a abertura de lacunas no tecido social por meio das quais o grupo de congadeiros e moçambiqueiros conquistou legitimidade e respeito perante o público para com suas tradições seculares, primeiramente no espaço público e posteriormente no espaço *mediático*.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu a compreensão da Congada de São Sebastião do Paraíso enquanto Festa realizada por um grupo formado por congadeiros e moçambiqueiros hierarquicamente organizados. Este grupo estruturado elabora secularmente estratégias por meio das quais consegue para si o uso e administração de alguns elementos considerados sagrados e geralmente resguardados e reservados somente a sacerdotes oficiantes como padres e bispos.

O mito fundador e orientador da Congada é fruto da imbricação e articulação de sistemas simbólicos distintos vinculados à Igreja Católica e, concomitantemente, às “tradições de origem banto”. Seu conteúdo está circunscrito à memória coletiva e constitui um relato referente a um passado longínquo e misterioso que representa a estrutura do grupo, reflete a formação das autoridades e, principalmente, as regras da vida comunitária.

Por tudo isso o relato mítico pode ser compreendido enquanto instrumento (estruturado e estruturante) de comunicação e de conhecimento sobre o mundo, segundo Bourdieu (1986) denominado sistema simbólico. Este sistema de classificação ou sistema simbólico pertence à esfera da “tradição” e do segredo e o seu conteúdo permite que congadeiros e moçambiqueiros compartilhem de uma mesma compreensão a respeito do sentido do universo.

Os mitos geralmente apresentam-se intimamente ligados a ações motoras rituais. A realização da Festa de Congada permite, por meio de seus rituais específicos, que congadeiros e moçambiqueiros periodicamente acessem os conteúdos da memória coletiva do grupo, conforme a hierarquia onde cada indivíduo está inserido e os segredos que lhe foram revelados. Desse modo os rituais cumprem o papel de suporte por meio do qual ocorre a expressão, reelaboração e reprodução social da memória coletiva.

A pesquisa de campo revelou que além de todo o esplendor estético dos desfiles dos ternos de congo e moçambique existe uma estrutura social hierarquizada, cujos integrantes comungam do mesmo sistema simbólico. A Festa de Congada constitui-se um meio de

preservação e recriação de “tradições”, valores e padrões culturais que necessitam ser compreendidos a fim de se verificar as dimensões das relações de negociação estabelecidas entre congadeiros e moçambiqueiros e os produtores de bens culturais da mídia.

Os desfiles realizados para o concurso que anualmente elege o melhor terno de congo e moçambique da Congada de São Sebastião do Paraíso acontecem nas noites entre os dias 26 e 30 de dezembro e não seguem a obrigação cerimonial expressa pelo mito fundador da Festa. A organização expressa pelo relato mítico fundador da Festa justifica a dita “santidade” dos moçambiques, estabelecendo a hierarquia e, por conseguinte, a obrigação dos ternos de congo de proteger e abrir os caminhos dos moçambiques. Para que tal obrigação cerimonial se concretize se faz necessária a organização de cortejos onde tradicionalmente um terno de congos segue à frente de um terno de moçambique. Por meio desta pesquisa não foi possível determinar o motivo pelo qual os desfiles dos ternos de moçambique acontecem anteriormente aos de congo durante os desfiles nas noites da Festa da Congada.

No passado, segundo a fala da Rainha Conga, Genuita Pereira de Paula em entrevista para a TV Sudoeste transmitida ao longo da segunda Reportagem da Série Especial sobre as Congadas no dia 27 de dezembro de 2004, “não existia competição. Sempre teve desfile, mas não tinha competição. Passava ali por uma obrigação”. Depreende-se desta fala a informação de que quando a Festa era organizada e mantida somente pelos congadeiros e moçambiqueiros, sem a institucionalização da Festa por parte da Prefeitura, os ternos seguiam em cortejo até a Praça da Matriz por “obrigação” ritual na esfera do campo tradicional, vinculada à religiosidade expressa nas Bandeiras cerimonialmente expostas ao lado desta Igreja e aos santos ali homenageados. Os cortejos eram organizados pelos próprios congadeiros e moçambiqueiros de maneira a seguir a obrigação “tradicional” desta Congada, por meio da qual ficava estabelecido que ternos de congo escoltem e abram o caminho para ternos de moçambique.

Com a institucionalização da Festa de Congada realizada pela Prefeitura Municipal na década de 1970, iniciou-se o processo pelo qual tal Festa foi transformada em evento de grande repercussão regional. Esta repercussão deve-se tanto à ação da indústria turística quanto à representação e concomitante promoção da Congada por meio da mídia local.

Tanto a formatação atual do concurso entre ternos seguindo modelo hegemônico desenvolvido por outras Festas e manifestações populares brasileiras como o Carnaval, quanto o não seguimento da obrigação cerimonial da ordenação dos desfiles de terno de congos sempre

à frente do moçambique, expressam a transformação desta Festa de Congada em evento e, porque não dizer, espetáculo<sup>54</sup>.

A análise de matérias veiculadas na imprensa local tratando da Festa de Congada ao longo do período desta pesquisa permitiu verificarmos a utilização de imagens fixas enquanto espaço de representação visual da Festa. Os sentidos destas fotografias foram alcançadas por meio do estudo e contextualização das mesmas em relação aos próprios acontecimentos relativos à Festa e às outras matérias veiculadas na mídia impressa e televisiva.

Verificou-se que em algumas matérias a seleção e impressão de uma determinada fotografia abria espaço para que a atenção do leitor se voltasse para um aspecto específico tratado no decorrer do texto, como por exemplo, na matéria “Falta pouco para a Festa” publicada no dia 24 de dezembro de 2003 na Gazeta do Sudoeste, a falta de definição da fotografia publicada parece indicar aos leitores mais cuidadosos um alerta quanto a algumas informações textuais ali presentes.

A análise da narrativa visual alcançada pela edição e publicação de três fotografias compoem a matéria “Congadas 2003” publicada no dia 31 de dezembro de 2003 na Gazeta do Sudoeste, também permitiu-nos refletir sobre o papel das imagens fotográficas. Se por um lado, as fotografias abrem espaços de visibilidade para fatos ocorridos fornecendo credibilidade aos eventos representados por meio da própria imagem publicada ou de relatos textuais da matéria, por outro, as fotografias constituem-se um modo de expor acontecimentos, pondo estez em evidência e fazendo com que assumam o papel de “peça publicitária” capazes de divulgar e atribuir símbolos positivos, no caso analisado, ao município e, conseqüentemente às empresas de mídia locais.

Na publicação “Um devoto da cor”, veiculado no *Sudoeste B* do Jornal do Sudoeste de 02 de dezembro de 2004, percebemos que a fotografia editada e publicada dá visibilidade ao entrevistado, o capitão do terno de congo Angolas, Fernando Antônio Gonçalves. Esta imagem fotográfica consegue atrair o olhar e, por conseguinte, a atenção do leitor para a entrevista que transmite a idéia de integridade por meio da postura assumida pelo fotografado e representada na foto.

Foi verificada também uma certa proximidade entre o trabalho da imprensa escrita e o da televisiva no que diz respeito ao conteúdo e tratativa dispensados pelos produtores

---

<sup>54</sup> Enquanto, segundo Martín-Barbero, uma relação social mediada por imagens (2002, p. 98).

mediáticos às representações dos desfiles da Congadas. A análise das reportagens impressas e das transmissões televisivas dos desfiles e, principalmente dos programas “Mesa Redonda” de 2003, revelou que tais informações textuais e imagéticas veiculadas pela maior parte das empresas midiáticas locais apresentavam-se impregnadas por interesses econômicos e políticos que visavam expor e promover a Festa de Congada como o principal evento turístico da região.

As transmissões televisivas dos desfiles de terno de congo e moçambique durante a Festa da Congada acontecem durante aproximadamente cinco horas quase ininterruptas por dia de 26 a 30 de dezembro de cada ano. Tanto a TV Paraíso como a TV Sudoeste, ambas tevês locais afiliadas à Rede Minas de Televisão, reconhecem que se manter à frente na preferência dos seus telespectadores em relação às outras emissoras de tevê aberta com seus especiais de fim de ano durante todo este período de transmissão é tarefa quase impossível.

A atual formatação da Festa de Congada estipula que os desfiles dos ternos sejam iniciados pela apresentação dos seis ternos de moçambique em ordem aleatória conforme sorteio. A duração diária dos desfiles dos moçambiques é de 15 minutos para os quatro menores ternos e 25 minutos para os dois maiores, o que soma aproximadamente 2 horas de desfile.

A apresentação dos ternos de congo tem início às 21:30h sempre com a apresentação do terno Caçulas de Paraíso (composto por crianças organizadas por uma professora), cujo desfile perfaz o período de 15 minutos. Somente então, às 21:45h iniciam-se os desfiles dos demais ternos de congo. Coincidentemente, este é aproximadamente o horário em que as grandes emissoras de tevê aberta brasileiras finalizam as transmissões de seus programas diários de grande audiência tais como novelas e telejornais e iniciam a transmissão de programas que, por conta da proximidade das Festas de final de ano, geralmente têm como tema o Natal e *Réveillon*.

O fato da transmissão dos desfiles dos ternos de congo não coincidir com os programas diários de grande audiência realizados pelas demais tevês abertas, permitiu que ao longo dos anos, as representações destes desfiles, consideradas símbolo de identidade que representa a cidade de São Sebastião do Paraíso por meio de desfiles esteticamente atraentes fossem responsáveis por atrair telespectadores para a programação local neste período do ano. Desse modo, tanto a TV Paraíso como, mais recentemente, a TV Sudoeste, vêm se aproveitando da atual formatação da Festa de Congada para atrair telespectadores, por vezes realizando

concorrência no nível local às grandes emissoras de televisão aberta. Devemos lembrar aqui que o fato das duas tevês serem retransmissoras da Rede Minas de Televisão, que é pública configura uma situação específica bem diversa de programação de uma grande rede de tevê aberta.

A *mídia* local emerge de uma série de relações e articulações políticas e econômicas, muitas vezes encobertas, mas que puderam ser minimamente rastreadas. Apesar de parcial, a contextualização dos eventos de *mídia* em relação ao panorama político e econômico local permitiu a compreensão de parte das tentativas de influenciar a realização da Congada e, permitiu também perceber negociações realizadas pelos produtores *midiáticos* e o grupo dos congadeiros e moçambiqueiros ao longo do período estudado.

A análise comparativa das imagens representando os desfiles de ternos de congo e moçambique transmitidas nos anos de 2002, 2003, 2004, contextualizadas em relação aos acontecimentos políticos e econômicos do município possibilitou a identificação de interesses díspares que visavam infletir na própria realização da Festa da Congada.

Os trabalhos realizados em 2002 pela TV Paraíso são frutos de aproximadamente dez anos de experiência desta tevê local na cobertura da realização desta Festa. As transmissões dos desfiles da Congada na íntegra por aproximadamente cinco horas por dia deram visibilidade as representações dos desfiles dos ternos de congo e moçambique de modo a permitir ao telespectador acompanhar na íntegra todas as apresentações contemplando as orações e cantos proferidos na avenida pelos capitães dos ternos, os bailados de chegada e saída dos ternos.

Os comentários realizados pelo narrador e repórteres desta tevê local se restringiram aos momentos entre o fim de um desfile e início do próximo, quando a avenida permanece sem nenhuma apresentação. Os dois blocos de apoio cultural se restringiram ao período entre o fim dos desfiles dos ternos de moçambique e o início das apresentações dos ternos de congo.

O conteúdo das imagens dos desfiles de 2002 demonstra que esta tevê local objetivou realizar a captura e transmissão da Congada utilizando ao máximo seus precários recursos tecnológicos, porém realizando poucas intromissões na narrativa e no conteúdo de tais representações.

A TV Sudoeste, ao iniciar seus trabalhos por meio da transmissão experimental de imagens dos desfiles da Congada em 2003, procurou inovar na formatação, narrativas e

esquemas técnicos utilizados na captura e edição de imagens representando a Festa. Inovou também na realização dos programas de debates sobre a Congada intitulados “Mesa Redonda”.

A princípio a alta qualidade técnica das imagens desta tevê, proporcionadas pelo uso de equipamentos da era digital, encantou telespectadores, dentre eles congadeiros e moçambiqueiros que vislumbraram a possibilidade de transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique que representassem a magnitude alcançada pelos mesmos na avenida.

O conteúdo de tais imagens, porém, foi motivo de muitos protestos por parte dos congadeiros e moçambiqueiros realizados durante os desfiles e, protestos estes também transmitidos ao vivo pela própria TV Sudoeste. Numa transmissão desse tipo, os produtores midiáticos não detêm o poder de controle sobre as atitudes e o conteúdo das falas daqueles que empunham microfones na frente das câmeras.

A realização de transmissões ao vivo de manifestações culturais tradicionais geralmente é regida por relações de negociação onde ambas as partes implícita e informalmente concordam em agir de modo a se beneficiarem mutuamente: no caso de São Sebastião do Paraíso os congadeiros e moçambiqueiros adquiriram, por meio das transmissões de imagens que representam seus desfiles, espaço *midiático* que confere legitimidade para a realização da Festa e exercício das “tradições” e religiosidade ali desenvolvidas. Concomitantemente, as empresas de *mídia* visam atrair o maior número de telespectadores locais por meio da inclusão de representações de estruturas e bens simbólicos tradicionais e identitários deste município em sua grade de programação especial veiculada no período entre o Natal e o Ano Novo.

A formatação e conteúdo das transmissões dos desfiles dos ternos de congo e moçambique realizadas pela TV Sudoeste em 2003 tenderam a desrespeitar aspectos importantes referentes à “tradição” e religiosidade específicos ao desenvolvimento da Congada. Com isso, alguns capitães exerceram o poder de protesto perante o público presente nas arquibancadas e telespectadores que acompanhavam a representação dos desfiles por meio do trabalho desta tevê local. Este conflito foi travado entre os produtores midiáticos e o grupo de congadeiros e moçambiqueiros, ao vivo, diante dos telespectadores desta tevê local.

As empresas de mídia tendem a reivindicar para si a possibilidade de agir enquanto representantes autênticos de seus telespectadores, tentando fazer crer por meio de mensagens veiculadas em seus programas, que seus interesses são, em essência, os mesmos de seu público.

Este tipo de ação fundamenta e abre possibilidade para que processos de hegemonia sejam operacionalizados por meio de tais empresas.

A análise das transmissões e programas representando as Congadas revelou que a TV Sudoeste esboçou este tipo de comportamento durante o programa Mesa Redonda de 31 de dezembro de 2003, por meio da proposta de preparação de dossiê declarada pelo apresentador Tadeu Pedroso:

“Pelo nosso telefone 35317273, várias pessoas já nos ligaram durante todo esse período desses dias e várias delas dando sugestões. Todos dizem e são unânimes, ao que se propôs, a Congada de Paraíso está evoluindo dia a dia e está de parabéns os organizadores, parabéns os congadeiros, mas cobram também, o povo está cobrando também para que os ternos alternem, para que os ternos não só participem dos desfiles no calçadão, que eles participem da vida religiosa, da cultura, do folclore, da Congada, homenageando os santos, cultuando os santos padroeiros dos dias, levando e trazendo reis e rainhas cumprindo promessa, está certo, porque a crença também mudou muito e eles cobram muito isso. Aliás, nós estamos até preparando um dossiê, fazendo uma síntese de tudo o que foi sugerido para aqui para nós para que a gente possa colaborar com, corroborar com a Comissão, com as Congadas, com os congadeiros, para que eles analisem essas sugestões”.

A TV Sudoeste anunciou o preparo e a síntese do conteúdo de um dossiê justificando tal iniciativa nas supostas exigências e sugestões que seus telespectadores enviaram à emissora. Grandes empresas de tevê também utilizam esta forma de proferir discurso em nome de uma determinada “opinião pública”, sempre tomando o cuidado de encobrir o processo de hegemonia desta maneira operacionalizada.

Para que este tipo de ilusão se processe é de extrema necessidade que durante a veiculação de sua programação as opiniões, comentários e perguntas realizadas por entrevistados, telespectadores e, no caso analisado neste trabalho, produtores de manifestações popular, não critiquem abertamente os trabalhos, interesses e ações dos produtores midiáticos e dos programas veiculados por meio da empresa de mídia.

Em 2003, foram diversos os momentos em que congadeiros e moçambiqueiros criticaram o conteúdo das imagens transmitidas pela TV Sudoeste que representaram os desfiles da Congada. A ocorrência de tais críticas não permitiu a esta tevê local se fazer crer enquanto instância representante da “verdadeira” opinião de seu público telespectador.

Na verdade a proposta da TV Sudoeste sugeria a alteração de horários e formatação dos desfiles de modo mais conveniente à grade de programação da tevê. A idéia não vingou devido às reações de congadeiros e moçambiqueiros.

A reação da TV Sudoeste diante das críticas a respeito do conteúdo e forma de representação dos desfiles da Congada pode ser verificada nos trabalhos realizados por esta tevê local por ocasião da Festa de Congada de 2004. Desta vez, além da transmissão ao vivo contínua e integral dos desfiles de ternos de congo e moçambique, a tevê convidou para seus programas “Mesa Redonda” capitães e presidentes dos maiores ternos de congo e moçambique da cidade, o que antes não ocorrera.

Houve também a preparação da Série Especial de Reportagens sobre as Congadas que trouxe trechos de diversas entrevistas com historiadores, padres, congadeiros e moçambiqueiros, Rei Congo e Rainhas Conga, além de trechos que representavam a Festa de Congada de 1984, vinte anos atrás, com as imagens dos ancestrais dos atuais dançantes.

Os esquemas técnicos, a formatação e edição das imagens representando os desfiles foram alterados, de modo que a transmissão passou a acontecer a partir da entrada cerimonial da imagem/ escultura do santo homenageado na avenida que marca o início dos desfiles de cada noite da Festa da Congada. Os desfiles passaram a ser transmitidos na íntegra sendo poucos os comentários e entrevistas realizados por repórteres durante os mesmos. .

O conteúdo dos programas que representaram a Festa de Congada de 2004, transmitidas via tevê local, deu ênfase aos aspectos específicos da “tradição” e religiosidade do grupo de congadeiros e moçambiqueiros, sem deixar de lado a importância da transmissão integral dos desfiles. Isto indica que os interesses do grupo de produtores desta maniFestação popular, referentes à conquista e uso do espaço midiático para a representação e, principalmente, valorização da Congada, foram respeitados.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. A indústria cultural. COHN, G. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. Televisão, consciência e indústria cultural. COHN, G. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

ALENCASTRO, L.F. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, M. de, *Danças dramáticas do Brasil*. São Paulo : Martins, 1959.

ACHUTTI, L. E. R. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo editorial; Palmarinca, 1997.

BALANDIER, G. *Antropo-lógicas*. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1997.

BALOGH, A. M. et al. (org.) *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo. Arte & Ciência Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1984.

\_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*. Vol.1 e 2. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1960.

\_\_\_\_\_. *O Candomblé da Bahia (Rito Nagô)*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985.

BOBBIO, N. “Estado”, Enciclopédia Einaudi, vol. 14. Lisboa: 1989.

BORLÉU, G., *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil*. Edição Fac-simile. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

BOURDIEU, P. A Gênese Social do Olho. *As regras da arte gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Un art moyen Essay sur les usages sociaux de la photographie*. Paris. Les Editions de Minuit, 1965.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil S. A., 1989.

BRANDÃO, C. R. *A Festa do santo de preto*. GO.FUNARTE/ Universidade Estadual de Goiás, 1985.

\_\_\_\_\_. *Memória do sagrado Estudos de religião e ritual*. São Paulo. Ed. Paulinas, 1985.

BRANDÃO, Théo. *Folguedos natalinos*. Maceió, Departamento de Assuntos Culturais Conselho Federal de Cultura, 2<sup>a</sup>. ed., 1973.

BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2004.

CALFIORI, L.F. *São Sebastião do Paraíso histórias e tradições*. São Sebastião do Paraíso MG: Prefeitura Municipal, 1996.

CALMON, F. *Relação das Faustíssimas Festas*. Versão Fac-simile. Rio de Janeiro: Edição FUNARTE, 1982.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos. Conflitos culturais da globalização* Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARDOSO, H.D.de F. *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a Congada da Ilha Bela*. 1982, 159f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Artes. Escola de Comunicação Artes. USP. São Paulo.

\_\_\_\_\_. *O gesto, o canto, o riso: história viva na memória*. 1990, 197f. Tese (Doutorado) Departamento de Artes. Escola de Comunicação e Artes. USP. São Paulo.

\_\_\_\_\_. “O samba diz no pé”, in ADAMI et al, *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo Arte e Ciência, 2002.

\_\_\_\_\_. Tambor, mídia e quilombo: mudanças. In ADAMI et al, *Mídia, cultura e comunicação 2*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

CARNEIRO, E. *Religiões negras negros bantos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1991.

CARVALHO, G.de. *Madeira Matrix: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1998.

CASSIANO, M.C. *Memórias Itinerantes: um estudo sobre a recriação das Folias de Re em Campinas*. 1999. 189f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas.

COHN, G. *Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1973.

COLLIER JR., J. *Antropologia visual A fotografia como método de pesquisa* São Paul EPU, 1973.

CUNHA, M.C.P. *Ecos da folia: uma historia social do carnaval carioca entre 1880 e 192* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DE PAULA, J., 1932 : *imagens construindo a historia*. Campinas, SP : UNICAM Piracicaba : UNIMEP, 1998.

DOWNING, J.D.H. *Mídia radical Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. S: Paulo. Arte & Ciência Editora, 2002.

DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo. Ed. Papirus, 1994.

FARIAS, E.S. *Ócio e negócio: Festas populares e entretenimento- turismo no Brasil*. 200 511f. Tese (doutorado). IFCH - Unicamp, Campinas.

FELDMAN-BIANCO, B. (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo. Global Universitária, 1990.

FELDMAN-BIANCO, B. LEITE, M. L. M. (orgs.) *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. São Paulo. Papirus, 1998.

FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972.

FLUSSER, V. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Portugal. Relógio d'água editores, 1998.

FRANCE, C. *Cinema Antropológico*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Librairie Hachette, 1934.

GALLOIS, D.T. Antropólogos na mídia: comentários acerca de algumas experiências de comunicação intercultural. FELDMAN-BIANCO, B. LEITE, M. L. M. (orgs.) *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. São Paulo. Papirus. 1998.

GEERTZ, C. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GONZÁLEZ, J. A. Retablitos y santuários entre la cultura y el poder. In *Anuário Unesco/ Umesp de Comunicação Social – Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, Universidade Metodista de São Paulo, Vol. 1, n. 1. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997. p. 213-236.

GOMES, P.G.; COGO, D.M. (org). *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinos, 1998.

GURAN, M. Fotografar para descobrir; fotografias para contas. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 10 (1): 155-165, 2000.

\_\_\_\_\_. *Linguagem Fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo. Vértice. 1990.

HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JANCSÓ, I. e KANTOR, I. (org.) *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo. Hucitec/ Edusp / Fapesp, 2001.

JOLY, M. *Introdução à Análise da Imagem*. São Paulo. Nova Fronteira, 1996.

KELLNER, D. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KI-ZERBO, J. (org) *História geral da África: I. metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/ UNESCO, 1980.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo. Ed. Ática, 1989.

LARA, S.H., Uma embaixada africana na América portuguesa. In JANCSÓ, I., KANTOR, I. (orgs.) *Festa, cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, Vol II. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, Imprensa Oficial, 2001, pg. 151-168.

LEACH, E. *Cultura e Comunicação. A lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1978.

LEAL, O. F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.

LEITE, M. L. M. *Retratos de Família*. São Paulo. EDUSP/ Fapesp, 1992.

LEITE, M.L. M., SIMSON, O. R. de Moraes Von. *Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa*. Textos CERU. n.º 3, 1992.

LIMA, R.T.de. *A ciência do folclore*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

LIMA, S. M. C. *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. São Paulo: FFLCH/ USP, 1983.

LOPES, M. I. V. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo. Edições Loyola, 2<sup>a</sup>.ed., 2001.

LUCAS, G. *Os sons do Rosário. O congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MACHADO, A. *A ilusão especular Introdução à fotografia*. São Paulo. Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Contra a Ibofização do pensamento*. DOWNING, J.D.H. *Mídia radical Rebelia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo. Arte & Ciência Editora. 2002.

MAFFESOLI, M. *Esthétique communautaire*. BALOG, A.M. et al. (org.) *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo. Arte & Ciência Editora, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura*. Santiago. Fondo de Cultura Económica, 2002.

MARTINS, L.M. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Ed., 1997.

MAUSS, M. *Sociedade e Antropologia*. São Paulo. EDUSP, 1974.

MORAES, D. (org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo. Ed. Record, 2004.

MORELLI, R. *Indústria Fonográfica. Um estudo antropológico*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1991.

MUKUNA, K. wa, *Contribuição Bantu na música popular brasileira*. São Paulo: Global Editora, sem data.

NOGUEIRA, V.M.V.M. *Televisão local e identidade cultural: a presença do povo na TV Beira Rio*. 2005, 210f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Comunicação. Unip. São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985.

POEL, Frei Francisco Van Der. *O Rosário dos Homens Pretos*. Minas Gerais. Imprensa Oficial, 1981.

PORTO ALEGRE, M. S. *Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual* FELDMAN-BIANCO, B. LEITE, M. L. M. (orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. São Paulo. Papyrus, 1998.

QUINTÃO, A.A. *Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de*

*Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*. São Paulo:Annablume Fapesp, 2002.

REIS, J.J. “Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista” JANCSÓ, I. e KANTOR, I. *Festa. Cultura e sociedade na América Portuguesa*. São Paulo. Hucitec/ Edusp/ Fapesp, 2001.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo : Comp. Ed. Nacional ; Brasília : INL, 1976.

ROSSINI, T. L. *et al. O Folclore do Litoral Norte de São Paulo*. São Paulo. FUNARTE/ Universidade de Taubaté, 1981.

SAMAIN, E. Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: O Jornal La Lumière (1851-1860). *In Revista de Antropologia*, São Paulo. USP. vol. 45, 2001.

SAMAIN, E.(org). *O Fotográfico*. São Paulo. Edusp/ Hucitec, 1998.

SCARANO, J. *Devoção e escravidão: A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMSON, O R. Moraes von. *Branços e negros no carnaval popular paulistano (1914-1988)*, 1989. 254f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. São Paulo.

SOARES, M. de C. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, M.de Mello. *Reis negros no Brasil escravista. História da Festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade. Forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SONTAG, S. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TACCA, F. *Sapateiro: o Retrato da Casa*. 1990, 275f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes. UNICAMP. Campinas.

TRAMONTE, C.; SOUZA, M.V. *A comunicação na aldeia global: cidadãos do planeta face à exposição dos meios de comunicação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

Universidade Católica de Minas Gerais - Extensão. *Introdução ao Estudo do Congado*. Belo Horizonte: Editora Littera Maciel, 1964.

VIANNA, H. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

WARNIER, J-P. *A mundialização da Cultura*, São Paulo: EDUSC, 2001.

## Anexo I

Os desfiles do terno de moçambique Zambiê de Angola observados durante o período desta pesquisa são realizados a partir da cantoria do “Juremê, Jurema” e do “Pisa crioulo”, músicas consideradas “tradicionais” pelos participantes deste terno.

A música “Juremê, Jurema” constitui-se de duas partes distintas e complementares: a primeira delas é realizada por meio da composição, geralmente improvisada na forma de “repente”, e se destina a homenagear o Rei Congo, a Rainha Conga, os Santos, jurados, entre outros. Estes versos improvisados necessariamente rimam com a segunda parte da música que é fixa e tradicional, a qual transcrevo seguir:

“Oh Juremê,  
Oh Jurema,  
A “foia” caiu do gaio, o Jurema,  
Foi nesse Cangado (diz-se também Congá).”

“Oh Juremê,  
Oh Jurema,  
A foia caiu do gaio, o Jurema,  
Foi nesse Cangado (diz-se também Congá).”

Para finalizar sua cantoria, o capitão do terno Zambiê de Angola canta o “Pisa crioulo”:

“Pisa crioulo, oi pisa, pisa devagar;  
Pisa crioulo, oi pisa, pisa devagar;  
Meu senhor, São Benedito  
Nossos passos vão guiar.  
Meu senhor, São Benedito  
Nossos passos vão guiar.”